

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

**A IMIGRAÇÃO CHINESA NO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO: REDES MIGRATÓRIAS NO LESTE
METROPOLITANO FLUMINENSE**

EDIVAN DE AZEVEDO SILVA DA COSTA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A IMIGRAÇÃO CHINESA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: REDES
MIGRATÓRIAS NO LESTE METROPOLITANO FLUMINENSE**

EDIVAN DE AZEVEDO SILVA DA COSTA

Sob a Orientação da Prof.^a Dr.^a

Miriam de Oliveira Santos

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Mestre em
Ciências Sociais**, no Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Março de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa, Edivan de Azevedo Silva da, 1990-
837i A imigração chinesa no Estado do Rio de Janeiro:
Redes migratórias no Leste Metropolitano Fluminense /
Edivan de Azevedo Silva da Costa. - 2018.
114 f.: il.

Orientadora: Miriam Santos.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Ciências Sociais, 2018.

1. Imigração Chinesa . 2. Redes Migratórias . 3.
Comércio Étnico . 4. Redes Comerciais.. 5. Hukou. . I.
Santos, Miriam, 1964-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Ciências Sociais
III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EDIVAN DE AZEVEDO SILVA DA COSTA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/03/2018

Prof.^a Dr.^a Miriam de Oliveira Santos, PPGCS/UFRRJ (Orientadora)

Prof. Dr. Helion Póvoa Neto, IPPUR/UFRRJ

Prof.^a Dr.^a Patrícia Reinheimer, PPGCS/UFRRJ

EPIGRAFE

Três coisas que nunca voltam: a flecha lançada, a palavra pronunciada
e a oportunidade perdida (Provérbio chinês).

DEDICATÓRIA

À Liane de Azevedo Silva da Costa, minha
mãe que ajudou nos momentos mais difíceis.

À Edevaldo Mourão da Costa (*in memoriam*),
pelo carinho e persistência.

AGRADECIMENTOS

Quando pensamos no término das monografias de graduação e especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, são inquestionáveis as dificuldades que os autores passaram para conquistar os devidos méritos, porém é preciso olhar um pouco mais a fundo e saber que nenhum trabalho acadêmico é concretizado sozinho. Todas as pesquisas são realizadas através de esforços e dificuldades baseados nos alicerces de nossas vidas. Estiveram por trás dos pesquisadores escritas acadêmicas, participações em congressos e trabalhos de campo, outras pessoas que não aparecem nas autorias dos trabalhos ou nas notas de rodapé, mas que foram fundamentais para concretização da pesquisa. A minha pesquisa foi realizada através do apoio e força de pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado. Os momentos que morei em Seropédica e estudei na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) foram marcados em minha vida com carinho e felicidade. Nessa fase da minha história conheci lugares novos e pessoas de várias regiões do País e de outros países. Fiquei encantado pela beleza arquitetônica e paisagismo do campus e pelas amizades que ganhei.

[...]

Agradeço a minha mãe, Liane de Azevedo Silva da Costa, pelos esforços para que eu pudesse cursar o mestrado morando muito distante de Seropédica. Além disso, por permitir que eu me dedicasse plenamente aos estudos na graduação e no mestrado. Obrigado mãe, pelo carinho e incentivo no mestrado, pela ajuda financeira, pelos almoços e lanches feitos por ti para que eu pudesse me alimentar durante a semana que morava no alojamento da Universidade, longe de casa. Agradeço pelos sacrifícios de ter deixado de comprar seus remédios da saúde e ter me ajudado nas passagens, xerox dos textos e livros. Não me esquecerei das suas preocupações por me ver virar madrugadas estudando e também por sair de casa às 04h:40 para que eu pudesse ir para UFRJ (Seropédica) estudar. Obrigado por ter sido a primeira pessoa a me ensinar a ler e escrever. Sou muito grato!

Não posso esquecer-me de uma pessoa que ao longo do tempo se tornou um amigo... Prof. Dr. Aldo Victorio Filho, do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (UERJ). Obrigado, mas muito obrigado por sua paciência em meus pedidos de ajuda. Sou agradecido pelas nossas conversas, conselhos e carinho. Mesmo morando distante, na Espanha devido ao pós-doutorado, você esteve disposto a ajudar nos momentos e horários mais surpreendentes. Sou agradecido pelas conversas de gênero, sexualidade e principalmente por sua visão crítica sobre o mundo. Fico bem agradecido pelo seu carinho e pela amizade. *¡Hombre, vuelve pronto a Brasil!*

Quero muito agradecer a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Miriam de Oliveira Santos pelas orientações e conselhos. Agradeço pelo seu rigor nas correções textuais, leituras assíduas, pela atenção dedicada ao meu tema de estudo e por compartilhar seu vasto conhecimento comigo. De fato, uma relevante contribuição que auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa e em minha formação acadêmica. Gostaria de agradecer também pelas dicas e conselhos.

Agradeço ao Prof. Dr. Helion Povia Neto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pelas discussões densas sobre movimentos migratórios e Planejamento Urbano e Regional que iniciaram quando eu ainda estava na graduação e cursava como ouvinte as disciplinas *Território e Mobilidade e Políticas Imigratórias no Brasil / Políticas Imigratórias Internacionais* nos anos de 2012 e 2013. Agradeço pelo acolhimento no Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM) no qual possibilitou aprofundamento de minhas reflexões sobre movimentos migratórios no mestrado. Além disso, gostaria de agradecer pelas contribuições no Exame de Qualificação e também na defesa que foram importantes para discussões teóricas e empíricas.

Nos momentos em que estive na UFRRJ conheci pessoas maravilhosas que se tornaram meus amigos e que levarei nossas amizades pelo mundo. Saudades das aulas de *Teoria Antropológica* do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA). Na verdade... Eu gostava das aulas, mas adorava ainda mais as conversas com minhas amigas Layla Priscila Souza Miranda¹ e Ingrid Constantino de Souza² no metrô, no ônibus, no trem e na barca. Obrigado pelas anotações das aulas que foram fundamentais para que nós pudéssemos estudar. Agradeço à Layla pela organização, atenção, amizade, sinceridade e disposição em ajudar no que fosse preciso. Agradeço à Ingrid pelos conselhos, dicas, sugestões, amizade, carinho, ombro amigo e as

¹ Vulgo Miss Senador Camará.

² Vulgo Miss Nilópolis.

longas conversas nos jardins da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Meninas, sem vocês a UFRRJ não teria graça.

Não posso deixar de mencionar o Prof. Dr. Gustavo Villela Lima da Costa e agradecer pelas dicas de referencial teórico nas aulas da disciplina *Nações, Nacionalismos e Identidades Étnicas* do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os debates teóricos travados nas aulas sobre os conceitos de ‘nacionalismo’, ‘nação’, ‘identidade étnica’ e ‘etnicidade’ através da revisão crítica na formação dos Estados Nacionais, a construção das identidades étnicas atreladas aos processos migratórios e aos conflitos globais. Agradeço por compartilhar as experiências que vivenciou nas fronteiras do Brasil e expor as realidades através da Antropologia.

Sou e serei agradecido às chinesas, chineses e seus descendentes por terem me permitido conhecer a fantástica cultura sínica. Sou agradecido pelos lanches e almoços nas pastelarias. Agradeço pelas amizades que foram construídas desde 2012 e pelo respeito que tiveram comigo por ser estudante e pesquisador. Falando em respeito... Tenho muito respeito e admiração pela luta diária de mulheres, homens, idosos, jovens e crianças da diáspora chinesa em busca de uma melhor condição de vida no Brasil, no Paraguai e na China e no mundo. Foi através trocas de conversas entre brasileiros que vocês conheceram o significado da palavra “saudade”. Foi através dessa palavra que vocês me apresentaram a China. Obrigado por terem aberto suas vidas, compartilhando alegrias e tristezas. Não me esquecerei das correções das palavras em mandarim e em cantonês. Agradeço às crianças por serem gentis por traduzirem algumas expressões e falas que não consegui entender.

Sou muito agradecido pelo carinho da Prof.^a Dr.^a Patrícia Reinheimer do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFRRJ pelas referências bibliográficas / antropológicas no Exame de Qualificação e na Defesa. Obrigado por ter aceitado o convite de compor minha de defesa de mestrado e principalmente por importante contribuição em minhas pesquisas.

Lembrarei-me da amizade de um goiano “ruralino” (UFRRJ) do mestrado e posteriormente doutorando em Fitotecnia / Agronomia da UFRRJ chamado Carlos Augusto dos Santos. Obrigado pelas nossas conversas pelo campus da Universidade sobre planos para o futuro, discussões políticas, besteiras e piadas. Lembro que você me esperava pontualmente às 08h em frente ao prédio do P1 ou da Biblioteca Central do campus para que pudéssemos conversar sobre política, vida e desabafos. Obrigado pelos almoços e jantares no Restaurante Universitário, sempre havia assuntos novos em nossas conversas. Caro amigo, lembrar-me-ei

de nossas visitas às atrações das Olimpíadas Rio 2016³. Sou muito agradecido por ter me recebido em sua casa para que pudesse dormir e acordar para minhas responsabilidades na UFRRJ. Obrigado pela sinceridade, amizade, carinho e por suas piadas engraçadas.

Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ pelas discussões na disciplina *Globalização, Estado e Território* que refletiram sobre as novas formas de reorganização do Estado e também do território social no sistema do capitalismo contemporâneo mediante a globalização. Obrigado pelos debates da história econômica e da economia política internacional da China na contemporaneidade.

Não posso deixar de comentar sobre a querida cientista social, Bruna Lassé Araújo pelas nossas conversas sobre o cotidiano da pós-graduação *stricto sensu*. Nossas conversas sobre gênero, religião, identidade, sexualidades e relações interpessoais são sempre as melhores com muitas cervejas. Agradeço pelo carinho e por compartilhar sua visão de mundo. Agradeço pela agenda de presente de aniversário que foi meu caderno de campo etnográfico. Obrigado pela amizade!

Obrigado ao Prof. Dr. Ricardo Rezende Figueira do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) / Escola de Serviço Social (ESS) da UFRJ por nossas conversas, sugestões e discussões sobre a imigração chinesa no Brasil e trabalho escravo no estado do Rio de Janeiro. Obrigado pela atenção que teve em querer conversar comigo e do Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC). Nossas trocas de experiências sobre as investigações da imigração chinesa foram importantes para que pudesse entender a dimensão migratória a partir do trabalho e dos direitos humanos.

Sou grato a todas e todos os funcionários da Biblioteca Central da UFRRJ pela maneira carinhosa e ajuda quando estava perdido pelas estantes a procura de um livro. Muito obrigado pelos empréstimos (mais que) especiais de livros para que pudesse estudar em casa por mais tempo e tranquilidade.

É preciso lembrar-se da Prof.^a Dr.^a Thereza Cristina Cardoso Menezes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRRJ pela sua didática e principalmente no domínio sobre a história do pensamento antropológico. As aulas de *Teoria Antropológica* ministradas pela Prof.^a Thereza Menezes no CPDA foram fundamentais para minha formação nas Ciências Sociais.

³ Eu me lembrei daqueles enormes copos de cervejas que bebíamos no Centro do Rio de Janeiro.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Flávia Braga Vieira do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFRRJ por sua atenção e gentileza na disciplina de *Tutoria* por indicar os primeiros caminhos que poderia seguir na pesquisa. Obrigado pela maneira educada e atenciosa em que fui atendido nos horários fora da disciplina e também pelas discussões em sala de aula sobre materialismo histórico-dialético.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro agradeço pelo ensino, pesquisa e extensão. Obrigado pela dedicação e atenção a todos os alunos.

Muito obrigado ao geógrafo e doutorando Gustavo Junger da Silva por ter me recebido no IBGE para me explicar sobre manuseio de dados estatísticos e pelos nossos debates geográficos.

Serei muito grato, ao pesquisador do IBGE, Dr. Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira por processados todos os dados dos censos demográficos que pedi de modo rápido e organizado.

[...]

...Obrigado, MUITO OBRIGADO.

RESUMO

COSTA, Edivan de Azevedo Silva da. **A imigração chinesa no estado do Rio de Janeiro: Redes Migratórias no Leste Metropolitano Fluminense.** 2018. 114p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018.

A pesquisa da qual resulta esta dissertação deriva do aprofundamento das minhas investigações ao longo de seis anos sobre a imigração chinesa no estado do Rio de Janeiro, nas quais busco cartografar as redes migratórias na região metropolitana fluminense. O presente trabalho, através das Ciências Sociais, teve como objetivo compreender as redes migratórias na região metropolitana do Rio de Janeiro dando destaque ao município de São Gonçalo. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e etnográficas e a principal conclusão foi que os imigrantes chineses no município de São Gonçalo relacionam-se com diversos outros grupos da diáspora chinesa e pensam na sua imigração como temporária.

Palavras-chave: Imigração Chinesa; Redes Migratórias; Comércio Étnico.

ABSTRACT

COSTA, Edivan de Azevedo Silva da. **The Chinese immigration in the state of Rio de Janeiro: Migration Networks in the Metropolitan East Fluminense.** 2018. 114p. Dissertation (Master in Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018.

The research resulting from this dissertation derives from the deepening of my research over six years on Chinese immigration in the state of Rio de Janeiro, in which I seek to map the migratory networks in the metropolitan region of Rio de Janeiro. The present work, through the Social Sciences, is aimed to understand the migratory networks in the metropolitan region of Rio de Janeiro highlighting the municipality of São Gonçalo. Bibliographical, documentary and ethnographic researches was carried out and the main conclusion was that Chinese immigrants in the municipality of São Gonçalo are related to several other groups in the Chinese diaspora and think of their immigration as temporary.

Key Word: Immigration; Migration Networks; Ethnic Trade.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Mobilidade chinesa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.	41
Mapa 02 – Primeira Presença chinesa no município de São Gonçalo.	45
Mapa 03 – Segunda presença chinesa no município de São Gonçalo.	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Registro de estrangeiros no município de São Gonçalo.	43
--------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

Introdução.	17
Desdobramentos e abordagens empíricas sobre os movimentos migratórios.	22
Capítulo I – A China e os chineses: As diásporas chinesas e a identidade nacional.	24
Movimentos migratórios e diásporas chinesas.	24
Ameaça ou não à identidade nacional brasileira? – Discussões políticas no Estado Brasileiro e a imigração chinesa.	29
Capítulo II – Aspectos Contemporâneos das migrações chinesas.	37
<i>Hukou</i> e a imigração chinesa.	37
A (i)migração chinesa no município de São Gonçalo.	44
Capítulo III – Redes migratórias na Região Metropolitana Fluminense: Etnografia da comunidade chinesa no município de São Gonçalo.	49
Anotações e práticas de observação: Inserção nos trabalhos de campo.	49
Etnografia e o diário de campo.	50
O Ano é do Galo: Comemorações do Ano Novo Chinês.	58
Etnógrafo: Cliente observador externo e estranho participante interno.	63
Cliente observador externo.	64
Estranho participante interno.	71
Estratégias étnicas no comércio.	74
Língua chinesa: As aulas de mandarim.	80
Pastelarias chinesas.	89
Chineses no comércio popular de São Gonçalo.	93
Conclusão.	100
Referências bibliográficas.	103
Anexos.	111

INTRODUÇÃO

Quando era criança, por volta dos oito até os doze anos de idade, adorava ir com meu pai nas manhãs dos dias de domingo à feira de trocas e vendas do bairro do Alcântara, localizado geograficamente no centro do município de São Gonçalo, no leste da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Segurava a mão do meu pai e pedia para que entrássemos na feira pela Rua João Caetano⁴ para que pudesse ver os brinquedos e jogos que estavam expostos para serem vendidos. Eu ficava fascinado com os brinquedos e jogos de várias cores, luzes e sons. Nós íamos juntos até o término da rua e atravessávamos outras ruas para chegarmos ao lugar de interesse do meu pai – venda e trocas de CDs⁵ No horário do almoço, voltávamos para casa e passávamos pela mesma rua e pedia ao meu pai algum brinquedo e quando era possível ele comprava. Quando criança tentava ler nas caixas dos brinquedos palavras em inglês e “japonês”⁶, todavia só conseguia entender apenas uma frase na língua inglesa: *Made in China*. Perguntava ao meu pai onde ficava a China, ele dizia que ficava longe e que era o local de onde vinham os chineses das pastelarias do Alcântara. Ao longo dos anos crescia minha curiosidade sobre a China e por qual motivo a maioria dos produtos – falsificados da feira do bairro – eram oriundos daquele país. Durante o período da adolescência, ainda mantinha a curiosidade da infância sobre a China e os chineses, mas não havia muitas notícias sobre esse país nos meios de comunicação.

Aos quinze anos, quando era aluno do Ensino Médio em uma escola pública, fazia o percurso casa-colégio-casa e passava por várias lanchonetes que são conhecidas popularmente como “pastelarias” e também por estabelecimentos comerciais famosos pelo nome “Lojas de 1,99”, das quais os proprietários eram os chineses. Ficava curioso por serem os primeiros estabelecimentos a abrirem às 06h:30min e os últimos que fechavam após 20h:30min. Achava “estranho” os chineses por serem pessoas com fenótipos diferentes do que estava acostumado a ver em meu cotidiano urbano periférico-ocidental e por falarem pouco e errado a língua portuguesa.

Mesmo achando aqueles imigrantes que viviam em São Gonçalo pessoas estranhas e exóticas, eu queria saber quem eles eram e por qual motivo estavam naquele lugar que não era

⁴ Também conhecida popularmente como “Rua da Feira”.

⁵ Músicas clássicas e de décadas 1960, 1970, 1980 e 1990.

⁶ Após dez anos descobri que os ideogramas não eram japoneses, eram chineses.

naturalmente de pertencimento deles⁷. Assim, devido às idas e vindas em frente as pastelarias, tomei coragem para entrar e lanchar. Lembro que estava com receio devido aos estigmas que já havia escutado sobre os hábitos de pouca higiene dos chineses. Quando entrava nas pastelarias percebia que aqueles lugares possuíam atmosfera diferente de qualquer rua comum de São Gonçalo – até mesmo o cheiro era diferente. Percebi que várias pastelarias/lanchonetes possuíam elementos característicos da diáspora chinesa através de quadros de Mao Zedong⁸, ideogramas chineses e esculturas de gatos⁹. Eu, um rapaz ocidental e envergonhado, passei a frequentar constantemente as pastelarias próximas de minha escola, pois mesmo não compreendendo o universo dos imigrantes eu queria saber quem seriam aquelas pessoas e o que as traziam ao meu encontro.

No início tive dificuldade em conversar com eles pois ainda me causavam estranhamento. A barreira da língua era evidente, eu, obviamente, não entendia o idioma que falavam entre si, o Mandarim, e eles, por sua vez, falavam pouco o Português, além da dificuldade por não conhecer os códigos de sociabilidade daquele grupo. Desse modo, ao longo do tempo consegui estabelecer contatos com alguns imigrantes chineses e seus descendentes que trabalhavam nas pastelarias. Eles tinham entre quinze a dezoito anos, dominavam mandarim e português, tinham morado a maior parte da vida deles no Brasil e possuíam domínio dos códigos das relações das sociedades chinesa e brasileira. Através das conversas nas pastelarias, amizades foram construídas com chineses da mesma faixa etária que a minha. Dessa forma, consegui em minha adolescência penetrar no grupo dos imigrantes chineses do leste metropolitano fluminense.

Em 2010, no primeiro dia de aula na graduação em Geografia na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi dito por um professor que no final do curso todos os graduandos precisariam realizar uma pesquisa de monografia sobre um tema científico que despertasse interesse. Confesso que em meu primeiro dia de aula da graduação e também em contato com a Academia já desejei desenvolver algo sobre a China e os chineses mesmo sem saber o que seria¹⁰. Desde o princípio do curso, me senti atraído pelas questões dos direitos humanos que poderiam ser nas

⁷ Ao longo do tempo percebi que eu estava errado ao acreditar que os imigrantes chineses não pertenciam a São Gonçalo. Descobri que todos os indivíduos pertencem aos lugares em que queiram se estabelecer.

⁸ Nesta dissertação será empregada a escrita utilizada na língua portuguesa.

⁹ Conhecidos como *Maneki Neko*, que representa como “gato da sorte”, no folclore chinês. É comum em estabelecimentos colocarem *Maneki Neko* por acreditarem que poderá atrair sorte e dinheiro.

¹⁰ Quando eu tinha dezessete anos assisti a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão de 2008, sediados em Pequim na China, e despertaram meu interesse pela **sinologia**. A sinologia consiste nos estudos sobre a cultura e civilização chinesa baseada na língua, política, economia, história etc.

ciências sociais um instrumento de luta para seu enfrentamento e respostas. Minha inserção no grupo sínico de São Gonçalo possibilitou a minha primeira pesquisa sobre essa temática, a monografia intitulada: *Da China ao Brasil: Uma análise da imigração chinesa no município de São Gonçalo (RJ)* (COSTA, 2014).

Nessa primeira pesquisa foi possível perceber a importância das redes migratórias chinesas baseadas na identidade étnica com função social de proteção e ajuda mútua. As redes migratórias chinesas são caracterizadas pelo apoio entre indivíduos do mesmo grupo étnico, regional ou nacional através de indicação de vagas de emprego em estabelecimentos de chineses e ajuda em alocação de imóveis – para fins comercial ou residencial. Ademais, são nas redes migratórias que estão as informações necessárias para imigrar ao Brasil e também migrar pelo interior do território brasileiro. Truzzi (2008, p. 209) afirma que “O conceito de redes enfatiza que essas duas esferas entram em contato e se concretizam no interior de uma trama de relações pessoais, através das quais fluem as informações sobre trabalho disponível”. Ao longo desta pesquisa observei que os chineses imigraram e migraram para região metropolitana do Rio de Janeiro através de informações sobre as vantagens de viver e trabalhar em São Gonçalo e em municípios do Leste Fluminense.

[...] no marco das cadeias migratórias, em várias ocasiões, o próprio contato no país de destino do potencial emigrante facilitava parcialmente ou mesmo financiava integralmente sua viagem. Este podia ser um parente (é muito comum, por exemplo, tios chamando sobrinhos, ou irmãos chamando irmãos) ou um conhecido já instalado na região de destino, que buscava convencer indivíduos à emigração (TRUZZI, 2008, p. 203).

No ano de 2014, com a conclusão da graduação, decidi dar continuidade aos estudos sobre os deslocamentos migratórios de chineses no leste metropolitano fluminense. Nesse mesmo período, meus vínculos pessoais com a comunidade sínica se aprofundaram, permitindo que eu percebesse como a imigração chinesa no leste metropolitano do Rio de Janeiro é ainda pouco conhecida, pois os estudos a esse respeito privilegiam os grandes centros urbanos, além dos chineses constituírem um grupo de imigrantes pouco estudados no Brasil.

Em 2016, ingressei na turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para continuar a pesquisa desenvolvida na graduação sobre imigração chinesa. Esta pesquisa busca compreender e analisar os movimentos migratórios em redes no município de São Gonçalo. Parto da premissa inicial de redes atreladas às migrações, acreditando que os deslocamentos

migratórios, mesmo os de sujeitos aparentemente isolados, constituem uma imensa rede em que circulam pessoas, informações, dinheiro, de modo formal ou informal (PÓVOA NETO, 2005).

Como toda migração massiva, os imigrantes chineses contribuem para a formação de um novo cenário e, muito frequentemente, as estatísticas oficiais mostram um acréscimo significativo desse grupo concentrado nas regiões metropolitanas brasileiras. Desta forma, a região metropolitana do Rio de Janeiro tem se tornado lugar de imigração e remigração de chineses. Através de relatos de chineses e da observação participante inserida na etnografia, descobri que a região metropolitana do Rio de Janeiro se tornou lugar de interesse para imigração chinesa pela possibilidade de inserção no comércio heterogêneo e de trabalhar com mais facilidade. Ademais, passou a ser lugar de re-emigração por já existirem redes migratórias de familiares e amigos, que garantem a possibilidade de permanência nos estados de São Paulo, Paraná e no Paraguai, contudo sabendo da possibilidade de retorno caso seja necessário¹¹.

O fenômeno da imigração chinesa no município de São Gonçalo no leste metropolitano fluminense é relativamente novo e a pesquisa não encontrou ainda nenhum estudo sobre a projeção deste grupo. Os chineses tornaram-se novos atores no cenário social da cidade em setores que perpassam temas muito significativos das Ciências Sociais. Em São Gonçalo, os chineses são conhecidos popularmente por serem os donos das lanchonetes/pastelarias nas quais vendem alimentos com temperos específicos que são do agrado dos brasileiros. Os chineses em São Gonçalo são lembrados pelos brasileiros por serem os donos das lojas de produtos falsificados (conhecidos como “piratas”) e mais baratos, importados da China e por estarem concentrados nos bairros Alcântara e Centro.

A China e o Brasil são dois Estados Nacionais, que foram constituídos por processos históricos, políticos, culturais e econômicos de modos diferentes. Esses países estão em lados opostos do globo terrestre, que exigem nas viagens aéreas da China para o Brasil mais de trinta horas. “Uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade” (SAYAD, 45, p. 1998). Refletir sobre os movimentos migratórios proporcionam

¹¹ Através de relatos, foi possível identificar remigrações de chineses que migraram do município do Rio de Janeiro para São Gonçalo e nos anos seguintes voltaram a viver na capital fluminense. Outros municípios de migração interna pela região metropolitana fluminense, como Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Niterói e Itaboraí também apresentam essa característica de remigração.

reflexões que nos conduzam a buscar compreender sobre a imigração chinesa no panorama atual da globalização.

De acordo com Castells (1999), a identidade está associada à ideia de progresso e construção, que não se reduz à adoção pura e simples de bens materiais e simbólicos ou de uma história comum. A construção das identidades é parte integrante de processos identitários que as permitem ser criadas e ser recriadas. Nessa perspectiva, outro aspecto sobre a produção da identidade que merece ser destacado é o “conflito”. O conflito é parte importante da construção identitária na medida em que as identidades em jogo são reconhecidas por meio de conflitos. Sem conflitos não há identidade. Segundo Pierre Bourdieu (2005), todo o campo é constituído por disputas entre os agentes dos recursos materiais e simbólicos. Nas leituras de Stuart Hall (2003), a identidade cultural na pós-modernidade tem um aspecto de descentramento, deslocamento, e não é algo fixo e imutável.

Nesse sentido, a sociabilidade presume determinado vínculo social através de relações sociais enfocadas no grupo. Os imigrantes chineses em São Gonçalo buscam preservar a identidade chinesa através de elos com outros nacionais, por acreditarem que os valores da sociedade chinesa – atrelados ao confucionismo – podem ser esquecidos pelas futuras gerações no Brasil. Outros exemplos de elos nacionais são: a manutenção de vínculos como viagem, educação dos filhos nos primeiros anos de vida na China para que possam ser alfabetizados e comemorações de datas que remetem à cultura chinesa. Para os chineses ser “chinês” é a expressão máxima de sua identidade que está atrelada ao seu modo de enxergar a sociedade e de se relacionar com outros nacionais.

Ser chinês é lembrar que é só mais um pelo mundo. Sou chinês e sei que sou mais um por aí, sou um nada. [sic] Mas posso te dizer que ser chinês é dizer que para mim, minha filha e todos [nós] que não estamos sozinhos. Somos muito e não ficamos sozinhos. Ser chinês, né... Ser chinês é saber que temos muito tempo no mundo. Eu sou velho, né? A China é mais velha do que nós. Eu mais, sou um chinês igual a muitos. Somos todos unidos pela China e sua grande força. Tem gente da família em São Paulo, Rio [de Janeiro], China, Rússia, Paraguai, Estados Unidos e Austrália. Nós somos fortes por sermos da China. O passado nosso, das famílias chinesas no mundo vem da China. Todo chinês no mundo tem igual uma ligação por virmos de unido lugar, China! (Eric, chinês, aproximadamente, 40 anos).

Desdobramentos e abordagens empíricas sobre os movimentos migratórios

A pesquisa da qual resulta esta dissertação deriva do aprofundamento das minhas investigações ao longo de seis anos sobre a imigração chinesa no estado do Rio de Janeiro, nas quais busco cartografar as redes migratórias na região metropolitana fluminense. O presente trabalho, através das Ciências Sociais, tem como objetivo compreender as redes migratórias na região metropolitana do Rio de Janeiro dando destaque ao município de São Gonçalo. O município de São Gonçalo possui a segunda maior concentração de imigrantes chineses no estado do Rio de Janeiro. Esse grupo se concentra nos bairros do Alcântara, Centro e Zé Garoto, bairros com maior densidade demográfica da cidade.

Os chineses, que em sua maioria são oriundos da província de Guangdong, moram próximo ao local de trabalho em condomínios que são caracterizados pela concentração de famílias chinesas. Residem em apartamentos que reúnem até trinta pessoas – entre familiares e amigos com formas de sociabilidades e regras de condutas próprias. Aparentemente, a preferência por essa vivência está vinculada à necessidade de aproximação com outros nacionais com objetivo de proteção mútua. As pesquisas de Mello e Callegari (2015) sobre a imigração chinesa na metrópole do Rio de Janeiro, confirmam os resultados que obtive em meu primeiro trabalho – monografia de graduação (2012-2013) sobre essa temática e também no mestrado (2016-2107).

Os chineses que estão há menos tempo no Brasil costumam morar em grupos num mesmo imóvel, apartamento e casa, em números que podem chegar a 20 e 30 pessoas [...]. Aos mais próximos e oriundos da mesma cidade na China costumam tratar por família. Os imigrantes que estão no Brasil vêm principalmente da província de Guangdong, ou província de Cantão, e seguem uma rota de imigração já antiga e tradicional. A maioria vem com a ajuda e o estímulo de parentes, tios, primos e conhecidos próximos. Nestes casos chegam ao Brasil com algum suporte para encontrar emprego e moradia ainda que em caráter temporário (MELLO; CALLEGARI, 2015, p. 05).

O comércio heterogêneo em São Gonçalo de produtos importados da China, conhecidos popularmente como *Made in China*, e as lanchonetes se encontram saturados para muitos chineses devido à competição com membros de outros grupos étnicos (angolanos, bolivianos e senegaleses), com outros chineses e também com comerciantes brasileiros. A busca por novos mercados urbanos impulsiona a migração de chineses para outros municípios do leste metropolitano, o que ocasiona a expansão das redes migratórias. A busca por novos mercados em outros municípios representa maior oportunidade de ganhos financeiros, que resultarão em escolhas como a possibilidade de retorno à China, viver em centros urbanos chineses e auxílio financeiro familiar.

No primeiro capítulo, *A China e os chineses: As diásporas chinesas e os movimentos migratórios*, serão discutidas as teorias dos movimentos migratórios com ênfase nas mobilidades chinesas por análises históricas e espaciais. Serão abordadas as emigrações e imigrações dos processos históricos internos na China que culminaram em análise da diáspora sínica. Buscarei compreender e destacar que a diáspora chinesa possui características peculiares, pois mantém laços econômicos e identitários com a China. Será realizado um resgate histórico dos debates políticos nos séculos XIX e XX sobre as permissões de entrada de estrangeiros em território brasileiro calcadas sobre os interesses da contratação de chineses como mão de obra trabalhadora nas lavouras e na construção da identidade nacional brasileira que foi conhecida como “A Questão Chinesa”.

Já no segundo capítulo, *Aspectos contemporâneos das migrações chinesas*, apresentarei uma breve análise histórica sobre as conjunturas políticas chinesas que corroboraram nas mobilidades migratórias sínica. Será feito um resgate contemporâneo sobre a imigração chinesa no Brasil através do recorte histórico que contempla da segunda metade do século XX até os dias atuais. Também serão apresentados e discutidos dados secundários sobre a imigração chinesa no Brasil através de informações obtidas na Polícia Federal.

O terceiro e último capítulo da dissertação, *Redes migratórias na região metropolitana fluminense: Etnografia da comunidade chinesa no município de São Gonçalo*, será dedicado ao resultado da(s) pesquisa(s) de campo realizadas no município de São Gonçalo com o objetivo compreender, analisar e cartografar a imigração chinesa e as redes migratórias naquele contexto. Para tanto, foi necessário um breve levantamento bibliográfico sobre a discussão teórica entre vários autores de trabalhos dedicados às mobilidades chinesas. Vale mencionar que para esta etapa da pesquisa a metodologia aplicada foi à etnografia, que possibilitou maior aprofundamento no debate e a observação adensada sobre a temática.

CAPÍTULO I – A CHINA E OS CHINESES: AS DIÁSPORAS CHINESAS E A IDENTIDADE NACIONAL

Movimentos migratórios e diásporas chinesas

Antes de aprofundarmos nossa análise aqui, faz-se mister explicitar que, embora o termo “diáspora”¹² esteja histórico discursivamente ligado aos judeus, atualmente ele é usado para designar a existência de comunidades amplamente espalhadas pelo mundo – armênios, indianos, portugueses, gregos e chineses. Conforme Bruneau (1995) *apud* Haesbaert (2005) a concepção da diáspora é atrelada a reivindicar a identidade nacional ou étnica; vivência associativa através de instituições de cunho religioso, político ou cultural que possibilita associativismo e sociabilidades; presença de rede sociais de modo imaginário ou real, vinculado ao território de origem. O movimento diaspórico possui a memória como base para estabelecer identidade e as referências sociais, espaciais e culturais. Segundo o geógrafo Pedro Pinchas Geiger (1998), ao analisar as espacialidades da diáspora judaica como fenômeno da mobilidade humana é possível definir a diáspora em longas distâncias, separação parecida com o exílio e também remetendo ao tabu do retorno, interligando as múltiplas comunidades de uma população através de redes espalhadas geograficamente. A diáspora contribui para fortalecer conceitos como “dupla consciência”. Seu discurso reflete o sentimento de pertencer a uma rede transnacional, que inclui a terra-mãe não como algo que ficou para trás, mas como um local de conexão com a modernidade. De acordo com Geiger (1998), os sujeitos em diáspora:

- Mantém uma memória ou mito sobre sua terra de origem e, por isso, estão comprometidos com a restauração simbólica da mesma (criaram uma “geografia imaginária” – A Terra Prometida, como a terra-mãe);
- A paisagem tem um papel crucial para a construção desta memória espacial e;
- Manutenção da identidade por uma força interna e externa.

Em um aspecto inicial, é importante dizer que a diáspora chinesa não é homogênea e nem única. Adjetivá-la dessa forma parece um tanto simplista e reducionista, além de um grave erro histórico. Na verdade, ela se apresenta como plural e não como uma diáspora

¹² É originário da língua grega para dizer “grãos dispersos”, “dispersão”. Para mais conhecimentos cf. HALL (2008).

somente. Wei-Ming (1994 *apud* Rodrigues 2016) afirma que os movimentos diaspóricos chineses são devido às novas gerações e pela perpetuação das migrações articuladas em redes. Góes (2013) aponta em seus estudos que os chineses vieram para o continente americano como trabalhadores antes das grandes migrações – principalmente de europeus nos séculos XIX e XX. Segundo a pesquisa de Piza (2015):

Pela mesma razão dos efeitos da performatividade discursiva e identitária do uso do termo “diáspora chinesa”, **pode-se invocar como forma mais apropriada a expressão “chineses ultramarinos”, que é a tradução literal das formas mais frequentes de se referir a eles em chinês.** Em mandarim (chinês padrão) ou outros idiomas e dialetos dos chineses, não há a utilização de um correspondente direto de diáspora ou algo que contenha seu valor contextualizado e ressignificado (PIZA, 2015, p. 84, grifo nosso).

De acordo com as pesquisas de Gungwu (1991, *apud* LEW & WONG, 2002 *apud* SORRENTINO, 2013) as diásporas chinesas são definidas em quatro momentos históricos através de várias mobilidades migratórias. O primeiro movimento diaspórico sínico iniciou no século III a.C. e foi até o século XVI. Essa primeira fase da diáspora chinesa é determinada por pessoas atreladas ao comércio no sudoeste asiático que trocavam e vendiam produtos. As viagens além da China fizeram com que esses comerciantes criassem vínculos onde se estabeleciam através de moradias e trabalhos, porém não perdiam os vínculos com a China.

Ao longo da Dinastia Qing (1644-1912) ocorreram transformações nos movimentos emigratórios decorrentes de proibições de chineses que tentavam sair da China e até punições que resultaram no segundo momento da diáspora chinesa nos séculos XIX e XX. “A maioria dos chineses ultramarinos emigrou na segunda metade do século XIX e na primeira do século XIX, instigados pelos problemas políticos e sociais e pela projeção imperialista em outros países da Ásia” (HAESBAERT, 1994, p. 79). Devido ao advento da Primeira Guerra do Ópio. (1839-1842), Segunda Guerra do Ópio (1840-1860), a Guerra do Boxers (1899-1900) e a derrota na guerra sino-japonesa (1894-1895), nas quais países como França, Alemanha, Rússia, Holanda, Estados Unidos, Itália e principalmente o Reino Unido passaram a ter controle sobre a Dinastia Qing. O movimento imigratório de chineses é muito remoto e deu-se em meados do século XIX devido à Guerra do Ópio para vários continentes. Não ficou apenas concentrada em países do sudeste asiático, que contemplam 80% da diáspora chinesa (PINHEIRO-MACHADO, 2006). A Guerra do Ópio se deu por meio de agressiva intervenção comum a aquele período da disputa colonial europeia, ou seja, por meio de negociação de

vantagens no comércio, abertura de portos e partes do território da China, a qual, por sua vez, se desmantelava sob as guerras com as potências europeias (SORRENTINO, 2013).

[...] Guerra do Ópio, intervenção Anglo Francesa, firmação de tratados, através dos quais os impostos alfandegários não mais ficariam sob jurisdição chinesa; as mercadorias estrangeiras passaram a entrar na China pagando um imposto irrisório e dificultando assim o mercado interno chinês. Toda esta importação de opressão chegou a tal ponto que o povo chinês começou a emigrar. Até o século XIX, comerciantes estrangeiros chegavam em grandes quantidade à China, principalmente ao sul. Através deles é que os chineses ficavam a par da situação de outros países. Atraídos pelas informações otimistas seguiam para o exterior (YANG, 1977, p. 423).

Devido à insegurança, temor às consequências dos conflitos e empobrecimento da China, parte da população deixou o país. A emigração sínica interessava ao Reino Unido para atender à necessidade de mão de obra em minas de ouro e construção de ferrovias nos Estados Unidos, Canadá, África do Sul, México e Austrália. Os trabalhadores chineses levados à América do Norte foram denominados de *coolies*¹³ (SORRENTINO, 2013; TREVISAN, 2014). Esse vocábulo pejorativo que designa os trabalhadores asiáticos – indianos, chineses de baixa qualificação que imigraram no século XIX (com mais ênfase entre as décadas de 1840 a 1860) para trabalharem na agricultura em países americanos e colônias europeias na Ásia e na Oceania. “O comércio dos *coolie* é visto dentro do panorama da emigração mundial como emigração oriental em direção ao Ocidente ou às colônias de potências ocidentais localizadas no Oriente” (YANG, 1977, p. 420). Na América do Norte, América Central, Caribe e América do Sul a inserção de *coolies* na agricultura e na construção de estradas era de interesse devido aos baixos salários que eram levados a aceitar e por substituírem a mão de obra escrava recentemente abolida (SORRENTINO, 2013). Os chineses que emigraram da China eram oriundos da província de Guangdong e foram contratados por fazendeiros e empresas-colônias, todavia, eram enganados e tinham tratamento como escravos. “Durante o contrato eram descontadas as despesas com transporte. Não havia diferença entre *coolie* comprados e os escravos, ambos eram marcados a ferro, chicoteados e insultados” (YANG, 1977, p. 425).

¹³ Sobre os *coolies*:

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

YANG, Alexandre Chung Yuan. “O comércio dos ‘*coolie*’ (1819-1210)”. In: **Revista de História da USP**. São Paulo, número 112, 1977, pp. 419-428. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62243>. Acesso em: 21 de outubro de 2017.

Outro momento que configura como a terceira diáspora chinesa em meados do século XX, foi devido aos conflitos armados na Guerra Civil Chinesa (1927-1937 e 1946-1949) entre membros do Partido Nacional Chinês – Kuomintang liderado pelo general Chiang Kai-shek e também do Partido Comunista Chinês sob a liderança de Mao Zedong. Em 1949, devido às perseguições e assassinatos, chineses intelectuais, profissionais qualificados e membros da elite chinesa apoiadores do Kuomintang com o líder Chiang Kai-shek fugiram para Ilha de Formosa onde transferiram a República da China – também conhecida como Taiwan (SORRENTINO, 2013).

O PCC restaurou a unidade continental do império chinês, mas os seus rivais do Guomindang [Kuomintang] refugiaram-se na Formosa. Paralelamente, nos termos dos acordos de Yalta, a União Soviética tinha adquirido uma posição predominante na Manchúria e no Sinkiang e a China tinha reconhecido a República Popular da Mongólia como um Estado independente. Além disso, Portugal e a Grã-Bretanha mantinham as suas colônias em Macau e em Hong Kong (GASPAR, 2014, p. 109).

Devido as vitórias dos comunistas sobre os nacionalistas, inicia em 1966 a Revolução Cultural Chinesa que perseguiu e matou membros e apoiadores do partido nacionalista. Por causa do clima de tensão de possíveis invasões por membros do Partido Comunista Chinês a Taiwan, chineses imigraram para Estados Unidos, Canadá e Austrália. “[...] dois fatores assinalam mudanças nas diásporas contemporâneas, relacionadas com as transformações estruturais da China: migrações de mão de obra temporária contratada e de qualificação profissional” (PIZA, 2015, p. 86). De modo amplo, os movimentos migratórios possuem como pontos de partidas as regiões sudeste e sul nas províncias Guangdong e também Fujian, devido à importância do comércio marítimo e das migrações de cantoneses, desde o século XVI devido à relevância dos portos de Guangzhou (VÉRAS, 2008; PINHEIRO-MACHADO, 2009; SORRENTINO, 2013).

Finalmente, na década de 1970, após transformações do regime comunista por Deng Xiaoping que realizou abertura da China para o mundo após trinta anos de isolamento político. Seu projeto de “socialismo com características chinesas”¹⁴ visava como política que

¹⁴ “[...] designação corrente para as transformações contemporâneas classifica a China como ‘socialista’. Mas quanto a isso não há consenso, refletindo as próprias tensões da sociedade chinesa, repartida entre aqueles que creem que o que existe hoje é apenas capitalismo e, aqueles que se aproximam da visão do Partido Comunista, ao entender que ainda existe uma política interna socialista (‘socialismo com características chinesas’), encarnada no projeto ‘Construindo uma sociedade socialista harmoniosa’, que vem no ensejo das comemorações dos 30 anos da abertura econômica (1978-2008). Este projeto é a base do governo em suas políticas públicas de retribuição da riqueza acumulada cuja meta está estipulada para o ano de 2020” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, pp. 66-67).

ficou conhecida afamado por Deng Xiaoping como “um país, dois sistemas” que baseava reformas econômicas para atrair investimentos estrangeiros em províncias litorâneas no qual imperava o sistema capitalista e no interior do país o comunismo (GASPAR, 2014). Além disso, consentia que chineses pudessem emigrar identificando a concessão das imigrações internacionais. “As mudanças econômicas e políticas na China, além do afrouxamento das políticas de controle da emigração impulsionaram a saída cada vez maior dos chineses da China continental” (GÓES, 2013, p. 39). Esses chineses emigraram, devido aos aspectos econômicos, para todos os continentes dentre os quais podemos destacar os países como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, Espanha, Portugal e países da América Latina. A presença e concentração de chineses podem ser observadas em regiões metropolitanas de todos os continentes nas conhecidas *Chinatown*s que remetem a elementos da paisagem geográfica chinesa e às suas visualidades e arquitetura. A língua predominante nesses locais é o Mandarim (em algumas também o Cantonês) e a sociabilidade chinesa é evidenciada em “um território sujeito a contínuas pressões pela alteração de seus usos” (RIBEIRO, 1996, p. 27). Nesses espaços urbanos das *Chinatown*s as redes migratórias atreladas à solidariedade são elos que interligam várias partes da China em outras regiões urbanas do espaço geográfico mundial (SORRENTINO, 2013).

O fenômeno migratório está baseado em dois eixos: repulsão e atração. Rua (1994) indica que os movimentos migratório de repulsão são provenientes da divergência por meio do trabalho e capital. Segundo o referido autor, os fatores de repulsão são destacados ao invés dos fatores de atração, que não são fortes para mover grupos do meio social no qual estão inseridas. As concepções de movimentos migratórios voluntários são criticadas por defenderem a orientação das mobilidades com base nas imposições da vigência econômica (RUA, 1994). Isso ocorre em meio às redes migratórias já constituídas no espaço e na história. “[...] a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas e antes de tudo no espaço físico” (SAYAD, 1998, p. 13). Os estudos sobre os movimentos migratórios são uma temática que perpassa diversos campos interdisciplinares do conhecimento. As discussões sobre os movimentos migratórios necessitam de reflexões das causas e razões para que as pessoas migrem. O deslocamento das pessoas pelo espaço é denominado de migração – momento quando as pessoas buscam novas oportunidades e segurança social, econômica, ambiental etc. “[...] o espaço do deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente” (SAYAD, 1998, p. 14). Os trabalhos desenvolvidos na Academia sobre as mobilidades

humanas buscam entender as causas que impulsionam as pessoas a migrarem. Os crescimentos de redes sociais estão relacionados aos movimentos migratórios como realidade que corrobora para relativização dos padrões explicativos como motivos de repulsão e atração, é constante os destaques sobre as mobilidades migratórias (PÓVOA NETO, 2005). As migrações internacionais possuem caráter de importância devido os indivíduos modificarem seu cotidiano por causa de um grande motivador. Para pensar sobre as migrações é necessário atentar a dois fatores: repulsão (repelem pessoas dos países de origem) e atração (atraem pessoas para determinados países). Costa (1971 *apud* Vêras 2008) aponta que os processos imigratórios no espaço geográfico são distribuídos por áreas geográficas com múltiplas forças de atração e expulsão. Os motivos das migrações são a busca de condições de emprego, melhores condições de vida, fugas de conflitos e/ou perseguições (políticas, religiosas e étnicas). A presença de fatores de atração e repulsão em diferentes regiões expõem o fenômeno e a gravidade da desigualdade social e das disparidades espaciais (SORRENTINO, 2013).

Ameaça ou não à identidade nacional brasileira? – Discussões políticas no Estado brasileiro e a imigração chinesa

A imigração chinesa para o Brasil foi discutida com base na formulação da identidade nacional no século XIX. Parte do debate era informado pela discussão dos grupos políticos agrários sobre a “fusibilidade” dos imigrantes chineses na população nacional, portanto as discussões sobre a utilização da mão de obra asiática baseavam-se na ideia de assimilação e na construção da identidade nacional. Os debates no âmbito da política, baseados nos discursos científicos do darwinismo social¹⁵ e eugenia¹⁶ sobre a inserção dos trabalhadores de

¹⁵ Apropriação das teorias do naturalista britânico Charles Darwin em *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (1872) pela História, Sociologia, Antropologia e Filosofia aplicadas às dinâmicas da sociedade no final do século XIX e início do século XX. Charles Darwin não foi autor das teorias científicas aplicadas na justificativa das práticas de preconceitos e racismos aos povos não-europeus.

¹⁶ Ciência criada no século XIX com objetivo de desenvolvimento de métodos científicos para melhoramento da espécie humana através do controle da reprodução. É caracterizada como um processo de seleção artificial para promoção da limpeza racial de grupos considerados inferiores para desenvolvimento da espécie humana – inferiores no sentido de que não eram brancos: africanos, indígenas, mestiços e asiáticos. O termo foi criado pelo britânico Francis Galton – primo de Charles Darwin.

outras nações na sociedade brasileira era tido sensíveis para não denegrir¹⁷ a população brasileira com pessoas de “raças inferiores”¹⁸.

O pensamento social brasileiro entre o fim do século XIX e o início do século XX, influenciado por doutrinas pretensamente científicas recebidas da Europa com certo atraso, foi dominado pelo discurso do racismo. Acreditava-se, com base numa teoria das raças produzida especialmente para a realidade local, que a economia nacional, com o esgotamento do modo de produção escravagista, passaria por uma grave crise de escassez de mão de obra, uma vez que os negros e mestiços, que compunham em grande parte a população nacional, eram inaptos para o trabalho livre (FULGÊNCIO, 2014, p. 205).

As hipotéticas teorias científicas definiam a espécie humana em escalas evolutivas que eram constituídas em cada uma por raças diferentes. O darwinismo social estabelece uma “raça superior” simbolizada pelo branco europeu¹⁹ como evoluído mediante às outras raças humanas. Através de uma escala evolutiva, os brancos europeus seriam os portadores de intelecto e características físicas superiores (PENNY e BUNZL, 2003b, p. 1-2 *apud* SANTOS e SOUZA, 2012, p. 750). A raça superior deveria levar à civilização conhecimentos ditos como “superiores” para as “raças inferiores” como africanos, indígenas, asiáticos e mestiços. “[...] produziram-se hierarquias raciais que invariavelmente localizavam os europeus ‘civilizados’ no topo, os negros “bárbaros” e os índios “selvagens” se revezando na base [...]” (SEYFERTH, 1996, p. 43). Assim, o darwinismo social foi apropriado com justificativas das políticas imperialistas em disseminar missões civilizatórias. Era obrigação do homem branco europeu desenvolver civilizações, as “raças atrasadas” e “selvagens”, caracterizado como

¹⁷ “V. t. Tornar negro, escuro. Manchar, macular: denegrir a reputação de alguém. (Cf. lat. denigrare)” (FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**, 1913, p. 588). Disponível em: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2017.

O vocábulo “denegrir” empregado no século XIX pelas elites política e econômica, e por intelectuais para referir a maior parte da população do país composta por negros e mestiços, que seriam considerados inferiores. De acordo com as teorias eugênicas vigentes no século XIX e no início do século XX, acusavam os negros e mestiços de que poderiam “atrasar” socialmente e a economia do Brasil por acreditarem que os genes deles fossem inferiores.

¹⁸ “A ideia de raça constituída sobre hierarquias denotando desigualdade denominou o pensamento social em muitos lugares, inclusive no Brasil. Foi respaldada, em parte, pela ciência, principalmente pela Antropologia Física empenhada em classificar a humanidade em tipos naturais, arbitrando certas características fenotípicas por suas frequências em diferentes grupos humanos; mas, igualmente, por alguns estudiosos do campo das ciências sociais e humanas, que usaram e abusaram da metáfora darwinista da ‘sobrevivência dos mais aptos’ e que inventaram a Eugenia para sugerir políticas públicas que, entre outras coisas, implicavam na limpeza étnica.” (SEYFERTH, 1996, pp. 42-43).

¹⁹ “Nas hierarquias racistas, nem todos os brancos eram considerados iguais e a própria posição de classe se tornou um elemento denotativo de inferioridade, como na classificação de Lapouge, que inferiorizou todos os braquicéfalos europeus por oposição aos seus superiores arianos dolicocefalos.” (SEYFERTH, 1996, p. 43)

atitude de caridade, que justificava domínios de territórios em vários continentes e a exploração da mão de obra, mercados consumidores e a predação de seus recursos naturais.

Para as escolas deterministas, entre as quais se destaca o Darwinismo Social, as espécies humanas eram produtos finais, existindo entre “as raças humanas a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno” (SCHWARCZ, 1993, pp. 58-59), do que decorria o elogio das raças puras e uma peremptória condenação à miscigenação. Os brancos eram colocados no topo da pirâmide racial, acima dos amarelos, caracterizados como raça “intermediária”, e dos negros e índios, muitas vezes considerados incivilizáveis. (FULGÊNCIO, 2014, pp. 206-207)

No final do século XIX, os debates a respeito sobre as expressivas quantidades da presença predominante de negros no Brasil após abolição da escravatura (1888) era frequente no senado nacional por acreditarem que não seria possível desenvolver o país cuja maioria da população seria indígena e negra²⁰.

A perspectiva escravocrata e racista, ainda presente nas classes dominantes do país, fazia os dirigentes daquela época acreditarem que os negros e os mestiços seriam “incapazes de interiorizar sentimentos civilizados sem antes que as virtudes étnicas dos trabalhadores brancos os impregnassem” (AZEVEDO, 2004, p. 53 *apud* CARULA, 2013, p. 01). Os negros eram impedidos de atuarem como trabalhadores livres pelas elites agrárias por estas acreditarem que eles não tivessem o discernimento necessário para tal função: “Eram, pois, considerados incapazes de agir por iniciativa própria – pressupunha-se, portanto, que fracassariam como pequenos proprietários” (SEYFERTH, 1996, p. 46). No dia 28 de setembro de 1871 foi promulgada a Lei do Ventre Livre. Essa lei definia que todos os filhos

²⁰ No início do século XX ocorreu o *First Universal Races Congress* sediado em Londres, Reino Unido (1911) com a participação de europeus, asiáticos, africanos, norte-americanos e latino-americanos. Este congresso objetivava as relações entre os países europeus com suas colônias nos continentes africanos e asiáticos, e países recém-independentes como os latino-americanos. O Brasil foi representado pelos médicos e antropólogos do Museu Nacional João Baptista Lacerda e Edgard Roquette-Pinto que tiveram as viagens custeadas pelo governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) (SANTOS e SOUZA, 2012).

Em sua apresentação no congresso, “Lacerda enunciaria sua principal tese acerca do resultado da miscigenação no Brasil. Segundo ele, o cruzamento racial tenderia a fazer com que negros e mestiços desaparecessem do território brasileiro em menos de um século [...], possibilitando o branqueamento da população. Em sua compreensão, esse processo deveria ocorrer por três motivos principais. Em primeiro lugar, devido à ‘seleção sexual’, os mulatos procurariam sempre encontrar parceiros que pudessem ‘trazer de volta seus descendentes para o tipo branco puro’, removendo os aspectos característicos da ‘raça negra’, inclusive o atavismo. Além disso, a crescente entrada de imigrantes europeus no país, somada aos problemas sociais, e o abandono que os negros foram obrigados a enfrentar desde a abolição, traziam a perspectiva futura de uma nação inteiramente branca. E num tom comemorativo, concluía que o Brasil caminhava para ser ‘um dos principais centros da civilização do mundo’. Em poucas décadas, continuava ele, o país seria ‘o grande mercado de riquezas da América, explorando todas as indústrias, empregando todas as facilidades de transportes para o comércio estrangeiro e intracontinental, com uma ampla e ativa população empreendedora, que ocupará as grandes cidades da costa e se estenderá pelo interior e pelos longos rios da América do Sul” (LACERDA, 1911a, p. 382 *apud* SANTOS e SOUZA, 2012, p. 754).

de escravos nascidos após aquela data seriam livres e regulou as alforrias condicionais. Devido a Lei do Ventre Livre as elites ficaram preocupadas²¹ com o risco de o país sofrer escassez de mão de obra sem custos, que sucederia em sérios prejuízos econômicos para os grupos dominantes do país (FULGÊNCIO, 2014).

E quem deveria substituir a quase ‘finada’ escravidão negra? Essa era uma pergunta que políticos, intelectuais, fazendeiros, dentre outros indivíduos tentavam responder, mas só responder não era o suficiente: era preciso também convencer um vasto público social, envolvido direta ou indiretamente na dinâmica econômica nacional, e atento as mudanças porvindouras. Com base em argumentos históricos, e em teorias raciais importadas e adaptadas dos manuais europeus, a mão de obra negra tornou sinônimo de atraso e inferioridade racial e logo foi descartada, assim como o trabalhador nacional não demorou muito para ser rejeitado (DEZEM, 2005: 60). A opção mais adequada seria o trabalhador estrangeiro, e o ideal seria que fosse o imigrante branco, europeu e católico. Porém, houve inicialmente uma grande dificuldade em conseguir trazer este “imigrante ideal”, pois o desejo de muitos italianos, espanhóis e suíços, era de imigrar para os Estados Unidos e a Argentina, por apresentarem climas mais compatíveis com os dos seus países de origem. Além disso, a existência da escravidão no Brasil não era vista com bons olhos pelos europeus que desejavam imigrar (CZEPULA, 2016, p. 01)

As teorias do darwinismo social e da eugenia difundida entre as elites e os pensadores brasileiros os levavam a acreditar que a presença massiva de negros, índios e pardos assim como as suas culturas, seriam obstáculos intransponíveis para que o Brasil alcançasse a civilização e o desenvolvimento²² inspirado, evidentemente, no paradigma europeu. Decorrente desse modo de ver o mundo, as elites incentivaram a vinda de imigrantes europeus para “purificar” e branquear a população brasileira através de uniões conjugais entre os imigrantes brancos com negros e indígenas, assim como favorecer com a “cultura” supostamente aportada pelos imigrantes brancos, o progresso da nação brasileira. A antropóloga brasileira Giralda Seyferth (1996), argumenta que a miscigenação dos povos foi posto como principal tema de discussão das ideias nacionalistas no Brasil, após a segunda metade do século XIX por ter sido compreendida como possibilidade de constituição da nação a partir do período colonial.

A tese que se desenha no final do século XIX é a da possibilidade do branqueamento da raça através da miscigenação seletiva e da imigração europeia. Neste processo, a população mestiça progressivamente chegaria a um fenótipo branco – com a seleção natural/social encarregada de eliminar as “raças inferiores”. O processo seletivo

²¹ As discussões e preocupações sobre a falta de braço trabalhador eram debatidas desde a promulgação da Lei Euzébio de Queirós (1850), que proibia o tráfico intercontinental negroiro.

²² Sendo os países da Europa Ocidental (França e Reino Unido) pertencentes ao último estágio do desenvolvimento.

imaginado por autores como Sílvio Romero (em 1888) J. B. de Lacerda (em 1911), Oliveira Vianna (em 1920 e 1922), por exemplo, é aquele formulado pelos darwinistas sociais, em especial pela antropossociologia de Lapouge, e por Paul Broca. O conceito chave do darwinismo é o da “sobrevivência dos mais aptos” (criado por Hebert Spencer a partir de Darwin): pressupõe que progresso requer competição entre indivíduos, classes, nações e raças – e a seleção natural, no caso da humanidade, consiste nesta “luta pela vida, na qual sucumbem raças inferiores e brancos inferiores”. Nessa doutrina do progresso através da luta temos a aplicação radical de conceitos biológicos às ciências sociais (SEYFERTH, 1995, pp. 179-180).

O que levaria à promoção futura da raça histórica brasileira por meio dos processos de branqueamento da população. Essa crença das elites e dos intelectuais no final do século XIX foi adotada como política do Estado Brasileiro, o que possibilitaria a mestiçagem como forma de “embranquecer” a população²³. “O incentivo à imigração asiática passou a ocupar certo espaço na pauta de discussão na segunda metade do Oitocentos, e desta vez de maneira bem mais acalorada, com contundentes posicionamentos contra e a favor” (CARULA, 2013, p. 03). As discussões sobre a possibilidade da imigração de trabalhadores chineses decorreu da crise para substituição da mão de obra escrava negra foi denominada pela imprensa²⁴ como “A Questão Chinesa”. Segundo Douglas de Toledo Piza (2015), as discussões estavam baseadas no tripé: constituição da identidade nacional brasileira através da formação cultural nacional; o modelo econômico escravista e o branqueamento da população que majoritariamente era composta por negros, mestiços e indígenas. O grupo contrário acreditava que os chineses causariam riscos para o País por serem de raça inferior e que poderia “mongolizar”²⁵ a população e que os trabalhadores ideais seriam os europeus para branquear a população. Contra esses argumentos havia pró-chineses por acreditarem que a imigração desse grupo impulsionaria a produção econômica, por supostamente serem trabalhadores com aptidões físicas ideais para o trabalho (LESSER, 2001; PIZA, 2015). As teorias do branqueamento da população são caracterizadas como política de Estado através das leis imigratórias destinadas aos europeus que resultariam nas integrações físicas e culturais nomeadas “mistura”, “fusão” e “caldeamento”. A miscigenação idealizada por completo da população resultaria em nação latino europeia de fenótipo e genótipo branco por terem genes mais fortes em relação ao negro (SEYFERTH, 1995).

²³ Intensifica a marginalização dos negros na sociedade brasileira.

²⁴ Gazeta do Rio, Jornal do Commercio, Jornal da Tarde, Jornal do Agricultor, O Auxiliar da Indústria Nacional, Gazeta de Notícias etc.

²⁵ O vocábulo “mongolizar” é oriundo da expressão “mongol” que entre os séculos XIX e XX era empregado pelos intelectuais para designar “atraso de intelectual” ou “incapacidade intelectual” de povos africanos, indígenas, asiáticos e mestiços.

Dito em outras palavras, o ideário do branqueamento afirmava a inferioridade de grande parte da população nacional (negros, índios e mestiços de todo os matizes), mas imaginava que esta mesma população poderia transformar em brasileiros / latinos todos aqueles brancos “superiores” encarregados de fazê-la “desaparecer” fenotipicamente. Nesta lógica, foram condenadas as imigrações asiáticas e negras pelo que poderiam representar de atraso ou comprometimento do processo de branqueamento (SEYFERTH, 1995, pp. 181-182).

Os primeiros registros oficiais da imigração chinesa ao Brasil são datados no primeiro quartel do século XIX como *coolies* devido ao interesse de Dom João VI em inserir a produção brasileira no comércio internacional do chá verde, que era considerado artigo de luxo bastante valorizado e consumido pelos aristocratas. No ano de 1810, duzentos a quinhentos chineses foram trazidos para trabalhar nas plantações de chá verde na fazenda governo imperial no Rio de Janeiro²⁶ e também na Fazenda Imperial de Santa Cruz, Niterói, as duas eram instituições do governo. Os interesses do príncipe regente português não foram bem-sucedidos devido ao tratamento severo e agressões físicas infligidas aos chineses pelos funcionários da fazenda imperial por acreditarem que esses escondiam as técnicas do plantio do chá. Devido aos castigos, os *coolies* chineses fugiram e passaram a trabalhar como cozinheiros e vendedores de pastéis e peixes (LEITE, 1999; LESSER, 2001; FREITAS, 2004; SHU, 2009). De acordo com Yang (2002) *apud* Araújo (2010), estes se aprimoraram na venda de pastéis e os vendiam nas regiões portuárias. Depois se estabeleceram em comércio fixo denominado pastelarias.

As relações interétnicas com chineses eram consideradas danosas para construção da identidade nacional como manifestava Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho por gerarem descendentes inferiores, incapazes de terem pleno intelecto de pessoas brancas. Os discursos contrários à inserção de chineses como trabalhadores nas lavouras no Brasil vinham dos políticos e fazendeiros – Luiz Lacerda Werneck, que acreditavam que os chineses eram propensos ao vício do ópio. Conforme Werneck, os chineses seriam pertencentes a uma civilização que não estava propensa ao desenvolvimento. A contratação de *coolies* chineses para trabalharem em países americanos comprometeria o progresso nacional (YANG, 1974 *apud* FREITAS, 2004).

Werneck argumentava que a melhor opção deveria ser os trabalhadores alemães e não os chineses, que eram humanos inferiores com características animais e moralidade duvidosa (SORRENTINO, 2013). “Ele defendia ainda a ideia de que ‘os chineses vão

²⁶ Atual Jardim Botânico, localizado na Zona Sul do município do Rio de Janeiro.

degenerar a população do Brasil’. Em seu ponto de vista, ‘os alemães eram moralizados, pacíficos e trabalhadores’” (LESSER, 2001, p. 44).

Cujo caráter é apresentado por todos os viajantes com cores desfavoráveis e terríveis... o mais torpe egoísmo, o orgulho, e uma insensibilidade bárbara alimentada pela prática do abandono ou trucidamento dos filhos, que assim parecem aos milhares, são vícios gerais na China. (LESSER, 2001, p. 44)

Haviam políticos, como Xavier Pinheiro e Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva, que defendiam que as dificuldades de atrair imigrantes europeus para trabalharem em lavouras levariam o País a crises econômicas, por isso apoiavam a imigração chinesa como possibilidade de solução para a falta de mão de obra na agricultura. Eles alegavam que trabalhadores europeus não pudessem substituir os escravos. Em vista disso, buscaram novas possibilidades e tiveram interesse pelos *coolies* devido às experiências no continente americano, tais como, Estados Unidos, Cuba, Peru colônias britânicas e francesas (FREITAS, 2004; SORRENTINO, 2013). “Segundo [...] relato [de Quintino Bocaiuva], os chineses seriam ‘refratários a toda assimilação’ e teriam aptidão para trabalhadores agrícolas” (CHEN, 2010, p. 157). Quintino Bocaiuva defendia a imigração chinesa na categoria de *coolies*, entretanto, deveria ser assegurado que o trabalho deles ocorresse por um período determinado e não se estabelecessem de modo definitivo no País. As justificativas desses políticos eram fundamentadas pelos baixos custos da contratação que não prejudicaria os fazendeiros. Os trabalhadores chineses seriam obedientes, leais à China e tinham a aptidão supostamente racial para a lavoura, o que diluía o risco de estenderem sua permanência no Brasil ao fim do contrato de trabalho. Apesar do apoio à imigração chinesa ao Brasil, Xavier Pinheiro e Quintino Bocaiuva acreditavam nas teorias do darwinismo social e da eugenia e, portanto, que os chineses seriam humanos inferiores (LESSER, 2001; LIMA, 2005; SORRENTINO, 2013).

A necessidade de contratação de chineses advém da escassez de “braços”, o *coolie* deve ser usado devido aos exemplos positivos em muitos países. A diferença fundamental é que Xavier não se utiliza de argumentos raciais para depreciar o chinês, embora elementos do seu discurso indiquem a crença de uma relação entre atributos morais e raça (LIMA, 2005, p. 88).

O cafeicultor do estado de São Paulo e Presidente do Conselho de Ministros, Visconde João Lins Cansanção Sinimbu, apoiava a imigração chinesa por ser uma mão de obra de baixo valor de contrato e poderia substituir os escravos. Sua referência eram os *coolies* que foram contratados pelos estadunidenses. No ano de 1879, foi determinado pelo Visconde Sinimbu

que o cônsul do governo brasileiro nos Estados Unidos, Salvador Mendonça avaliasse o processo migratório chinês e seus desdobramentos (SORRENTINO, 2013). Nas avaliações de Salvador Mendonça foi exposto que a imigração asiática era considerada uma possibilidade viável na tentativa de resolver as questões da falta de mão de obra no Brasil, dado que os chineses eram trabalhadores áduos e fácil assimilação. Contudo, as avaliações de Salvador Mendonça foram reprovadas pelos abolicionistas avessos a imigração de *coolies* chineses (LESSER, 2001; LIMA, 2005; PEREIRA, 2009; SORRENTINO, 2013).

Este relatório, que mais tarde foi publicado com o título de *Trabalhadores asiáticos* foi muito criticado, principalmente por abolicionistas contrários à imigração chinesa. Este mesmo relatório foi utilizado pelo Ministro para justificar o financiamento de uma viagem diplomática à China. (LIMA, 2005, p. 105)

O relatório favorável de Salvador Mendonça para contratação de chineses nas fazendas brasileiras argumentava que se tratava de trabalhadores pacíficos, agradáveis e não questionavam a baixa remuneração oferecida. Mendonça ainda reitera que os chineses não tinham interesse em se estabelecer indefinidamente nos Estados Unidos, já que eles esperavam apenas obter uma determinada soma e logo retornar à China. Desta forma, não ocorreriam matrimônios entre chineses e brancos, indígenas, negros e mestiços. Entretanto, os discursos contrários cresceram e alcançaram destaque na política e na imprensa (LIMA, 2005; SORRENTINO, 2013).

Os debates forneceram argumentos para retirar a questão da identidade nacional do dualismo entre brancos e negros e abriu o terreno para o período das grandes imigrações. Ainda que a imigração chinesa tenha sido insignificante durante o século XIX, os debates sobre ela criaram parâmetros e forneceram dados para a construção de projetos futuros no Brasil e tornou mais visível a formação da identidade nacional do que sobre os chineses propriamente ditos. (SORRENTINO, 2013).

Neste capítulo foram abordados os processos históricos da diáspora chinesa e suas migrações pelo mundo e pelo Brasil. Tentou-se apresentar a imigração chinesa, vinculada às discussões políticas e econômicas que eram as bases para formação da identidade nacional brasileira baseada em teorias da eugenia. No próximo capítulo serão abordados os movimentos migratórios de chineses no município de São Gonçalo e na região metropolitana do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO II – ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DAS MIGRAÇÕES CHINESAS

Hukou e a imigração chinesa

Na pesquisa que realizei entre os anos de 2012 e 2013 intitulada *Da China ao Brasil: Uma análise da imigração chinesa no município de São Gonçalo (RJ)* (COSTA, 2014) foi constatado o motivo central para imigração no estado do Rio de Janeiro: *hukou* – registro de residência que pode ser familiar ou individual. O *hukou* é o sistema de registro, identificação e mobilidade geográfica. Consiste em um livreto de registro domicílio municipal com variedades em cada província chinesa. Além disso, controla a mobilidade por meio da autorização obrigatória individual ou familiar da residência entre as áreas rurais para urbana. Esse sistema foi criado em 1958 pelo Partido Comunista governado por Mao Zedong (1949-1954) com finalidade de impedir o grande êxodo rural e também perseguir os adversários do regime comunista. Como medida para coibir as maciças migrações para as cidades, o Partido Comunista atribuiu para cada cidadão um *hukou* que permite que cada pessoa apenas acesse serviços básicos como saúde e educação na cidade em zonas urbana ou rurais do registro de nascimento. Ademais, o sistema *hukou* possibilita o controle da população pelo governo com informações pessoais, tais como religião, escolaridade, estado civil, dados sobre nascimento, profissão, endereço residencial, ficha criminal e registro de mobilidade. Entre as décadas de 1950 a 1970 esse sistema de controle da população impediu movimentos migratórios sem autorização da população pelo Partido Comunista. A antropóloga Cristina Patriota de Moura (2013) define:

O *hukou* é traduzido em língua inglesa, de forma descritiva, por *household register* ou *household registration* que, em português, pode ser traduzido como registro domiciliar, ou registro de residência. O ideograma (pronunciado “ru”, no quarto tom do mandarim) significa residência, domicílio, enquanto o ideograma , (pronunciado “cou”, no terceiro tom) significa literalmente boca, mas pode ser utilizado como um indicador de pessoas. A junção dos dois caracteres, portanto, vincula lugares e pessoas, configurando uma dimensão obrigatória da cidadania chinesa, em forma de status atribuído a todos os cidadãos nacionais em seus documentos de identificação. [O *hukou* é] [...] um documento outorgado ao domicílio, onde são registradas as pessoas nascidas. O registro pode se dar segundo descendência matrilinear ou patrilinear, porém cada cidadão só pode ser registrado em um livro (MOURA, 2013, pp. 225-226).

Caso os chineses das áreas rurais ou de pequenas cidades²⁷ queiram mudar para os grandes centros urbanos industrializados ou mesmo para outras regiões perdem o direito aos serviços básicos oferecidos pelo Estado e podem constantemente serem abordados por policiais e funcionários do Partido Comunista para averiguar a documentação da pessoa que desconfiem que não tenham autorização para viver na localidade²⁸. Essa medida visa desestimular a migração para as cidades ao sul e leste da China que recebem investimentos estrangeiros localizadas nas Zonas Econômicas de Exportação (ZEE)²⁹. Para realização da mudança de cidade é preciso solicitar formalmente ao governo e enfrentar burocracia, que busca desestimular as mobilidades no interior do país³⁰. Atualmente há na China milhões de pessoas que moram em grandes cidades na busca por melhores qualidades de vida trabalhando em empregos de baixa qualificação profissional mesmo sem o *hukou* da localidade, o que as impede ter direito à saúde e à educação pública. “Cada cidadão chinês possui um registro de residência, de caráter obrigatório, que o classifica de acordo com o lugar ao qual ‘pertence’ e ao tipo de atividade econômica ao qual é destinado” (MOURA, 2013, p. 226). As pessoas que não possuem *hukous* são consideradas pelo governo como “população flutuante”³¹ por não

²⁷ “A China dos excluídos é bem maior que a China dos incluídos e ainda vive em condições que mudaram pouco nas últimas décadas – ou séculos. Grande parte dos 740 milhões de camponeses mora em pequenos distritos e vilas rurais e enfrenta uma vida de privações, na qual as mulheres levam roupa em riachos, a água tem que ser retirada de poços e banheiros são [...] buracos no chão sem descarga. O cultivo é manual e agricultores do sul preparam a terra para plantar arroz com o mesmo arado de madeira puxado por búfalos de água que aparecem em gravuras do século XVIII”. (TREVISAN, 2014, p. 85).

²⁸ Segundo os relatos de chineses entrevistados, os policiais geralmente abordam pessoas que tenham a pele mais exposta ao sol – de acordo com os depoentes “queimada do sol” ou “queimada do trabalho”. Os chineses evitam se expor ao sol para manter a pele mais clara. Através de depoimentos descobri que na China pessoas com marcas de sol na pele são vistas como analfabetas e supostos residentes irregulares nas grandes cidades, oriundos do interior do país. A importância de manter a pele clara é a possibilidade de fugir dos estigmas por serem de regiões rurais que vivem nos centros urbanos. É através da aparência que os policiais abordam chineses que desconfiem que não tenham autorização para viverem na localidade.

²⁹ Regiões do território chinês criadas em 1979, caracterizadas por terem menos burocracia, ampla rede de infraestrutura de transportes abertas ao capital estrangeiro (investimentos de alta tecnologia) etc. Nessas regiões possuem incentivos de migrações internas de chineses qualificados de províncias do interior do país e de estrangeiros. Além disso, busca atrair chineses e seus descendentes que vivem em outros países através de estímulos de investimento nas ZEEs. Nessas zonas são concedidos incentivos fiscais, regras trabalhistas diferentes de outras regiões do país, isenção de impostos para capital estrangeiro, sobretudo: estadunidense, sul-coreano, europeu, japonês etc.

³⁰ Alguns depoentes relataram que na província de Guangdong pode demorar oito anos.

³¹ Na realidade são pessoas que moram na cidade e não estão de passagem. Nas entrevistas descobri que esses chineses são de regiões da China onde seus *hukous* são rurais. Eles moraram por anos nas grandes cidades e não são “população flutuante” como apresenta o governo chinês. São pessoas que não possuem a documentação de permissão de residência, *hukou*, e por isso são excluídas ao direito à educação, saúde etc.

“Há divergência de categorias para se referir à população classificada como rural, mas que vive e trabalha nas cidades chinesas. Parte da literatura a descreve simplesmente como de migrantes rurais, uma categoria aparentemente “neutra” que não retrata a complexidade da situação dessas pessoas. Outro termo, utilizado em relatórios oficiais e veículos de comunicação de massa na China, é *liudong renkou*, traduzido como “população flutuante”, *floating population* na bibliografia de língua inglesa”. (MOURA, 2013, p. 232)

serem consideradas legalmente autorizadas a permanecer na localidade e por estarem de passagem não são inseridas nas estatísticas oficiais. Esse grupo de pessoas é alocado como mão de obra barata e informal para as indústrias chinesas e estrangeiras sem direito de acesso à legislação trabalhista por não terem o *hukou* de registro da localidade em que trabalham (FIGUEIRA, SUDANO, GALVÃO, 2013). De acordo com C. Cidy Fan (2008) *apud* Moura (2013):

A cada cidadão chinês é dada uma localidade de *hukou* (*hukou suozaidi*) e uma classificação de *hukou* (*hukou leibie*) agrícola (rural) ou não agrícola (urbana). [...] Um *hukou* agrícola fornece acesso às terras rurais; um *hukou* não agrícola fornece acesso a emprego, moradia, alimentos e benefícios patrocinados pelo Estado. A localização do *hukou* especifica onde a pessoa está apta a receber benefícios; em essência, ela define a qual lugar alguém pertence (FAN, 2008, p. 66 *apud* MOURA, 2013, p. 228).

No desenvolvimento da minha pesquisa monográfica (COSTA, 2014) soube das dificuldades dos chineses em poupar recursos com seus trabalhos na China e conseguir trocar o *hukou*. Na medida em que tal procedimento, exige custos altos por envolver o suborno³² de funcionários do Partido Comunista. Por efeito das dificuldades de conseguir dinheiro para mudar o *hukou* os chineses emigram da China para outros países. Para tanto, contam com o apoio de conhecidos no processo de imigração. Logo após estarem estabelecidos nos países de destino, trabalham para juntar a quantia necessária, estipulada segundo seus planos, retornar à China e realizar a troca de *hukou* através do suborno.

Através de relatos que obtive na pesquisa de mestrado, os chineses imigram para região metropolitana do Rio de Janeiro com Visto de Visita, que permite ficarem em território brasileiro por noventa dias³³ e posteriormente não regularizam a situação para que pudessem estabelecer-se no País com visto e residência³⁴. Relataram que imigram da China para o

“A ‘liberação’ da população em termos de mobilidade espacial, no entanto, não veio acompanhada da abolição do sistema de registro domiciliar. Ele mantém seu poder de definir pessoas, seja por critérios ‘geográficos’, ‘qualitativos’ ou, na maioria das vezes, ambos. No contexto das grandes cidades chinesas, um *hukou* ‘rural’ pode equivaler a um estigma quase insuperável, que é outorgado inclusive às novas gerações de pessoas nascidas em contextos urbanos, que se tornam perigosos seres ‘flutuantes’, muitas vezes retratados como despossuídos de ‘qualidade’” (MOURA, 2013, p. 236)

³² Em entrevistas no ano de 2013 foi relatado que os valores de suborno podem ser altos chegando até US\$ 4.000

³³ Caso o estrangeiro queira estender o prazo por mais noventa dias com Visto de Visita no Brasil é necessário pedir autorização da Polícia Federal. Para mais informações, acesse: **Prorrogação de prazo de estada de turista e viajante e negócios (Temporário II)**. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/servicospf/imigracao/prorrogacao-de-prazo-de-estada-de-turista-e-viajante-a-negocios-temporario-ii-1>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

³⁴ Para mais informações, acesse: **Procedimento de permanência definitiva**. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/pedido-de-permanencia>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

município de Nova Iguaçu, localizado na baixada fluminense, por já terem vínculos de parentescos e amigos lá estabelecidos que pudessem lhes oferecer a necessária e estratégica acolhida nos primeiros anos de residência. Nesse período trabalham nos estabelecimentos dos chineses que os recebem. Alguns conseguem juntar dinheiro para mudar para o município do Rio de Janeiro.

Vim para cá a partir do convite de familiares para trabalhar com eles. Quando cheguei ao Rio, estava com Visto para Turismo [Visto de Visita]. Eu tinha uma quantia que provava que eu estava para fazer turismo por determinado tempo. [...] Esse dinheiro recebi emprestado dos meus irmãos e cunhadas que já moravam aqui para que mostrasse que tinha condições de sustento. Eu não seria impedido caso fosse parado por algum policial daqui ao sair do avião [agentes da Polícia Federal]. Depois eu precisei devolver o dinheiro que me emprestaram. Comecei a trabalhar para pagar as passagens compradas por eles e guardar para minha loja, né? (Depoente não identificado, chinês, aproximadamente 35 anos).

Desse jeito, os chineses imigram para o Rio de Janeiro e vão trabalhar em lanchonetes ou em pequenas lojas de produtos importados da China de outros compatriotas que necessita apenas ter conhecimento básico da língua portuguesa. Contudo, na cidade do Rio de Janeiro, são contratados³⁵ por outros chineses ou abrem seus próprios comércios, entretanto têm dificuldades de reunir dinheiro devido à concorrência com outros compatriotas em lojas no Centro, Tijuca, Maracanã, Vila Isabel, Andaraí, São Cristóvão, Bonsucesso e Madureira. Outra dificuldade que enfrentam é a exigência de extensas horas de trabalho e baixos salários pagos pelos seus patrões chineses donos dos estabelecimentos. Mello e Callegari (2015) apontam para os mesmos resultados que obtive em trabalhos nos anos de 2012-2013 e 2016-2017:

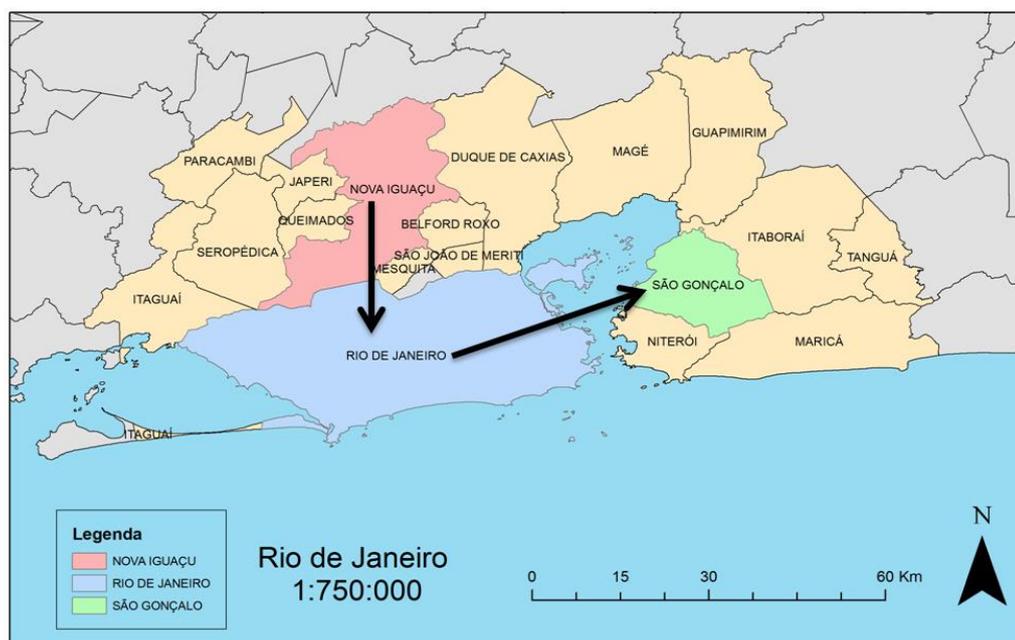
[...] o fluxo de trabalhadores chineses desqualificados que entram no país ilegalmente ou com vistos de turistas, mas que permanecem no país clandestinamente trabalhando especialmente na numerosa rede de pastelarias, lanchonetes e lojas de quinilharias importadas da China e distribuídas por todo o país. O número destes imigrantes é difícil de assegurar uma vez que são clandestinos, mas a última operação do Ministério Público do Trabalho, iniciada em 2011, tem flagrado dezenas de casos de chineses trabalhando ilegalmente e em condições análogas à escravidão. Denúncia encaminhada à Justiça Federal brasileira fala inclusive da convivência de autoridades do Consulado da China neste fluxo

³⁵ Em minhas investigações foi apresentado nenhum contrato de trabalho determinado pela legislação brasileira. Eram apenas acordos que em alguns casos caracterizavam como trabalho escravo. Para mais informações, acesse: FIGUEIRA, Ricardo Rezende; SUDANO, Suliane; GALVÃO Edna. “Os chineses no Rio: A escravidão urbana. Brasileira” – **Journal of Brazilian Studies**, volume. 02, número 02, 2013. ISSN 2245-4373. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/index.php/bras/article/view/9759>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

clandestino de imigrantes (O GLOBO, 11/04/2014). (MELLO; CALLEGARI, 2015, pp. 03-04).

Figueira, Sudano, e Galvão (2013) ao realizarem pesquisa exploratória sobre as relações de trabalho de chineses na região metropolitana do Rio de Janeiro observaram casos de explorações, humilhações e submissões de chineses por seus nacionais envolvidos pelas redes de contato. Durante os relatos em campo de minha pesquisa tive dificuldade em abordar a temática das relações de trabalho entre os chineses. Quando fazia perguntas sobre como eram estabelecidos os acordos de trabalhos entre chineses acabei tendo o silêncio como resposta. Quando fiz menção aos relatos de trabalho escravo chinês no Rio de Janeiro que foram noticiados nas mídias de comunicação³⁶, observei que eles se sentiam ofendidos e em alguns momentos diziam que não queriam conversar sobre esse fato.

Mapa 01 – Mobilidade chinesa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Autor: Edivan Costa.

³⁶ G1 – O GLOBO. “Chineses em condições análogas à escravidão são resgatados no Rio”. In: www.g1.globo.com. **G1 – O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2016/02/mais-chineses-em-condicao-analoga-escravidao-sao-resgatados-no-rio.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

G1 – O GLOBO. “Dois chineses estariam em situação de escravidão no Rio, diz Ministério”. In: www.g1.globo.com. **G1 – O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2016/01/dois-chineses-estariam-em-condicao-de-escravidao-no-rio-diz-ministerio.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

JORNAL O GLOBO. “Chinês que trabalhava como escravo em pastelaria de Mangaratiba vai voltar para casa”. In: www.oglobo.globo.com. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 31 de julho de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/chines-quetrabalhava-como-escravo-em-pastelaria-de-mangaratiba-vai-voltar-para-casa-17026896>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

Ao longo da pesquisa foram relatados que alguns chineses tiveram seus passaportes tomados por amigos e familiares que realizaram convites para trabalharem no Brasil como medida para que não deixassem os empregos nos quais estavam submetidos. Outra preocupação dos chineses em morar e trabalhar no Rio de Janeiro se devia à atuação mais assídua da unidade da Polícia Federal. O que significa o risco de serem deportados, na medida em que sua estada no País é ilegal por estarem com Visto de Visita vencido e também impede de trabalhar³⁷. Nas conversas informais após as entrevistas eles relataram as disputas entre as lanchonetes de chineses, o que dificultava o lucro dos patrões e escasseava o trabalho ou diminuía os salários. Por essas razões, acionam contatos de suas redes em outros municípios: Duque de Caxias, Mangaratiba, Nova Iguaçu e Itaguaí e principalmente São Gonçalo.

[...] a cidade do Rio de Janeiro e cidades próximas como Nova Iguaçu, onde há uma igreja chinesa (cantonesa) e São Gonçalo (maior reduto de chineses no estado, fora da capital, segundo o IBGE) e que são parte do mesmo tecido urbano originário da metrópole carioca. O Rio de Janeiro é a segunda maior cidade do país, representando assim, um dos melhores mercados consumidores a ser alvo das empreitadas comerciais dos migrantes chineses (RODRIGUES, 2015, p. 08).

Os chineses migram para São Gonçalo – na maioria das vezes em família e por já terem outros familiares estabelecidos anteriormente. Além disso, São Gonçalo tem alta densidade demográfica e possui forte comércio heterogêneo, que contempla os demais municípios da região – Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Itaboraí, Magé, Maricá, Niterói, Rio Bonito Saquarema e Tanguá. Além de que, nesse município não há o risco decorrente da atuação constante da unidade da Polícia Federal de Niterói³⁸, o que diminui a ameaça da deportação. A facilidade de viver com documentação não adequada, trabalhar em bairros com comércios heterogêneos, posteriormente mudar a situação através do nascimento de filhos no

³⁷ “Art. 29. O visto de visita poderá ser concedido ao visitante que venha ao País para estada de curta duração, sem intenção de estabelecer residência, para fins de turismo, negócios, trânsito, realização de atividades artísticas ou desportivas ou em situações excepcionais, por interesse nacional.

§ 1o É vedado ao beneficiário de visto de visita exercer atividade remunerada no País.

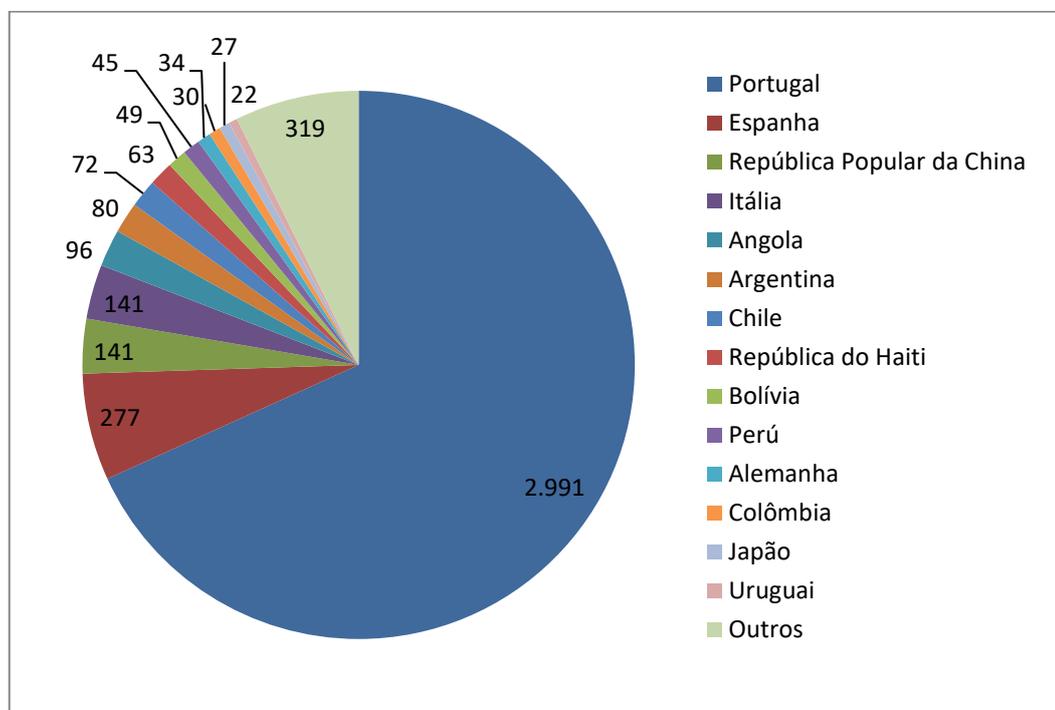
§ 2o Para os fins do disposto neste artigo, as atividades relativas a turismo compreendem a realização de atividades de caráter turístico, informativo, cultural, educacional ou recreativo, além de visitas familiares, participação em conferências, seminários, congressos ou reuniões, realização de serviço voluntário ou de atividade de pesquisa, ensino ou extensão acadêmica [...]” (BRASIL, **Lei de Migração, instituída pela Lei no 13.445**, de 24 de maio de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm). Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

³⁸ Atuação nos municípios de Araruama, Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Iguaba Grande, Itaboraí, Magé, Maricá, Niterói, Rio Bonito, São Gonçalo, Saquarema, Silva Jardim, Tanguá e Teresópolis.

Brasil ou reagrupamento familiar³⁹, aumenta o interesse dos chineses e estimulam o estabelecimento em São Gonçalo.

De acordo com a Polícia Federal (2018) estão registrados com visto de residência no País 52.136 chineses. O estado de São Paulo tem a maior quantidade de chineses em sua população, 34.547 localizada na região metropolitana. O estado do Rio de Janeiro possui a segunda maior quantidade de chineses com 6.434. O município do Rio de Janeiro é o que concentra o maior número de chineses no estado com 4.151. O município de São Gonçalo, no leste metropolitano fluminense possui a segunda maior quantidade de chineses com 289⁴⁰.

Gráfico 01 – Registro de estrangeiros no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro.



Fonte: Polícia Federal, 2016.

³⁹ Solicitação em território brasileiro baseado na reunião familiar, dispõe-se da reunião familiar do estrangeiro visto de permanência / residência ou de brasileiro que se responsabiliza por convidar.

“Art. 37. O visto ou a autorização de residência para fins de reunião familiar será concedido ao imigrante:

I - cônjuge ou companheiro, sem discriminação alguma;

II - filho de imigrante beneficiário de autorização de residência, ou que tenha filho brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência;

III - ascendente, descendente até o segundo grau ou irmão de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; ou

IV - que tenha brasileiro sob sua tutela ou guarda.”. (BRASIL, **Lei nº 13.445, de maio de 2017.**

Estatuto do Estrangeiro. Brasília, DF, 2017 maio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.html. Acesso em: 08 de dezembro de 2017).

⁴⁰ Os dados apresentados da Polícia Federal (2018) não levam em consideração chineses que estão no Brasil sem documentação regularizada de acordo com a legislação brasileira, Visto de Visita ou demais vistos. Além disso, não são considerados brasileiros e estrangeiros descendentes de chineses.

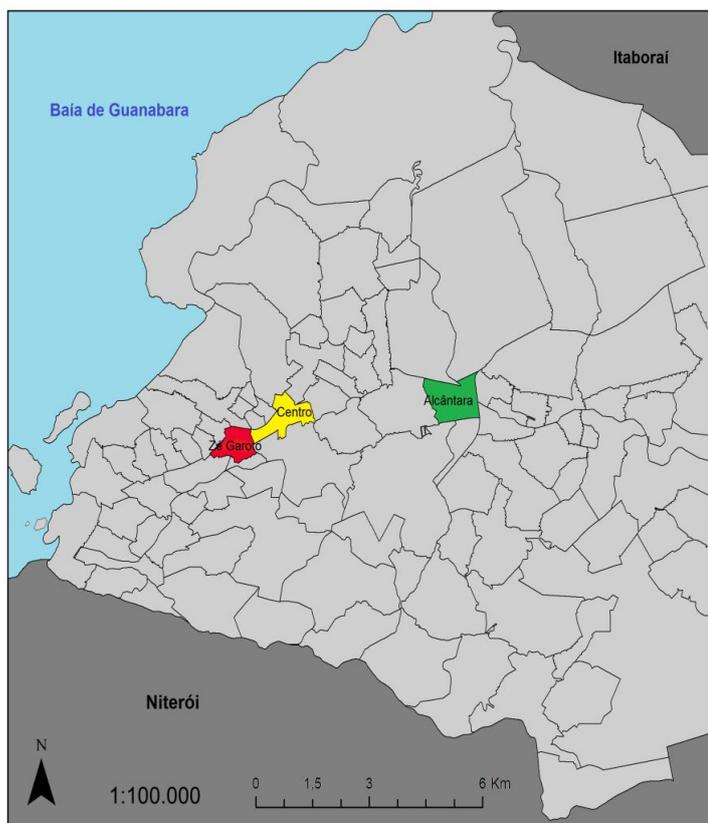
A (i)migração chinesa no município de São Gonçalo

Durante minhas novas pesquisas de campo entre 2016 e 2017 foram conhecidas novas características da imigração chinesa em São Gonçalo que não foram constatadas anteriormente. Através de depoimentos de chineses foi possível detectar duas fases da imigração chinesa em São Gonçalo. A primeira imigração chinesa ocorreu na década 1990 com surgimento das famosas “Lojas de 1,99” de produtos importados da China e comercializados por chineses. Esse grupo morava no município do Rio de Janeiro e migrou para São Gonçalo com intenção de vender seus produtos importados da China – brinquedos, utensílios domésticos, roupas, calçados e materiais de papelaria – conhecidos popularmente como *Made in China*. Os chineses migraram para a região metropolitana do Rio de Janeiro devido à maior facilidade de venda de produtos em São Gonçalo, por ter pouca concorrência com outros chineses. Segundo relatos dos depoentes durante esta pesquisa, os produtos vendidos em São Gonçalo eram fabricados na China e vendidos por empresários chineses na província de Guangdong para comerciantes chineses e taiwaneses estabelecidos no Paraguai. Esses, por já terem contato com os donos das fábricas na China, conseguiam comprar os produtos por valores baixos e também eram isentos de impostos alfandegários no Paraguai. No Paraguai os produtos eram revendidos para brasileiros, taiwaneses, bolivianos e chineses proprietários das lojas de 1,99 em São Gonçalo nas cidades fronteiriça de Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai).

O Paraguai é um dos 26 países do mundo que possui relação diplomática e reconhece a autonomia da República da China (RC) - ou Taiwan - enquanto nação soberana. Esse fato fez com que, nos anos 1970 e 1980, muitos taiwaneses migrassem para a Ciudad del Este – na tríplice fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina – a fim de importar produtos que eram produzidos em Taiwan. **Nos anos 1990, quando a Província de Guangdong (Cantão) tornou-se um fenômeno da indústria mundial, um grande número de cantoneses dirigiu-se à Ciudad del Este e aliaram-se aos taiwaneses, no intuito de igualmente comercializar produtos chineses na América do Sul.** (PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 469, grifo nosso).

Os chineses da primeira migração desejavam expandir seus negócios e obterem visto de residência definitiva por municípios da região metropolitana fluminense, não almejavam o retorno para a China e objetivavam ascensão econômica. A maioria ainda reside em São Gonçalo por terem conseguido estabelecer seus comércios de lanchonetes e lojas pelos bairros do Alcântara e Centro.

Mapa 02 – Primeira presença chinesa no município de São Gonçalo.



Autor: Edivan Costa

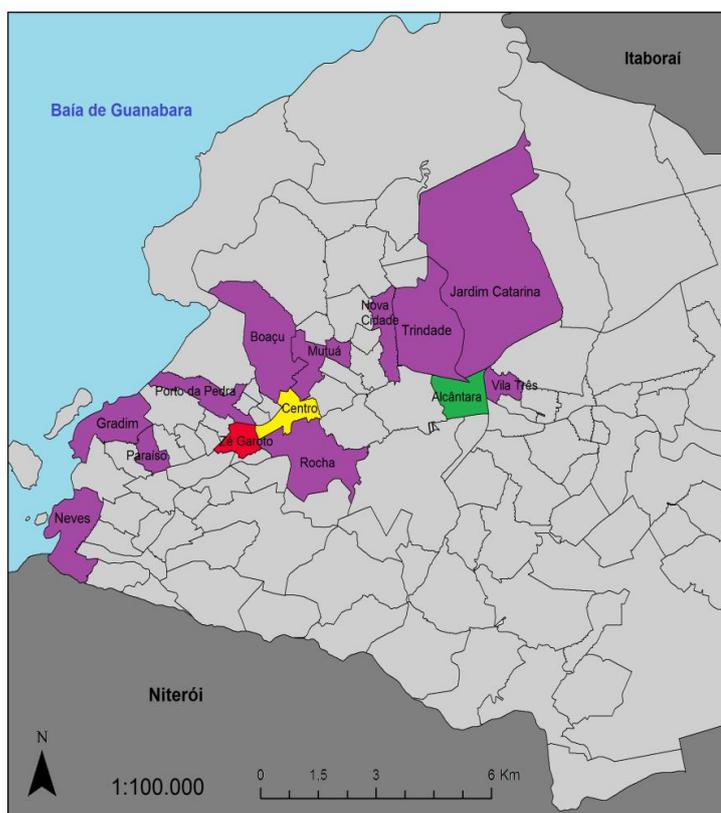
A segunda fase da imigração chinesa surge no final da década dos anos 2000 e, de acordo com relatos de chineses na etnografia, continua até os dias atuais. A característica da migração chinesa dessa nova fase, que imigraram para região metropolitana fluminense, residiram anteriormente nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Rio de Janeiro e depois migraram para São Gonçalo por tempo determinado e com o objetivo de juntar dinheiro para retornarem à China e pagarem a mudança de seus *hukous*. *Antes tinha pouco [chineses] por aqui [São Gonçalo], agora tem muitos. Eles preferem Duque de Caxias [e Nova Iguaçu] por serem boas às lojas de lá. Tem por aí algum que vem para cá para juntar dinheiro e comprar outra autorização [hukou]* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos). Eles são familiares e amigos dos primeiros chineses que imigraram na década 1990 e foram convidados por estes para trabalharem em seus negócios, lojas de artigos femininos, restaurantes, lojas de roupas, papelarias, trabalhadores ambulantes e lanchonetes.

É preciso destacar que, através das minhas observações e principalmente dos depoimentos dos chineses, descobri que houve aumento considerável de lanchonetes chinesas em bairros que não havia presença desse grupo anteriormente. Durante minha primeira

pesquisa realizada previamente (COSTA, 2014), foi observado que a concentração de estabelecimentos e residências de chineses estavam localizadas em três bairros do município de São Gonçalo: Alcântara, Centro e Zé Garoto. Esses bairros são caracterizados pelos chineses por serem seguros, próximo dos centros comerciais da cidade e facilidade de mobilidade devido aos ônibus intermunicipais de São Gonçalo que vão para os bairros Botafogo, Tijuca, Maracanã e Vila Isabel do Rio de Janeiro onde há concentração sínica e também para os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu na Baixada Fluminense.

Já entre os anos de 2016 e 2017 foram constatados através de relatos dos depoentes que outros bairros em São Gonçalo passaram a ter destaque pela presença chinesa: Boaçú, Gradim, Jardim Catarina, Mutuá, Neves, Nova Cidade, Paraíso, Porto da Pedra, Rocha, Trindade e Vila Três. Esses bairros em que antes não havia presença chinesa passaram a ter destaque por serem considerados seguros e adjacentes ao Alcântara e ao Centro do município. Os novos bairros com a presença chinesa possuem forte comércio local e próximo de duas das principais vias que passam por São Gonçalo, BR-101 e RJ-104, nas quais circulam ônibus que realizam trajetos para Tijuca, Botafogo, Vila Isabel e Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

Mapa 03 – Segunda presença chinesa no município de São Gonçalo.



Autor: Edivan Costa.

De acordo com os relatos de chineses, descobri que poucos chineses conseguiram reunir a quantia necessária para troca do *hukou*⁴¹ através do suborno aos funcionários do Partido Comunista Chinês que permite viver nas grandes cidades da província de Guangdong. Em minhas tentativas de conversar sobre os *hukous* observei que os chineses ficavam em silêncio, as vezes diziam que não sabiam e em outros momentos diziam os nomes das cidades na China que seus compatriotas retornaram. Não foi possível identificar os chineses e seus familiares que retornaram para China para troca do *hukou*. Contudo, as cidades de Dongguan, Shenzhen, Zhongshan e Zhuhai – localizadas na província de Guangdong, foram escolhidas pelos chineses que retornaram para a China com objetivo de comprar novas autorizações de *hukous*.

Durante a minha pesquisa de monografia, descobri que os chineses que se estabeleceram em São Gonçalo imigraram para outros municípios do Leste Metropolitano Fluminense devido ao comércio e a possibilidade ascensão econômica: Itaboraí, Tanguá e Maricá. Na pesquisa de mestrado constatei que a migração chinesa para esses municípios estava relacionada ao Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ)⁴² que possui suas sedes de unidades petroquímicas em Itaboraí e a Central de Escoamento de Produtos Líquidos em São Gonçalo. Através das pesquisas etnográficas entre 2016 e 2017, observei que vários chineses em São Gonçalo tinham vínculos com seus compatriotas em Itaboraí. Foi relatado pelos chineses que tinham amigos e familiares que abriram lanchonetes e lojas em Itaboraí com objetivo de conseguirem aumentar a venda dos seus produtos devido aos novos empreendimentos do COMPERJ que foram construídos no município⁴³, que atraiu

⁴¹ Registro dos chineses utilizado para fixar em determinadas localidades que impede a mobilidade das pessoas na China (PINHEIRO-MACHADO, 2009).

⁴² Considerado o maior empreendimento da Petrobras com objetivo de refino de petróleo localizado no município de Itaboraí.

⁴³ As obras foram interrompidas entre os anos de 2015 e 2016 devido as crises financeiras na Petrobras. Para obter mais informações acessar periódicos locais e nacionais:

REVISTA ÉPOCA. “Obra do COMPERJ é paralisada e 800 são demitidos”. In: www.epoca.globo.com. **Revista Época**. Disponível em: <http://epoca.globo.com/tempo/filtro/noticia/2015/09/obra-do-comperj-e-paralisada-e-800-sao-demitidos.html>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

G1 – GLOBO. “Paralisação das obras causa mais de 2.500 demissões no COMPERJ”. In: [www.g1.globo.com](http://g1.globo.com). **G1 – Globo**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/paralisacao-das-obras-causa-mais-2500-demissoes-nocomperj.html>. Acesso em 19 de novembro de 2017.

O SÃO GONÇALO. “COMPERJ é prioridade da Petrobras para obras em 2018”. In: www.osaogoncalo.com.br. **O São Gonçalo**. Disponível em: <http://www.osaogoncalo.com.br/politica/38856/comperj-e-prioridade-da-petrobras-para-obras-em-2018>. Acesso em: 19 de novembro de 2017

trabalhadores brasileiros de vários municípios do Leste Fluminense. Alguns chineses optaram por migrar para Itaboraí com interesse em expandir as redes de comércio, pois acreditaram que poderiam aumentar o lucro por causa do trabalho região que atraiu investimentos. Os chineses migraram para Itaboraí e estão estabelecidos nos bairros de Manilha e Centro que são caracterizados pelo forte comércio varejista, adensamento da malha urbana e também serem considerados pelos chineses como seguros. Além disso, Manilha e o bairro do Centro possuem fácil acesso por ônibus intermunicipais para São Gonçalo e Rio de Janeiro por terem as principais vias do estado do Rio de Janeiro: BR-101, RJ-104 e RJ-114.

Os chineses que migraram para Itaboraí, por acreditarem que conseguiriam obter mais lucro no comércio, voltaram para São Gonçalo e alguns optaram por ficar em Itaboraí. Já os chineses que migraram para Maricá e Tanguá não conseguiram aumentar a renda na venda de alimentos e produtos de baixos valores, importados da China, também voltaram para São Gonçalo.

Neste capítulo foram detalhados os processos de controle migratório, sobretudo do êxodo rural, pelo governo do Partido Comunista Chinês através do *hukou* como meio de controle e suas implicações no cotidiano dos chineses. Além disso, foram apresentados os motivos que impulsionam as migrações e os mecanismos de burlar o controle estatal através do suborno. Foi analisada a presença chinesa no Leste Metropolitano Fluminense e sua presença em São Gonçalo, que é impulsionada pelo comércio atrelado às redes comerciais e migratórias que envolvem chineses em Ciudad del Este. No próximo capítulo serão apresentadas as investigações sobre a imigração chinesa em São Gonçalo tendo como metodologia a etnografia.

CAPÍTULO III – REDES MIGRATÓRIAS NA REGIÃO METROPOLITANA FLUMINENSE: ETNOGRAFIA DA COMUNIDADE CHINESA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO

[...] ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menos intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos que foram investigados, que podem discordar das interpretações do investigador (VELHO, 1978, pp. 44-25).

Anotações e práticas de observação: Inserção nos trabalhos de campo

Esse capítulo será dedicado ao resultado da(s) pesquisa(s) de campo que foram realizadas no município de São Gonçalo com o objetivo de entender e analisar a constituição das redes migratórias de chineses no leste metropolitano fluminense. Também, por meio da etnografia, entrevista aberta e observação participante – ferramenta da etnografia – compreender as sociabilidades e os processos identitários de chineses naquele território. Nesse momento, o diário de campo como ferramenta de trabalho dos antropólogos e também de outros cientistas sociais foi uma peça fundamental para o registro de ideias, notas e observações de pertinência para desenvolvimento da pesquisa.

Foi seguida a linha de investigação baseada na pesquisa etnográfica de William Foote-Whyte (2005)⁴⁴ nas áreas de vulnerabilidade social onde viviam imigrantes italianos e seus descendentes em distritos com grande densidade demográfica entre as décadas de 1930 e 1940 nos Estados Unidos. Esta linha de investigação foi utilizada para analisar a estrutura social da comunidade chinesa através da observação, das ações e sociabilidades.

Minha familiarização com os migrantes chineses permitiu que, na medida do possível, eu me pusesse no lugar deles através dos conhecimentos que adquiri, tentando me manter livre de conceitos pré-estabelecidos. Como ressalta Velho: “[...] a ideia de tentar *por-se no lugar do outro* e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em precisado e delimitado em termos de tempo” (VELHO, 1978, p. 37).

Ao longo da pesquisa desenvolvi a habilidade de transcrever de modo rápido o que era dito pelos depoentes, observei as expressões faciais e corporais. Após o campo, buscava

⁴⁴ FOOTE-WHITE, William. **Sociedade de Esquina: Estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

imediatamente ir para algum lugar em que pudesse anotar todas as observações e percepções que caracterizo como meu “Diário de campo etnográfico da oralidade” como maneira de evitar a perda das memórias que adquirirei ao longo do trabalho de campo. Identifico-me com Malinowski (1978) quando ele afirma que:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos. Na etnografia, é frequentemente imensa a distancia entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador, através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal. O etnógrafo tem que percorrer esta distancia ao longo dos anos laboriosos que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez pisa numa praia nativa e faz as primeiras tentativas no sentido de comunicar-se com os habitantes da região, até à fase final dos seus estudos, quando redige a versão definitiva dos resultados obtidos. Uma breve apresentação acerca das tripulações de um etnógrafo – as mesmas por que passei – pode trazer mais luz à questão do que qualquer argumentação muito longa e abstrata (MALINOWSKI, 1978, pp. 18-19).

Além disso, foi feito um breve levantamento bibliográfico e discussão teórica entre autores de trabalhos dedicados às mobilidades chinesas. Os estudos em campo foram realizados entre abril de 2016 e novembro de 2017 com observação e entrevistas com colaboradores do grupo étnico chinês.

No decorrer da pesquisa percebi que os depoentes chineses tinham receio de identificarem-se com seus nomes. Alguns preferiram não mencionarem os nomes, alguns pediram para que suas identidades não fossem reveladas na pesquisa e outros optaram por se identificarem por nomes popularmente brasileiros para que não fossem reconhecidos. Assim, os nomes que aparecem na dissertação são fictícios em respeito aos pedidos de preservação das identidades dos depoentes.

Etnografia e o diário de campo

Minha retomada ao campo ocorreu como participante da Primeira Mostra de Kung Fu e Cultura Chinesa⁴⁵, que teve participação de grupos de kung fu do município e também de chineses. O evento teve baixa participação de espectadores e pequena presença de chineses. Assim, a mostra de Kung Fu foi mais um enaltecimento por parte dos organizadores do que

⁴⁵ Ocorreu entre os dias 27 de novembro a 06 de dezembro de 2016 na Casa de Villa Real organizado pela Prefeitura Municipal de São Gonçalo.

apresentação da cultura chinesa. Ao longo dos dias percebi a pouca participação de chineses residentes em São Gonçalo na plateia. Os chineses não tiveram espaço para fala e estiveram em segundo plano. Meses após a Primeira Mostra de Kung Fu e Cultura Chinesa através de minha participação no campo, foi relatado pelos depoentes que aquele evento não representou a China, sua cultura e os chineses em São Gonçalo. De acordo com eles, a Mostra se ateve à exibição da arte marcial Kung Fu.

Não gostei daquilo [Primeira Mostra de Kung Fu e Cultura Chinesa] não estava nos representando. Eu não tinha interesse sobre aquilo. Achei bom trabalhar. Achar que chineses só sabem Kung Fu é como falar que vocês [brasileiros] só sambam. (Yi, chinês, aproximadamente 25 anos)⁴⁶.

Durante o evento reencontrei com dois chineses: Ena e Yi, que conheci em minha pesquisa monográfica. Eles me apresentaram a outros chineses que tinham chegado ao Brasil nos meses anteriores. Através das conversas consegui estabelecer contato que proporcionou maior inserção no grupo chinês de São Gonçalo. Expliquei que voltara a estudar a China e suas migrações no estado do Rio de Janeiro. Percebi que Ena ficou entusiasmada com minha pesquisa e disse *Eu converso de novo* (Ena, filha de chineses, 28 anos), todavia, Yi ficou desconfiado do motivo pelo que eu queria compreender a imigração chinesa. Durante minha pesquisa de monografia percebi que Ena não tinha muitos amigos fora da comunidade chinesa e, por ser a gerente da lanchonete de sua família, o trabalho a mantinha ocupada por muito tempo, o que de certo modo a impedia de ampliar sua rede social fora do ambiente familiar e conterrâneo. Ela era muito esperta e hábil, conhecia a comunidade chinesa em São Gonçalo e chineses em outros municípios da região metropolitana fluminense. Dessa maneira, ela passou a ser minha referência para minha inserção no campo. Diante dessas condições, eu era visto como o amigo brasileiro⁴⁷ que afinal havia procurado a aproximação com ela.

Passei a ir uma vez por semana na lanchonete que Ena trabalha no Centro de São Gonçalo para observar as interações entre os chineses com os brasileiros e conversar sobre as experiências dela no Brasil, mas acabávamos conversando sobre outros assuntos do interesse dela – músicas, filmes, novelas e séries de televisão. Algumas vezes, ela comentava que tinha ido para China visitar os tios e que sentia falta do país. Ela não gostava de comentar sobre essa viagem devido às brigas de família.

⁴⁶ Depoimento obtido no dia 30 de janeiro de 2017 por um chinês após as comemorações do Ano Novo Chinês em São Gonçalo.

⁴⁷ Mesmo sendo considerado amigo por ela, eu precisava consumir algo em sua lanchonete para que pudesse ficar sentado nas cadeiras e, quando ela tinha disponibilidade, conversava comigo.

Ena disse que haveria uma pequena comemoração do Ano Novo Chinês nos dias 28 e 29 de janeiro de 2017 e que já estava convidada. Percebi que aquele evento poderia ser importante em minha pesquisa por estarem presentes chineses que eu poderia analisar em relação às suas sociabilidades em grupo e performances. Até aquele momento, eu não tinha conhecimento que os chineses se reuniam em São Gonçalo para comemorações do Ano Novo Chinês. Manifestei meu interesse na possibilidade de ir, ela disse que eu não estaria autorizado participar, mas deixou que eu a acompanhasse até a festa que aconteceria no bairro do Alcântara, São Gonçalo.

Encontramo-nos na Praça Zé Garoto e fomos juntos de ônibus até ao Alcântara. Quando estávamos no ônibus, Ena disse que durante a comemoração do Ano Novo é costume que os chineses viajem para suas cidades na China para passar os dias das comemorações com familiares. *[O Ano Novo] é quando eles [chineses] voltam para China visitar os parentes e mostrar os filhos nasceram e que ainda não tinha sido conhecido pela família. Nessa época você não falará com eles porque não estão aqui* (Ena, filha de chineses, 28 anos). No trajeto da viagem, olhei pela janela e fui percebendo que várias lanchonetes e lojas de chineses estavam fechadas⁴⁸.

Durante toda a viagem ela comentava sobre o desejo de quando morrer fosse enterrada na China, pois não queria ser enterrada no Brasil. Ela dizia: *Sou até brasileira no documento, mas sou muito mais chinesa* (Ena, filha de chineses, 28 anos). Questionei o interesse em ir para China para viver por lá e, ao indagar sobre o intuito da imigração dela e dos outros chineses, me referindo ao projeto de conseguir dinheiro trabalhando no Brasil, voltar para China e trocar o *hukou* para viver em uma cidade, ela foi enfática.

Para que voltar para lá? Nós somos da China, mas alguns de nós não queremos voltar. A maioria já é daqui. Ir para lá vai ser problema porque somos chineses, mas somos brasileiros. Os que voltaram para China e trocaram o hukou não são felizes e não têm emprego bom como tem aqui. (Ena, filha de chineses, 28 anos).

Devido ao engarrafamento que teve duração de mais de uma hora pudemos conversar sobre o *hukou*. Confesso que percebi que Ena ficou irritada quando quis saber sobre o registro domiciliar chinês de alguns membros da família dela e também de chineses em São Gonçalo,

⁴⁸ No período de comemorações no Ano Novo Chinês que ocorreu nos anos de 2017 e 2018 observei que estabelecimentos de proprietários chineses estiveram fechados. Além disso, através de depoimentos soube que os chineses viajam para China para participar com familiares das comemorações do Ano Novo.

mas, quis tentar a sorte e instigá-la. Fui direto e perguntei sobre o que ela achava do *hukou* e o motivo de viver em São Gonçalo. Ela me olhou e disse:

Eu não entendo! Confesso que acho estranho ser brasileira e ser chinesa ao mesmo tempo. [...] Já tentei, mas consigo ser apenas uma ou outra. Eu até sei que sou as duas coisas, mas não sei se sou primeiramente chinesa e depois brasileira, ou, sou primeiramente brasileira e depois chinesa. [...] eu posso ser o que eu quiser dependendo do que será bom no momento. Ser chinesa ou brasileira vai depender do que pode ser melhor. Não acredito que terei um hukou, até acho que não quero. Ter hukou é ser chinesa e eu já sou! Mas ser chinesa com documento acho que pode ser complicado. Lá no futuro... [pensativa] Eu for chinesa com documentos, passaporte e tal... Devo herdar o hukou da minha família. Eu não sei se quero viver como eles no interior ou viver em Guangdong como uma morta viva. Viver como uma morta viva parece que é ser invisível⁴⁹. Já presenciei várias pessoas nessa situação. Posso dizer que não quero. Minha mãe fala para eu voltar para Guangdong e viver com ela, só que fico pensando... Viverei como uma morta viva igual minha mãe e aos outros. Edivan, eu sou brasileira, tenho passaporte daqui. Não quero ir para China e viver assim. Mas se eu for... [pensativa] Não poderei viver como estrangeira e deixar minha família do jeito que estão. É muito errado, seria uma traição muito grande. Prefiro viver com meu pai aqui. Viver aqui não vai me fazer traidora da minha mãe e tios lá na China. Não moraria com eles e morarei aqui no Brasil. Olha que em São Gonçalo não é o melhor lugar, mas é o que tenho. Se tudo der certo vou ter minha loja no Alcântara, né? Aqui é muito bom para ter algum negócio... Já tive muitos problemas por causa do hukou e não quero passar... Na verdade isso nem é meu. Eram dos meus pais que nem moram aqui, são deles [familiares] e por isso estou me fudendo nessa merda de briga de família. Meu sonho é juntar dinheiro, chegar na casa da minha mãe dar o dinheiro nas mãos dela para comprar um novo hukou (Ena, filha de chineses, 28 anos).

O depoimento emocionado de Ena dentro do ônibus me fez refletir sobre as condições e condicionantes da sua vida. Em setembro de 2012, o seu irmão mais novo, chamado Lucas, de 21 anos, após sair do banco foi seguido por dois rapazes de motocicleta, anunciaram o assalto e roubaram o celular e o alvejaram com três tiros. Eu me lembro dessa história quando iniciei minhas pesquisas na graduação e soube do assassinato do Lucas. Ena ainda vive o luto da morte do irmão e o medo constante de ser assaltada e desde aquele crime evita andar na rua sozinha. Nas conversas que tivemos nas semanas anteriores, Ena comentou que a morte do irmão foi a causa do divórcio de seus pais. O pai dela não quis voltar para China decidindo viver em São Gonçalo. Já a mãe, não aguentou morar no Brasil por achar que o País tirou a

⁴⁹ Referência ao contingente de chineses oriundos do interior da China que trabalham em cidades localizadas nas ZEEs sem autorização do Partido Comunista. Essa população é conhecida como “população flutuante”.

vida do filho e por isso voltou para China. Ena não gosta de comentar esse assunto pessoal e sente ter os pais morando em países diferentes e não poder cuidar deles na velhice.

Durante as conversas que tive com Ena ao longo da pesquisa de mestrado, soube que o corpo do seu irmão foi enterrado na China. Como pesquisador e principalmente por estar próximo dela ao longo da pesquisa, evitei comentar o assunto que a deixava triste. A opção de enterrar o corpo de Lucas na China se deve à ideia de retornar às origens familiares e também nacionais. Através das minhas observações e participação em conversas, soube que os chineses que decidem viver por definitivo no Brasil ou em outros países pedem, antes de morrerem, aos filhos e netos que enviem seus corpos para a China com intuito de serem cremados ou enterrados. Essa escolha se baseia na ideia de que é preciso que voltem para casa onde estão as origens dos ancestrais. Em uma breve conversa que tive sobre o falecimento de Lucas, Ena declara, em aparente contradição às declarações anteriores: *É preciso voltar para casa, a China sempre será nossa mãe* (Ena, filha de chineses, 28 anos).

Ela ainda relatou que alguns brasileiros perguntaram se a família dela não tinha vontade de realizar algum culto pelo óbito do irmão, entretanto, eles não quiseram por serem ateus. A decisão de que o irmão mais novo de Ena fosse enterrado na China era baseada na esperança de que as futuras gerações lembrassem dele, mas não estava vinculada a nenhuma religião. “O culto aos ancestrais é central na família e na sociedade chinesa e estende para além da morte o sentimento de solidariedade que une diferentes gerações” (TREVISAN, 2014, p. 160). O Partido Comunista Chinês compreende a religião com desconfiança devido ao seu passado histórico e por terem os missionários católicos e protestantes como ameaças ideológicas.

O governo chinês vê manifestações religiosas com profunda desconfiança, por razões ideológicas e históricas. O Partido Comunista é ateu e proíbe que seus integrantes professem qualquer forma de religião, considerada um fator de atraso e alienação, o “ópio do povo” marxista. Além disso, movimentos religiosos estiveram na origem de várias rebeliões que tentaram derrubar dinastias imperiais, principalmente a última delas, a Qing (1644-1911) (TREVISAN, 2014, p. 95).

Em minhas observações descobri que a maioria dos chineses não são adeptos a nenhuma religião, no entanto alguns são filiados à Igreja Evangélica localizada em Nova Iguaçu. Os chineses que optam em se denominarem pertencentes a alguma religião o fazem apenas por interesse de socialização com os brasileiros. Pude notar ainda que a maioria cultua os ancestrais em caráter de respeito e a eles pedem proteção e sorte nas decisões ao longo da vida.

A morte de Lucas, entre os chineses nos municípios de São Gonçalo e Niterói foi encarada com medo e revolta. O medo na comunidade sínica se deveu à consciência de que a vítima poderia ser qualquer um de seu coletivo. Eles ficaram indignados com a morte de um jovem, mas preferiram não chamar atenção e manter discrição. Devido à morte de Lucas, o receio dos chineses de que as autoridades brasileiras descobrissem os chineses que estavam com documentação irregular, ou mesmo sem autorização de residência no País, aumentou a tensão entre eles. Ademais, a desconfiança dos chineses em relação aos brasileiros também aumentou significativamente.

Durante minhas experiências etnográficas com chineses pude observar que os brasileiros são vistos como trapaceiros, ladrões e mentirosos. Ao longo da minha vivência com o grupo sínico do leste metropolitano fluminense tive conhecimento de muitos casos de furtos de produtos em lojas de chineses e assaltos realizados por brasileiros. Ainda soube de breves relatos por parte dos chineses que foram vítimas de golpes de clonagem de cartões de crédito e celulares. Ao longo da pesquisa pude perceber os estigmas que os brasileiros sofrem quando entram nas lojas e lanchonetes de chineses em São Gonçalo, contudo esses não percebem. Os brasileiros são atentamente observados nas lojas e lanchonetes dos chineses por serem tomados como possíveis ladrões interessados em roubar o dinheiro do caixa ou os produtos à venda. Já os brasileiros que são contratados pelos chineses para trabalharem em seus estabelecimentos em cargos de segurança, atendente de balcão, cozinheiro, auxiliar de serviços gerais e repositor de produtos são também vigiados pelos chineses com receio de serem furtados durante o trabalho.

Nas lanchonetes, os chineses possuem conhecimentos da língua portuguesa para atenderem brasileiros em seus pedidos, contudo, optam em contratar brasileiros para atrair clientes. Segundo relatos obtidos no campo, mesmo com os estigmas que os brasileiros têm por serem conhecidos como trapaceiros, eles são contratados pelos chineses. Os depoentes relataram que têm conhecimentos que os brasileiros têm receio dos hábitos de higiene dos chineses e que evitam consumirem os alimentos das lanchonetes. Dessa maneira, para atrair clientes brasileiros, contratam outros brasileiros para serem atendentes das lanchonetes. De acordo com os depoentes, os brasileiros aparentam ser mais limpos e por isso são bem-vistos por outros brasileiros por acreditarem que são eles que preparam os alimentos. *Os brasileiros quando ver um brasileiro na vitrine vendendo aceita comer do que quando somos nós. Isso é bom podemos ganhar mais dinheiro* (Ena, filha de chineses, 28 anos).

Em minhas participações nas cozinhas das lanchonetes, observei que os brasileiros que são contratados para atenderem os clientes também preparam os alimentos junto com os chineses⁵⁰. Dessa maneira, essa estratégia étnica dos chineses em empregar brasileiros como atendentes evita perda de consumidores. Ainda observei que os brasileiros trabalham de atendentes, preparam os alimentos e são responsáveis pela limpeza, mas não são permitidos que recebam o dinheiro dos clientes e não podem ficar responsáveis pelo caixa que na opinião dos chineses são compreendidos como trapaceiros. De acordo com Ena: os *brasileiros podem ficar na cozinha, limpar chão e falar com outro brasileiro para comer. Brasileiro não pode guardar dinheiro* [sic] Ena, filha de chineses, 28 anos).

Devido minhas primeiras experiências na juventude e em seguida acadêmicas ao longo dos anos com chineses tentei me despir dos estereótipos que pesquisadores brasileiros têm ao estudarem chineses, buscando a possibilidade de me inserir no grupo estudado de maneira mais legítima sem preconceitos. Contudo, passei a conhecer os estereótipos que os chineses têm dos brasileiros.

O campo das sensibilidades é, sem dúvida, o que gera maior estranhamento, porque toca no âmago da diversidade cultural e da intersubjetividade. Relacionar-se com o Outro é muito mais denso e dramático do que comer um exótico prato de ensopado de cachorro. Longe de casa, sentir-se acolhida (e não solitária) na companhia de um nativo é, em meu ponto de vista, o principal desafio do campo. Isso remete a uma questão fundamental no estudo dos chineses por brasileiros, a qual versa sobre dois estereótipos culturais que, como muitos estereótipos são baseados em traços concretos: a ideia de um povo aberto, de um lado; e de um povo fechado, de outro (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 29).

Ao longo da pesquisa pude sentir a desconfiança dos chineses em relação aos brasileiros, afinal, eu sou brasileiro. Em minhas tentativas em estabelecer contato com os chineses fui tratado de maneira ríspida e grosseira. Sempre com desconfiança sobre o que eu estava fazendo naquele lugar. Quando me apresentava como pesquisador muitos não sabiam o significado da palavra (“pesquisador” e similares, tais como “pesquisa”, “mestrado” e “dissertação”), mesmo após a minha explicação continuavam sem compreensão. Houveram momentos que percebia que eles compreendiam o que eu falava e fingiam que tinham pouco conhecimento na língua portuguesa, como estratégia para evitar conversar comigo e forçar minha partida.

⁵⁰ Nas cozinhas das lanchonetes em que entrei, observei que os chineses dormiam sobre os sacos de trigos e que tinham pertences pessoais. Em duas situações presenciei camas e esteiras nas quais os chineses dormiam.

É preciso ainda destacar que a timidez dos chineses foi uma barreira para a aproximação, o que inicialmente dificultou estabelecer o contato. Como pesquisador, tive vergonha em abordar os chineses e estabelecer contato. Em minhas tentativas eu era observado por chineses e brasileiros, que estranhavam minhas tentativas em querer conversar.

De acordo com Pinheiro-Machado (2009, p. 28): “Trata-se de uma experiência plena, em que a barreira do pré-conceito só é vencida se estamos abertos a passar por experiências novas, mesmo as mais difíceis, tolas ou desconcertantes”. Houveram situações, após minha apresentação e explicação do meu objetivo, em que fui tratado de maneira agressiva. Algumas vezes fui expulso com gritos, palavras de ordem e empurrado para fora da loja⁵¹ e até jogaram refrigerante em minha cabeça quando entendiam que não compraria nada. Devido às minhas experiências como pesquisador, sabia das dificuldades que teria de inserção no grupo étnico chinês por ser brasileiro e pertencer a outro grupo étnico. Meus contatos com chineses podem ser compreendidos através das leituras de Barth (2000) ao analisar as diferenças entre os grupos étnicos – eu na categoria de pesquisador brasileiro e os depoentes chineses – estabelecemos modos de divergentes entre grupos, a importância se baseia na consideração das culturas atreladas ao modo organizacional étnico. Ao longo da pesquisa, houveram dias em que pensei em abandonar a pesquisa devido ao tratamento grosseiro recebido pelos chineses e até dos colaboradores. Em outras circunstâncias fui chamado de vagabundo e ladrão pelos chineses e até funcionários brasileiros que me viam como perigo por acharem que eu tinha interesse em ocupar os empregos deles. Nas leituras dos trabalhos da antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2009) que investigou a rede formal e informal de circulação dos produtos chineses no comércio entre a China, Paraguai e Brasil relata as mesmas impressões que tive ao longo da pesquisa⁵².

No Paraguai e na China, eu buscava proximidade e afetividade nos relacionamentos [com chineses]. Almejava a facilidade da comunicação que eu tinha tido com os camelôs – comunicação esta que vai muito além da linguagem e diz respeito ao entendimento interpessoal. No entanto, era percebida com desconfiança por parte de muitos informantes, que ressaltavam a maneira imediatista com que os brasileiros lidavam com a vida. Amizade instantânea era vista como cinismo, pois o vínculo construído rapidamente podia ser reverter em briga, também rapidamente. Encontrei muitas caras fechadas, recebi muitos “nãos”. Levei empurrões tentando entrar em trens ou atravessar a rua, bem como fui expulsa algumas vezes de lojas quando o

⁵¹ Certa vez, fui empurrado, caí no meio-fio da calçada, o que me deixou machucado.

⁵² PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16895>. Acesso em: 15 de março de 2016.

vendedor via que eu não compraria nada. Enfim, briguei, chorei de raiva. Encontrava um mundo que se mostrava áspero e frio: essa sim era a diferença intransponível (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 30).

Como a pesquisadora, chorei ao pensar que talvez não conseguisse desenvolver a pesquisa⁵³, achei que seria impossível estabelecer contatos com chineses por negarem conversar comigo e ignorarem minha presença. Em muitos momentos quando estive em campo me senti sozinho mesmo estando próximo da minha casa. Paradoxalmente, eu me sentia distante por tentar estar em um grupo étnico que em alguns momentos não me aceitava ou que me olhavam com desconfiança sem compreender minha presença.

O Ano é do Galo: Comemorações do Ano Novo Chinês

No dia 29 de janeiro de 2017, quando cheguei com Ena ao espaço alugado pelos chineses para comemoração do Ano Novo, percebi que o local estava decorado com os símbolos dos doze animais do zodíaco chinês, mas o Galo estava em destaque através de gravuras pelas paredes. As cores predominantes para decoração eram vermelhas e amarelas, que estavam representadas pelas toalhas de mesa e cadeiras. O local tinha cheiro agradável de comida, no qual se destacava o assado da carne de porco.

Nos primeiros momentos da minha chegada fui o centro das atenções. Eu pude observar que todos os olhares estavam sobre mim por não ser chinês. Ena pediu para que eu segurasse a bolsa dela enquanto ficava na cozinha preparando os pratos. A princípio achei o pedido dela comum, entretanto, há significados diferentes entre os chineses quando um homem segura bolsa de uma mulher que explicarei mais à frente. Logo de início verifiquei uma divisão de gênero nas tarefas de organização, onde as mulheres preparavam os alimentos rapidamente e organizavam as mesas, enquanto os homens ficaram pelo salão conversando baixo.

Meu fenótipo é diferente dos chineses – da etnia han que ocasionou olhares sobre mim, escutei em diversos momentos duas palavras em mandarim *waiguoren* e *iaowai* que significam em português, *estrangeiro*. Alguns acharam que eu tivesse outra nacionalidade (acharam que eu fosse europeu⁵⁴), mas não que eu fosse brasileiro devido à minha aparência.

⁵³ Até pensei em mudar de pesquisa e investigar os movimentos migratórios de senegaleses no município de Niterói.

⁵⁴ Pude observar que norte-americanos que residem nos municípios do Leste Metropolitano, vinculados às igrejas protestantes mórmons e, sobretudo europeus (portugueses e espanhóis) são compreendidos como ricos

Houveram momentos que percebi que eu não era apenas o centro dos olhares, eu era fotografado por ser alguém diferente deles naquele momento exclusivo dos chineses. Mesmo com olhares de estranhamento por alguns, fui educadamente recebido.

Levei meu diário de campo, todavia, achei melhor não fazer observações escritas para não chamar mais atenção e tentar me inserir entre eles. A comemoração teve duração de quatro horas com celebrações ao Galo – animal sagrado – e ocorreram conversas entre pequenos grupos. Tentei me inserir nos grupos dos jovens, homens e mulheres, mas era rejeitado. Percebia que os chineses conversavam em cantonês⁵⁵ e percebi que a língua era um obstáculo que precisava enfrentar para minha inserção nas fronteiras étnicas chinesas.

Minha experiência de inserção etnográfica me deixava frustrado por não conseguir manter o contato necessário e confesso que preferiria até ser destrutado, pois assim teria conhecimento da reação deles, mas fui apenas ignorado. Ninguém quis conversar comigo e isso me isolou. No ano de 1958 quando Clifford Geertz (2008) realizou a sua pesquisa em uma aldeia balinesa, Indonésia, relatou sua experiência parecida com a minha quando efetuou sua etnografia sobre as brigas de galos⁵⁶.

[...] Enquanto caminhávamos sem sentindo, incertos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar atrás de nós, focalizando o olhar a alguma distância, sobre uma pedra ou uma árvore, mais reais do que nós. Praticamente nos cumprimentavam, mas também ninguém nos ameaçavam ou dizia algo desagradável, o que seria até mais agradável do que ser ignorado. Quando nos arriscávamos a bordar alguém (e numa atmosfera como essa a pessoa sente-se terrivelmente inibida para isso), essa pessoa se afastava, negligente, mas definitivamente. Se ela estivesse sentada ou apoiando-se a uma parede e não pudesse afastar, simplesmente não falava nada ou murmurava aquilo que representa para balinês uma não-palavra “yes”. **A indiferença, sem dúvida, era estudada; os aldeões vigiavam cada movimento que fazíamos e dispunham de uma quantidade enorme de informações bastante corretas sobre quem éramos e o que pretendíamos fazer. Mas eles agiam como se nós simplesmente não existíssemos e esse comportamento era para informar que de fato nós não existíamos, ou ainda não existíamos** (GEERTZ, 2008, p. 185, grifo nosso).

Tentei conversar com Ena para, com sua ajuda, penetrar no grupo, porém ela estava ocupada preparando as comidas. Eu estava ficando desestimulado. Sentei em um canto e, olhando para eles, pensei na razão de estar ali, afinal os presentes não queriam saber de mim.

por serem oriundos de países centrais e por serem pessoas brancas. Certa vez, uma senhora chinesa achou que fosse rico por acreditar que eu fosse europeu e branco.

⁵⁵ Dialeto falado na província de Guangdong também denominada em português como Cantão, localizada no sul da China.

⁵⁶ GEERTZ, Clifford. “Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galo balinesa”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Indo ao banheiro antes de ir embora, encontrei um senhor de 58 anos chamado Xiao, bem-humorado e que falava português com forte sotaque mandarim. Ele mora em Botafogo e tem dois filhos que vivem em Vancouver, Canadá – que moram desde 2010 para estudarem em universidades canadenses. Consegui manter meu único contato com um chinês na comemoração do Ano Novo Chinês. Ele comentou brevemente sobre sua vida no Brasil. Xiao trabalhou por muitos anos como vendedor de produtos chineses no município do Rio de Janeiro, em Madureira e na Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega (conhecido popularmente como SAARA), conjunto de ruas ocupadas pelo comércio popular localizado no Centro. Após anos trabalhando como vendedor abriu duas lojas em Madureira, uma em Duque de Caxias e uma em São Gonçalo. Xiao relatou que participa das decisões, remunerações e gastos de suas lojas, entretanto, quem administra são seus irmãos e sobrinhos que vivem no Rio de Janeiro. Em nossa breve conversa, ele disse que gosta de trabalhar na região metropolitana do Rio de Janeiro e ajuda a sua família no Brasil e na China.

A conversa que tive com Xiao me retomou a esperança, decidi ficar por mais tempo na festa do Ano Novo e buscar estabelecer contatos com outros chineses, mas as expectativas foram frustradas. Nas tentativas que fiz, fui rejeitado e ignorado. Houveram momentos que estabeleci contato em português, mandarim e em inglês como possibilidade de iniciar conversas, mas acabava sendo visto como “intruso” que avançava as fronteiras do grupo étnico chinês em São Gonçalo⁵⁷.

Utilizo aqui grupo étnico no sentido que Barth atribui: “Ao focar aquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social” (BARTH, 2000, p. 31). A organização social dos chineses no município de São Gonçalo se baseia por valores culturais da sociedade chinesa que corroboram para constituição de sua identidade étnica, que pode ser verificada através da hierarquização das relações familiares, superstições, crenças em números que influenciam a sorte⁵⁸, casamentos arranjados pelos pais, crença nos animais do zodíaco chinês etc.

⁵⁷ “Dada a ênfase na dimensão desses grupos como portadores de cultura, a classificação das pessoas e dos grupos locais como membros de um grupo étnico necessariamente depender da presença de traços culturais particulares. Na tradição das áreas culturais, isso é algo que pode ser julgado objetivamente pelo observador etnográfico, sem que se leve em conta as categorias e preconceitos dos atores. Diferenças entre os grupos tornam-se diferenças entre inventários de traços: a atenção concentra-se sobre a análise das culturas, em detrimento da organização étnica”. (BARTH, 2000, p. 29).

⁵⁸ Durante minhas observações sobre os chineses percebi que eles não moram no quarto andar dos prédios e também evitam alugar apartamento que tem o número “quatro”. O som da palavra “quatro” em mandarim é parecido com o da “morte”. Assim, os chineses evitam morar no quarto andar dos prédios. Os chineses escolhem morar no oitavo andar dos prédios devido ao som do “oito” é parecido com em mandarim com riqueza, sorte e

A comemoração do Ano Novo é realizada desde 2014 e é um evento fechado, somente para chineses que residam em São Gonçalo e municípios adjacentes, idealizado por um grupo de amigos chineses. A comemoração do ano em 2017 festava o início do ciclo do Galo, animal do horóscopo chinês, que simboliza o trabalho que proporciona ganhos financeiros. O clima de otimismo no jantar de comemoração do Ano Novo era mantido por cinco famílias de proprietários de lojas e lanchonetes⁵⁹ que totalizava 37 pessoas que se comunicavam majoritariamente em cantonês e mandarim.

O jantar servido às 16h era farto e com comidas típicas chinesas. Com muitos peixes fritos sendo servidos por inteiro em grandes pratos, pastéis recheados de carne preparados em forma de lingotes e bastante carne de porco por simbolizar prosperidade e a sorte. Havia muitos tipos de chá, todavia, predominavam o verde e o preto. Nas mesas de bebidas havia cerveja de marcas brasileiras e europeias e bastante água. Existia bastante sorvete que era consumido principalmente pelas crianças, que pareciam sofrer com o forte calor. No salão de festas encontravam-se várias mesas com capacidade para oito pessoas. Observei ainda que os chineses se agrupavam nas mesas pelas faixas etárias.

Em minhas frustrantes tentativas de inserção no grupo achei que seria melhor ficar próximo de Ena por ser minha referência naquele grupo. Em minha nova tentativa de saber mais sobre aquelas pessoas, questionei-a sobre quem eram as pessoas presentes naquela comemoração. Ela relatou que a maioria dos participantes morava em São Gonçalo e alguns em outras cidades – Rio de Janeiro e Itaboraí. Todos eram pequenos empresários com estabelecimentos de lanchonetes e/ou lojas de produtos importados da China e que majoritariamente eram nascidos ou viveram na província de Guangdong. Perguntei sobre quais seriam os motivos para comemorações do Ano Novo em São Gonçalo. Ena disse que todos são se ajudam um ao outro quando é necessário⁶⁰. Além disso, é importante se reunirem para perpetuar as redes de relacionamento e ajuda mútua. Após a breve explicação da minha depoente, fiquei ainda mais curioso para entender aquele grupo e suas redes de sociais.

Nesse momento, percebi que estava diante de algo que ainda não consegui detectar em meus estudos sobre imigração chinesa: *guanxi*. Essa expressão da língua chinesa tem como

sucesso. Através das minhas observações percebi que os chineses moram no oitavo andar dos prédios residenciais de São Gonçalo, é possível ter mais de três famílias morando em apartamentos diferentes.

⁵⁹ Através de conversas com chineses e da observação participante soube que os estabelecimentos comerciais desse grupo se concentram nos bairros do Alcântara e Centro.

⁶⁰ Segundo Eric R. Wolf (2003, p. 246): “Quando olhamos para os fenômenos étnicos (no sentido de esforços para sustentar a solidariedade de grupos mediante apelos aos atributos comuns de descendência e tradição), vemo-nos diante de uma gama muito mais ampla de circunstâncias que geram o que parecem ser efeitos similares”.

significado relacionamento com objetivos específicos que pode ser financeiros, parcerias políticas, comerciais etc., e que precisam ter como base o respeito e confiança. *O guanxi* se define como rede de parcerias entre membros que possuam ajuda mútua. Além do território da China, as práticas do *guanxi* costumam estar atreladas ao trabalho e comércio ilícito por chineses e descendentes, pois que na China são fundamentais em setores do país que perpassam a indústria, economia, política e cotidiano da população (SILVA, 2008). Assim, percebi que *guanxi* é uma prática comum entre os chineses, a qual apresentarei mais à frente.

No final da minha participação na comemoração do Ano Novo Chinês, eu já estava cansado devido ao calor que era forte. Além disso, havia o agravante que as telhas do salão eram de zinco, que intensificaram ainda mais o calor. Optei em voltar junto com Ena com interesse de saber informações que não consegui obter de imediato. Na despedida fiquei mais tímido do que quando cheguei, eu não sabia como poderia realizar minha despedida e agradecer por terem me aceito. Acabei dando um adeus coletivo e todos me olharam e não expressaram nenhuma reação. Saí daquele local como se tivesse realizado algo de errado, mas não sabia o que seria.

Na volta fomos juntos de ônibus até o Centro de São Gonçalo, na viagem Ena relatou que os participantes ficaram surpresos com minha presença e que de acordo com ela foi inédita. *Não seria proibido que alguns brasileiros participassem, mas foi grande surpresa para eles. Ninguém imaginaria que eu levaria um brasileiro* (Ena, filha de chineses, 28 anos). Questionei se por acaso ela foi criticada por ter me levado e para meu conhecimento, os chineses pensaram que Ena e eu tínhamos algum relacionamento. De acordo com Ena, a maior surpresa foram eles terem achado que nós tivéssemos um relacionamento amoroso. Ela disse que a maior parte do tempo em que estava na cozinha foi questionada pelos chineses se nós estávamos namorando e se casaríamos em breve. *O maior susto não foi você ter ido, foram eles terem achado que nós fossemos namorados* (Ena, filha de chineses, 28 anos). Após esse comentário eu ri dos participantes por terem acreditado nessa possibilidade e questionei se Ena havia comentado sobre o motivo da minha ida à comemoração do Ano Novo. Ela respondeu com risos e disse: *Eu não sei bem* (Ena, filha de chineses, 28 anos).

Após ela fazer esse comentário fiquei em silêncio por alguns segundos e lembrei que ela pediu para que segurasse a bolsa na frente dos chineses que estavam presentes. Lembrei-me ainda dos meus primeiros contatos que tive com chineses em minha adolescência e sobre o costume dos homens segurarem a bolsa das mulheres. Entre os chineses, quando um homem segura a bolsa da mulher significa que eles estão em um relacionamento sério ou estão

casados. Através das minhas convivências pude observar que os namoros dos chineses são compreendidos como estágio do início do casamento. Os chineses não costumam ter namoros longos, os namoros são curtos e eles casam logo depois. Comentei se ela sabia ou tinha noção das atitudes que teve em relação a mim quando estávamos na comemoração. Ela riu e respondeu: *Não foi nada demais. Achei engraçado eles achando que eu tenho um namorado brasileiro* (Ena, filha de chineses, 28 anos). Eu fiquei incomodado com a atitude dela por achar que fui usado para uma “brincadeira”.

Expliquei desde o início de nossas conversas sobre meu objetivo como pesquisador. Minha preocupação cresceu devido à atitude dela, que poderia prejudicar minha inserção no campo. Ela percebeu que fiquei chateado e não conversamos até chegarmos ao Centro de São Gonçalo, quando cada um de nós foi para nossas casas. Após a comemoração do Ano Novo Chinês encontrei com Ena algumas vezes enquanto caminhava pelas ruas do bairro do Centro e Porto da Pedra.

Etnógrafo: Cliente observador externo e estranho participante interno

Entre os meses de outubro a dezembro de 2016, frequentei uma lanchonete de propriedade de imigrantes chineses, localizada na Avenida Presidente Kennedy no Centro de São Gonçalo, na tentativa de realizar uma aproximação gradual com os chineses que trabalhavam no local. frequentei a lanchonete duas vezes na semana em dias aleatórios, esperando que minha presença fosse naturalizada pelos chineses com objetivo tentar estabelecer contato mais profundo. Minha entrada no campo a princípio foi como cliente que sentava na bancada e consumia. Logo após, busquei estabelecer confiança e de alguma maneira ser útil para eles. Baseado em William Foote Whyte (2005) iniciei como cliente observador externo. No decorrer do tempo, quando passei estabelecer confiança, passei a ser a princípio cliente participante não-observador interno.

Nos primeiros meses em Cornerville, vivi o processo do sociólogo Robert Johnson descreveu em seu próprio trabalho de campo. Comecei como observador não participante. À medida que fui aceito na comunidade, vi que me tornava quase um participante não-observador. Tinha de sentir a vida em Corneville, mas isso significava que devia tomar como dados os mesmos aspectos que meus amigos de Cornerville consideravam como tal. Encontrava-se imerso na vida local, mas ainda não conseguia que as coisas adquirissem sentido para mim. Tinha a impressão de que fazia algo importante, mas faltava explicar a mim mesmo do que se tratava (WHYTE, William Foote, 2005, p. 318).

A referência etnográfica de William Foote Whyte (2005) contribuiu para minha sensibilidade como pesquisador com a necessidade de aprofundar ainda mais no campo. Assim, caracterizo minha inserção neste campo em dois momentos diferenciais: **1 - Cliente observador externo** e **2 - Estranho participante interno**. Esses dois marcos diferenciais no campo foram relevantes para que pudesse compreender as dinâmicas das relações ocorridas no espaço da lanchonete.

1 - Cliente observador externo

À tarde, o clima era quente devido à aproximação do verão. Busquei sentar no interior da estreita lanchonete onde a luz do sol não alcançava⁶¹. Sentar no último espaço da bancada ou nas últimas cadeiras proporcionava uma visão ampla sobre as dinâmicas ocorridas naquele espaço. Com a perspectiva propiciada pela localização, podia observar o atendimento dos clientes e desempenho das demais atividades comuns a aquele tipo de serviço.

Nesse momento observava e descrevia em meu caderno de campo as gesticulações, as relações entre aqueles atores da diáspora chinesa e também entre eles e os clientes brasileiros. O cheiro de assados e frituras que aquela lanchonete tinha era possível de sentir quando passava pela calçada em frente. Observei que alguns moradores de rua compravam seus lanches e caminhavam até a Praça Estephânia de Carvalho – conhecida popularmente como Praça do Zé Garoto – e comiam pelos arredores.

Em alguns momentos, as tentativas de compreender as suas falas eram frustradas devido à frequente troca de língua que alternava o uso da língua cantonesa, o Mandarim e o Português. O ambiente da lanchonete possui elementos característicos da cultura chinesa como os quadros de paisagens da China e ideogramas chineses. Além disso, haviam retratos de Mao Zedong e de familiares que vivam na China.

Durante as idas à lanchonete, como cliente observador externo, realizei tentativas de comunicação por meio de cumprimentos em português e perguntas sobre os elementos da diáspora chinesa que pudessem estimular o diálogo entre nós. Eles não apresentaram interesse em estabelecer um canal de conversa. As respostas eram sorrisos e as vezes diziam: [Eu] *Agora não posso* (Xanadu, chinesa, aproximadamente 55 anos). Minhas tentativas de inserção no grupo eram frustradas e em alguns momentos pensei em desistir por não conseguir sequer criar um vínculo.

⁶¹ Nesses dias a sensação térmica em São Gonçalo ficou na faixa entre 32 a 42 graus centígrados.

Durante duas vezes na semana até o final do mês de novembro de 2016 realizei as mesmas tentativas de aproximação como cliente que sentava no último assento da lanchonete, pedia meu lanche e no final tentava conversar sobre algum assunto que remontava à imaginada comunidade chinesa. Gradualmente consegui estabelecer conversas com frases curtas em português que foram limitadas a princípio devido à barreira da língua. Mesmo com as primeiras dificuldades, insisti com perguntas relacionadas à China como estratégia em acionar as lembranças afetivas e assim estimulá-los ao diálogo. Percebi que no início das conversas eles conversavam em português de maneira limitada, com poucas palavras, mas ao longo do tempo eles apresentaram vocabulários mais complexos. Durante o mês de dezembro percebi que eles conseguiam se expressar em português. Todavia, conversavam comigo em poucas palavras e costumavam dizer que não sabiam falar a língua portuguesa.

Minhas idas à lanchonete possibilitaram contatos mais próximos aos chineses e proporcionaram meu status de cliente observador externo como sujeito mais próximo daquele cotidiano. Minha maior aproximação entre os chineses da Lanchonete A foi com o jovem Quon de 25 anos. Minhas idas a campo para iniciar minhas investigações sobre as migrações chinesas no leste metropolitano fluminense passaram não exigir mais do artifício do consumo em lanches por ter construído vínculo de amizade com o rapaz, contudo, quando eu precisava ir ao banheiro era necessário pagar R\$1,00 a cada vez que fosse.

Devido à amizade, passamos a nos encontrar na entrada do Shopping Patarge, que fica próximo à lanchonete para conversarmos sobre a China e sobre a imigração da família dele. Quon relatou que nasceu na capital de Assunção no Paraguai e veio ao Brasil na adolescência com seus pais, onde viveu por curto período em São Paulo e Duque de Caxias até se estabelecer em São Gonçalo. Durante as primeiras conversas no shopping percebi que Quon falava português fluentemente. Em nossas voltas pelas vitrines e corredores do shopping ele relatou que tinha lembranças de quando vivia com seus pais e irmãos na capital do Paraguai. Quon comentou que seu tio morava em Assunção e convidou o pai dele para viver com a família no Paraguai, pois, já haviam chineses e taiwaneses residindo no país, o que facilitava o estabelecimento dos imigrantes⁶². Logo que a família chegou, os pais e irmãos trabalharam como vendedores de produtos fabricados em Guangdong de baixo valor⁶³ e estudaram em

⁶² Durante a pesquisa percebi que os chineses mantinham vínculos com familiares e comerciais em outras cidades brasileiras, tais como, São Paulo, Curitiba, Campinas, Belo Horizonte e, em outros países, Reino Unido, Espanha, Argentina, Estados Unidos, Rússia e Canadá.

⁶³ Produtos conhecidos popularmente como “Made in China”.

uma escola taiwanesa onde aprendeu a falar o Guarani e o espanhol⁶⁴. Ele relatou que convivia com vários chineses, que constituíam a maioria de seus amigos. Devido aos desentendimentos ocorridos ao longo dos anos entre o pai e o tio dele, motivados pelo trabalho na loja, resolveram migrar para São Paulo. A mudança para a capital paulistana foi difícil por não conseguirem se adaptar⁶⁵ e mudaram para o município de Duque de Caxias na baixada fluminense.

Ele e os familiares viveram em Duque de Caxias por apenas um mês. Logo tiveram interesse em se mudar para São Gonçalo, influenciados por chineses que naquele momento estavam de mudança. Ele relatou que sua família, com o objetivo de terem comércio próprio, arriscou a viver em São Gonçalo acreditando que seria mais fácil do que no Rio de Janeiro.

Quon chegou a São Gonçalo em 2004 com seus pais e irmãos e se estabeleceram no bairro do Zé Garoto. Os pais dele tinham contato de chineses que poderiam ajudar a importar produtos diretamente da China que eram vendidos por valores baixos em lojas de 1,99 onde todos os familiares trabalhavam. Eu percebi através da etnografia que trabalho em comércio da família é entendido pelos chineses como algo pertencente à coletividade. É considerado como patrimônio onde todos precisam contribuir para prosperidade e zelo, na medida em que é o rendimento e sustento familiar. A loja da família de Quon que ficava no Centro do município cresceu e permitiu que os pais juntassem dinheiro para que ele e seu irmão estudassem na China por três anos, aos cuidados dos avós maternos. Segundo Quon, os seus pais queriam que os filhos vivenciassem os valores da cultura chinesa.

Ao retornarem para São Gonçalo a loja de produtos 1,99 faliu devido ao fim dos acordos de compra coletiva dos produtos chineses entre a comunidade sínica. Sua família e outros chineses estabelecidos em São Gonçalo investiram em lanchonetes como forma de superar as falências das lojas de 1,99. Quon teve dificuldade em aceitar o novo trabalho da família devido à rotina diferente, mas durante as semanas seguintes após seu retorno se acostumou e passou a desempenhar funções do preparo dos alimentos junto com seu irmão. *Trabalhar nas lanchonetes é muito cansativo que em loja, entendeu? Sempre tem comida para fazer. Eu sempre tenho uma queimadura quando estou fritando.* [sic] (Quon, filho de chineses, 26 anos).

Morador do município de São Gonçalo, eu já havia notado que no final da década de 1990 e até o ano de 2005 existiam muitas lojas 1,99 pelo município de São Gonçalo,

⁶⁴ De acordo com Quon, a escola taiwanesa na qual estudou era composta por alunos taiwaneses e chineses que eram filhos de comerciantes e sacoleiros que moravam em Ciudad del Este.

⁶⁵ O interlocutor não quis conversar sobre esse momento da vida. Observei que ele se sentiu desconfortável.

concentradas predominantemente nos bairros do Centro e Alcântara. Questionei Quon sobre as causas que levaram ao fechamento da loja de sua família. De acordo com ele, São Gonçalo e os demais municípios da região do Leste Metropolitano – Niterói e Itaboraí são ótimos para abrir comércio devido à facilidade de acessar a metrópole do Rio de Janeiro e pela baixa disputa no comércio com brasileiros e até com outros chineses. Quon comentou que devido à pouca atuação da unidade da Polícia Federal de Niterói em querer saber regularização da documentação dos chineses – se possuem Visto de Residência para trabalharem em São Gonçalo. Além disso, em São Gonçalo há pouca fiscalização da Vigilância Sanitária para avaliar as lanchonetes.

Caso a Vigilância Sanitária queira fechar a lanchonete por causa das condições do lugar é muito ruim. Os chineses são obrigados a fechar a porta, jogam a comida fora. Depois disso podem descobrir que o chinês não tem autorização [Visto de Residência] para viver no Brasil (Quon, filho de chineses, 26 anos).

Ele explicou que no Rio de Janeiro, São Paulo e na região fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad de Este (Paraguai) há muitas disputas de mercados, que em vários momentos geram conflitos entre chineses por diminuírem os valores das mercadorias além do já acordado.

As possibilidades existentes nos mercados brasileiros e a fuga do regime comunista para um país “seguro” são duas mais alegadas e divulgadas (especialmente pela imprensa) razões para sua opção. **Em relação ao Rio de Janeiro, estima-se que a maioria dos chineses aqui instalados veio de São Paulo, em função da saturação do mercado e da atração das boas possibilidades oferecidas pelo estado** (ARAÚJO, 2010, p. 227, grifo nosso).

Entre os anos de 1998 a 2005 os chineses em São Gonçalo – anteriormente residiam na baixada Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraguai – realizavam acordos entre eles na compra de produtos importados da China que entravam pelo Paraguai e em alguns casos pelo porto do Rio de Janeiro. A compra de produtos chineses para serem vendidos nas lojas chinesas ou serem revendidos aos camelôs brasileiros era cara para eles. Como solução, eles compravam juntos grandes quantidades de produtos da China, que eram importadas para o Paraguai e depois distribuídas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Quando as mercadorias chegavam ao Rio de Janeiro ou em São Gonçalo, dividiam as partes proporcionais da compra para cada chinês. Quon relatou que vários grupos de chineses tinham esses acordos e conseguiam comprar por baixos valores os produtos diretamente com

empresários na China que vendiam para compradores chineses e taiwaneses estabelecidos no Paraguai. Logo em seguida as mercadorias eram enviadas para São Gonçalo, Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Duque de Caxias.

“O tempo da produção de uma mercadoria na China até a mesma ser comprada num camelô ou numa loja do ‘1,99’, pode levar no mínimo 45 dias [...]” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 14). Para que fossem evitadas disputas por clientes entre chineses os produtos deveriam ser vendidos com preços tabelados. Dessa forma as mercadorias eram vendidas nos valores por R\$1,99, R\$2,99, R\$3,99 e assim por diante. Caso algum chinês não respeitasse as regras, seria punido com expulsão dos acordos em compra coletiva. Caso um chinês seja expulso dos acordos, ficaria inviável comprar os produtos sozinhos por ficar caro para importar. Dessa maneira, não poderia continuar com a loja. Os estudos de Neiva Cunha e Pedro de Mello (2005), ao analisar as etnias e etnicidades de grupos de lojistas no mercado popular da SAARA no Centro do Rio de Janeiro, afirmam que as redes migratórias e de comércio de produtos chineses operam em códigos de condutas que reduzem as competitividades:

[...] os comerciantes provenientes da diáspora chinesa não estavam atrelados a modelos de financiamento e créditos convencionais do capitalismo ocidental. O sistema chinês funciona sobre regras de conduta, onde a cooperação dentro das redes e clãs reduz a competitividade. Isto não elimina a concorrência, mas há uma tendência maior ao associativismo de redes do que o desenvolvimento individual de empresas e grupos, como no capitalismo ocidental. As redes ou clãs relacionam-se entre si potencializando os recursos disponíveis para financiar os empreendimentos comerciais. Segundo Chuang, estas redes estão por trás das atuais empresas privadas que atuam na China e são um dos sustentáculos do altíssimo índice de produtividade do país (CUNHA; MELLO, 2005)⁶⁶.

Alguns chineses se mudaram para o Rio de Janeiro ou voltaram para China, o que resultou na saída dos acordos. Vale mencionar que houveram conflitos devido alguns chineses terem vendido produtos abaixo da tabela acordada entre eles. Desse modo, as compras diretamente com empresários na China ficaram comprometidas, o que pôs fim no comércio de produtos *Made in China* das lojas 1,99 em São Gonçalo. Após essa crise, muitos chineses fecharam esse tipo de comércio, famoso em atrair brasileiros interessados em produtos baratos. Como modo para sair da crise, os chineses optaram em abrir lanchonetes, livres de acordos coletivos e por já dominarem as técnicas de elaboração dos alimentos. Essas lanchonetes passaram ser

⁶⁶ Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com.br/2005/08/saara-reinventando-etnicidades-e.html>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

chamada popularmente de “pastelarias”. *Posso não ter como trabalhar. Não se fica sem trabalhar. Fazer esses salgados da vitrine já se aprende na China e aqui apenas mudamos para que vocês comam do jeito que gostam* (Quon, filho de chineses, 26 anos). As pastelarias chinesas, facilmente caíram no gosto da população gonçalense e multiplicaram-se em vários bairros do município, todavia, com forte concentração no Alcântara, Centro e bairros adjacentes.

[...]

Em nossas conversas questionei sobre as experiências de Quon em ter morado no Paraguai, Brasil e China e, quais eram as impressões que ele tinha de viver em São Gonçalo. De acordo com Quon, ele gostava de viver na capital do Paraguai por se identificar com o lugar devido à concentração de chineses e taiwaneses. De acordo com ele, não haviam diferenças em serem chineses e taiwaneses, todos se identificavam como membros pertencentes ao mesmo grupo por compartilharem a mesma língua e cultura. Quando questionei sobre divergências, sobre conflitos entre chineses e taiwaneses devido aos conflitos históricos e políticos que envolvem a China e Taiwan⁶⁷, Quon respondeu:

Há conversas sobre quem seria mais chinês e qual seria a real China. Mesmo com as brigas e guerras entre as duas [China e Taiwan], nós somos a mesma coisa e sabemos disso. Eu nunca tive problemas com isso [sic]. No Paraguai, os chineses e taiwaneses são mais parecidos do que com paraguaios e até brasileiros. (Quon, filho de chineses, 26 anos).

Ele relatou que na escola que estudou aprendeu guarani e espanhol, entre os intervalos das aulas conversava em mandarim devido à presença significativa de chineses e taiwaneses. *Quon ainda relatou que no Paraguai sua família não se sentia vigiada por outros chineses. No Paraguai não tinha chineses que ficam nos olhando para dentro da lanchonete como é aqui. Aqui há sempre comentários [de outros chineses] sobre com quem estamos conversando e ‘andando’ [amizades]* (Quon, filho de chineses, 26 anos).

⁶⁷ “Sob o ponto de vista étnico, especialmente de ancestralidade, Taiwan é basicamente chinesa. A população atual é composta por 2% de aborígenes, 84% de “taiwaneses” (*hakkas* e *fukiens*) e 14% de *mainlanders*. Os chamados “taiwaneses” são aqueles que chegaram à ilha no século XVII, graças ao comércio marítimo, sendo oriundos do sudeste chinês (*hakkas* da província de Guangdong e *fukiens*, província do continente de frente para ilha)” (PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 472).

Baseado em Barth (2000), ao observar as fronteiras étnicas dos chineses foi possível constatar a condução da vida social através da organização social complexa nas sociabilidades e comportamental. “A identificação de uma outra pessoa como membro de um mesmo grupo étnico implica um compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento (BARTH, 2000, p. 34). Ele comentou que no Paraguai os pais tinham mais autonomia devido à língua. Mesmo para os pais, que falavam poucas palavras em guarani e espanhol, era possível receber ajuda de outros chineses em solucionar dificuldades cotidianas através da tradução, como ir ao supermercado, irem a consultas médicas e resolver problemas diários⁶⁸. Eles se relacionavam com chineses e por isso não houve a necessidade de aprender as línguas locais. Já as crianças estudavam em escolas paraguaias, que resultou no aprendizado no guarani e espanhol.

No Paraguai havia mais cooperação entre os chineses e até com os taiwaneses. Um ajudava o outro, entendeu? Não havia a vigilância que tem por aqui. Aqui os chineses não ajudam quando é preciso algo em português ou mesmo em emprestar algum alimento para fazer comida. Toda vez que passa um chinês na frente da loja de outro, olha bem lá dentro. Se ele achar que está fazendo algo errado começa a falar com os outros. Sempre a controle de tudo! É sobre com que conversa, como está vestido, o que tem em sua loja... (Quon, filho de chineses, 26 anos).

No Brasil, ele se sente observado a cada momento e isso o deixa incomodado. Ele disse que o fenótipo da etnia han⁶⁹ é uma marca por onde esteja, pois outro chinês observará o que está fazendo. *Minha aparência de chinês diz muito sobre quem sou para outros chineses. Podemos ser chineses nascidos em qualquer lugar do mundo, mas sabemos que de alguma maneira somos da China devido ao nosso rosto chinês* (Quon, filho de chineses, 26 anos). Ele disse que por ter aparência de chinês da etnia han, é identificado e observado por chineses sobre suas atitudes nos municípios da região metropolitana nos quais tem vínculos sociais: São Gonçalo, Niterói, Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Duque de Caxias. *No Brasil há um chinês observando outro. No Paraguai e na China são assim, mas aqui o controle sobre outro é maior* (Quons, filho de chineses, 26 anos). Ele relatou que os chineses buscam ser referência para serem seguidas por outros nas comunidades em que estão estabelecidos pela região

⁶⁸ Quon relatou que quando os pais viveram no Paraguai não falavam guarani e espanhol. Quando se mudaram para o Brasil precisaram aprender português por não terem ajuda de outros chineses.

⁶⁹ A população da China é estimada em 1.376.048.943 habitantes (708.977.116 homens; 667.071.827 mulheres) (IBGE, 2017). Em sua composição populacional é de 56 etnias reconhecidas pelo Partido Comunista Chinês. A etnia han representa 92% da população, as demais etnias são consideradas minorias (PEN, 2001). Todos os chineses que foram entrevistados e observados na etnografia dessa pesquisa são da etnia han.

metropolitana do Rio de Janeiro. No município de São Gonçalo, os chineses acabam sendo observados sobre suas atitudes e como estabelecem vínculos com brasileiros. Durante as conversas que tive com Quon no Shopping Patarge e na lanchonete da família dele, nós éramos observados por outros chineses que passavam próximo de nós. Quando estávamos juntos conversando pude perceber que era constantemente vigiado por outros chineses.

Quon relatou que no período que viveu na China sob os cuidados dos avós maternos se sentiu observado, não se considerou que era julgado por outros chineses. *Eu gostei de morar na China, até penso em voltar viver por um tempo. [...] Na China eu não era vigiado a cada momento pelos outros chineses* (Quon, filho de chineses, 26 anos). Ele disse que nos três anos que viveu na China aperfeiçoou-se na fala em mandarim e cantonês, aprendeu a escrita dos caracteres chineses. No Brasil faz curso de mandarim para aprender a escrever melhor. Quon e a maioria dos chineses da diáspora chinesa que vivem no Leste Metropolitano têm como língua materna o cantonês e o mandarim como segunda língua. Os chineses adquirem outra língua na sociedade em que se estabelecem e, no caso dos jovens, passam a ter o primeiro contato nas instituições de ensino.

Quon relatou que gostava de morar em São Gonçalo, contudo, ficava cansado com trabalho que desempenhava na lanchonete da família e pela dependência que os pais têm por ele e pelos irmãos por não conseguirem se expressar em português⁷⁰. O depoente relatou que se vivessem no Paraguai e não falassem as línguas oficiais, os pais seriam menos dependentes dos filhos. *Em Ciudad [del Este] meus pais teriam ajuda de chineses que falassem espanhol. Haveria ajuda por não haver competição e fofocas como se tem aqui* (Quon, filho de chineses, 26 anos). Quon gosta de viver em São Gonçalo e estar inserido em redes de chineses no município, todavia, a presença da comunidade sínica no cotidiano deixa-o incomodado.

2 - Estranho participante interno

Como pesquisador, passei a sentir a necessidade de participar ainda mais do cotidiano daquela família chinesa que trabalhava na lanchonete e compreender seus movimentos migratórios. Por causa da minha presença constante que foi naturalizada e aceita pela família de Quon e principalmente, devido à sua amizade, minha presença atrás do balcão da

⁷⁰ Ao longo da etnografia observei a presença de crianças e adolescentes pelos estabelecimentos. Eles estudavam na maior parte do tempo e ajudava os adultos em atividades quando eram solicitadas. Percebi que haviam crianças próximos aos adultos que não tinham domínio da língua portuguesa para conversar com funcionários e clientes brasileiros.

lanchonete foi aceita. Nesse momento pude conhecer com intimidade as dinâmicas relacionais dos chineses e o caderno de campo não foi usado para que as escritas das observações não causassem estranheza à parte da família e até mesmo dos clientes. Como pesquisador, me familiarizei com a cultura dos chineses em São Gonçalo por querer participar do cotidiano deles e compreender suas redes sociais⁷¹.

No intuito de facilitar minha presença e poder me inserir no cotidiano, me prontifiquei a exercer atividades de trabalho sem remuneração com interesse de aproximar dos chineses. Eles aceitaram que eu pudesse trabalhar na lanchonete sem remuneração por compreenderem de maneira errônea que eu estava lá para praticar a conversação em mandarim. Eu acabei responsável por lavar as louças nos dias que estivesse presente na lanchonete. Não apenas lavei as louças como limpei o chão e fritava os salgados sempre sob a supervisão de algum chinês da família, que não fazia nada nos momentos em que eu estava trabalhando. Eu era sobrecarregado a lavar as constantes louças sujas e também o chão da cozinha enquanto o irmão mais velho de Quon, Mêncio, responsável por essas atividades, não as realizava.

De acordo com os pais deles, Mêncio estava estudando para processo seletivo do vestibular no qual queria cursar Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nos períodos de pouco movimento de clientes na lanchonete, deitávamos sobre os sacos trigo juntos com os outros chineses e descansava. Às vezes nós deitávamos em uma grande esteira que era colocada no chão da cozinha e até dormíamos. Nesses momentos percebi que os chineses usavam seus celulares para conversar com outros nacionais que viviam na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraguai e da China através do aplicativo WeChat⁷².

As tentativas de aproximação e conversa com a mãe de Quon, que se chama Xanadu, e com seu pai, chamado de Yan, eram recusadas com justificativas que estavam ocupados. Durante minhas pesquisas de campo em 2012 e 2013 percebi que os chineses têm hábitos constantes de fumar cigarro e com o casal não era diferente. Notei que eles fumavam a cada intervalo de uma hora e quando havia poucos clientes na lanchonete eles fumavam juntos na

⁷¹ De acordo com Roberto DaMata: “[...] de fato, quando o etnólogo consegue se familiarizar com uma cultura diferente de sua, ele adquire competência nesta cultura [...]” (DAMATA, 1978, p. 27).

⁷² Aplicativo para celular criado na China, é utilizado pelos chineses para se comunicarem e transferir dinheiro. Durante a pesquisa soube que o WeChat é um meio importante para realizar acordos de trabalhos e compras de mercadorias chinesas. Em minhas observações, percebi que os chineses em São Gonçalo estão conectados diretamente com seus familiares na China. Como pesquisador, instalei esse aplicativo em meu celular e percebi que esse aplicativo georreferencia usuários que estão próximos. Eu notei que haviam muitos brasileiros e principalmente chineses em São Gonçalo e em outros municípios em que estive.

saída dos fundos. Observei a marca do cigarro que eles fumavam e na semana seguinte levei um maço e quando eles foram fumar, aproveitei para ir fumar com eles⁷³.

Em minhas tentativas para conversar com eles através do cigarro foram frustrantes, pois eles ficavam em silêncio. Optei conversar em mandarim na tentativa de ser assimilado e ter inserção nas conversas entre eles. Xanadu, disse em português que minha pronuncia não era boa, todavia, eu sabia falar. *Você é ruim para falar chinês, né!* (Xanadu, chinesa, aproximadamente 55 anos). Ela disse que eu precisava aprender falar mandarim de maneira correta e que poderia melhorar durante o tempo. Eu disse que faria isso e quando fosse para China tentaria aperfeiçoar. Eles ficaram animados pelo meu interesse em estudar a China. Nesse dia nossa conversa foi curta e voltamos ao interior da lanchonete para trabalharmos.

Na semana seguinte quando voltei para trabalhar, continuei com a tática de estar com eles nos intervalos para fumar. Logo que o intervalo iniciou, fui direto para porta dos fundos e já ofereci os cigarros que estavam em meu bolso⁷⁴. Eles aceitaram meus cigarros, pois eu sabia através das minhas vivências com chineses que quando se oferece cigarro para um homem e ele recusa é entendido como falta de educação. Esse costume é mais comum no campo e quando um homem oferece cigarro a outro é uma maneira de iniciar um diálogo. Eu continuei nossa conversa através de uma pergunta: “Como é a China?” Yan⁷⁵ disse que era bonita e gostava de visitar a família. Já Xanadu, disse que a China é bonita e que uma parte dela ainda estava por lá. Eu disse que estudo a imigração chinesa para São Gonçalo e gostaria de entender os motivos dos chineses de viverem no Brasil. E questionei: “Por qual motivo vocês vieram para São Gonçalo?”.

Nossa vinda para aqui foi necessidade. E não vontade, né! Não tínhamos trabalho e naquele tempo difícil. Passei fome não podia dar comida para bebê⁷⁶. Irmos para Shangai para trabalhar e ter vida melhor. Eu e ele não tínhamos vida, não ganhávamos para pagar uma casa. Por causa da carta [hukou] não nos deixava. (Xanadu, aproximadamente 55 anos, chinesa).

No dia seguinte quando estava na cozinha com Xanadu e Quon questionei sobre o que ela achava da China e do Brasil. Ela disse que quer voltar para China para ser enterrada após a morte, mas prefere viver no Brasil em face das dificuldades serem menores.

⁷³ O pesquisador não fuma.

⁷⁴ Bronislaw Malinowski em sua etnografia nas Ilhas Trobriand relata “Trocamos alguns cumprimentos em inglês pidgin, dei-lhes um pouco de tabaco – e assim criou-se entre nós uma atmosfera de mútua cordialidade” (MALINOWSKI, 1978, p. 19)

⁷⁵ Ele costuma ser calado e não conversa muito com familiares e outras pessoas.

⁷⁶ Faleceu antes da mudança dos pais para o Paraguai.

Eu gosto da China e quero ir para passar minha morte. Não quero viver como vivi em Shangai e não pode ter educação para meus filhos ou saúde. Sem carta não é fácil. Viver daquele jeito é difícil. Aqui posso ter minhas coisas mesmo e tá bom. Gosto daqui e não é fácil viver por aqui (Xanadu, aproximadamente 55 anos, chinesa).

A vontade de Yan e Xanadu de se fixarem em São Gonçalo se manifesta maior do que o desejo de regressar e viver na China. De acordo com eles, há possibilidades de voltarem ao Paraguai caso seja vantajoso, por terem contatos já estabelecidos, contudo, pensam na região metropolitana do Rio de Janeiro devido aos estudos dos filhos. Desse modo, eles não têm interesse em retornar à China e converterem os registros domiciliares através do suborno. Desse modo verificamos que: “Os chineses, por sua vez, estão em um movimento migratório distinto, marcado pela mobilidade, pela transitoriedade e pela circulação constantes, o que altera enormemente sua perspectiva de integração à cultura local” (CUNHA; MELLO, 2005⁷⁷).

A despeito dos esforços, não conseguia estabelecer contato mais profundo e muitas vezes fui totalmente ignorado. Certo dia, Quon a pedido dos pais, me pediu que não retornasse à lanchonete por estar os incomodando com minhas perguntas. Na tentativa de reverter aquela decisão que impedia minha continuação no campo, simplesmente tive o silêncio como resposta. Acreditei que seria melhor não insistir com receio de sofrer alguma possível retaliação por partes de Yan e Xanadu em minhas aproximações dos chineses ao longo da pesquisa.

Estratégias étnicas no comércio

As minhas tentativas de contato com os chineses em São Gonçalo foram rejeitadas por parte deles. Muitas vezes fui expulso com palavras de ordem e até empurrado para fora dos estabelecimentos com xingamentos. Passei a entrar nas lojas chinesas de utensílios de casa, papelaria e brinquedos como potencial cliente e comprava algum produto para ser bem visto por eles e posteriormente realizava minha apresentação e expunha os meus objetivos em conversas que oscilavam entre as línguas portuguesa, chinesa e em algumas palavras em cantonês de que já tenho conhecimento. Estabeleci contato com proprietário chinês em uma lanchonete no bairro do Alcântara.

⁷⁷ Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com.br/2005/08/saara-reinventando-etnicidadese.html>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

Entre os dias 01 de dezembro de 2016 a 22 de fevereiro de 2017, fui a uma loja no bairro da Alcântara para tentar estabelecer contato com os chineses. Escolhi aquela loja específica por ter reconhecido os chineses que trabalhavam naquele estabelecimento na Comemoração do Ano Novo Chinês em São Gonçalo. Quando cheguei percebi que fui logo reconhecido por três chinesas que estavam atrás do balcão. Acredito que não tenha sido difícil não me reconhecerem por ter sido o único não chinês na festa do Ano Novo. Além disso, percebi que ao retornar para minha casa estava vestindo uma blusa com listras pretas e brancas que por coincidência era a mesma que usei para ir às comemorações do Ano Novo. Logo, não foi difícil para os chineses reconhecerem o brasileiro que vestia a mesma blusa que usou quando esteve presente, único brasileiro, na festa promovida pelos 37 chineses.

Fui entrando devagar pela loja, observando os brinquedos de crianças nas prateleiras e decidido a comprar algum produto como meio de chegar ao caixa e me apresentar como cliente⁷⁸. Assim como observava o ambiente também era observado pelos chineses. Quando cheguei ao caixa para pagar, sorri e disse *Bom dia*. As chinesas ficaram caladas, logo em seguida conversam entre elas em cantonês. Percebi que elas estavam falando de mim por ter reconhecido algumas palavras “Brasileiro”, “Galo”, “Ena” e “estrangeiro”. Fiquei quieto por alguns instantes e questionei se elas conheciam Ena. Uma chinesa chamada Ana disse: *Era você que estava em fevereiro na comemoração?! Ena, falou o que você estuda China. Vai para China!* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos) Essas informações sobre mim não são totalmente corretas, eu não iria para China. Achei melhor não discordar para evitar outras explicações que talvez prejudicassem estabelecer o contato. *Você é namorado da Ena, né?* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos) Devido as brincadeiras que Ena fez no dia da Comemoração do Ano Novo Chinês, eu passei a ser considerado namorado dela para os chineses. Percebi que por ela ter achado que eu namorava Ena acabou sendo mais agradável e teve mais confiança. Eu fiquei com receio de dizer que eu não era namorado da Ena, porém respondi com um tímido sorriso. Nesse momento fiquei preocupado por responder a verdade e minha resposta fosse de desagrado para ela por saber os chineses compreendem os relacionamentos como muito importantes. Naquele momento, as duas outras chinesas que estavam por perto se distanciaram de Ana e eu. Elas foram observar um grupo de estudantes que mexiam em cadeiras de praia e decorativos de casa.

⁷⁸ Escolhi o brinquedo mais barato por não ter muito dinheiro e sabia que precisaria ir a outros estabelecimentos de chineses na tentativa de estabelecer contato. Nesse caso, foi necessário comprar algum produto para conseguir estabelecer contato.

Ana acreditava que eu estava indo para China para trabalhar nas fábricas, disse que não seria exatamente meu interesse. Percebi que ela tinha domínio da língua portuguesa e incorporava gírias brasileiras nas falas. Perguntei se ela poderia me ajudar a estudar a China. Eu tinha interesse pela China e buscava entender a língua chinesa. Vi que no balcão havia doces, comprei alguns para tentar ser mais agradável e de alguma maneira conversar com Ana, já que suas filhas não ficaram por perto e não tinham interesse em conversar comigo. Para estimular Ana a conversar, perguntei como é a China e de qual cidade ela é natural. Ela comentou que é melhor que o Brasil, mas é natural de Curitiba. Nesse momento fui interrompido pela sua filha e ela disse que não poderia conversar porque precisava trabalhar. Perguntei se poderia voltar algum dia, ela meio receosa disse para voltar na segunda-feira, mas sem horário definido.

Na semana seguinte, fui ao Alcântara especialmente para conversar com Ana. Cheguei às 14h e percebi que a loja estava vazia e o fluxo de clientes era pouco. Ana estava conversando com outros chineses pelo aplicativo de celular WeChat. Cumprimentei Ana, comentei que estava abafado e achava que choveria como maneira de iniciar a conversa, ela ficou calada e depois concordou com minha suposição.

Comentei que tenho conhecidos que moram em Curitiba e já tinha ido lá uma vez. Ela comentou que é uma cidade bonita e gostava das flores que tinha perto da casa em que morava com seus familiares. Disse que Curitiba é uma cidade interessante e questionei se ela achava que as cidades da China são parecidas com as do Brasil. Ela disse que na maioria das vezes é a mesma confusão, mas na China são mais organizadas. Nesse momento ela me pergunta se eu gostaria de tomar chá-verde, enquanto conversamos⁷⁹. Aceito o chá e pergunto qual tinha sido o motivo para ter migrado para o estado do Rio de Janeiro. Ela respondeu: *Eu ainda não sei ao certo, eu vou para onde puder ter caminho para ir* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos) Achei o comentário dela curioso e perguntei por onde ela viveu.

Ana é filha de pais chineses naturais da cidade Qingyuan, localizada no interior da província de Guangdong que imigraram para a capital, Guangzhou, no início da década de 1980 para trabalharem em fábricas de eletrônicos japoneses. Questionei o motivo da migração

⁷⁹ Eu gostaria de mencionar que desde as minhas primeiras investigações e convivência com chineses na graduação e no mestrado adquiri o hábito de tomar chá verde. No início senti repulsa pelo gosto, contudo, ao longo do tempo passei a achar o gosto natural. Alguns hábitos o pesquisador / etnógrafo acaba absorvendo do grupo no qual emerge para a realização da pesquisa. O cientista social William Foote Whyte em sua pesquisa **Sociedade de esquina: Estrutura social de uma área urbana pobre e degradada** (2005) relata que absorveu modos de se expressar devido à convivência do grupo em que participava. Eu, como pesquisador que estive inserido na comunidade chinesa, passei a ficar em silêncio. As pessoas que já me conheciam em meus círculos sociais comentaram que mudei.

dos pais dela para capital. Ela relatou que lembrava que na infância o pai comentava que Guangzhou, Hong Kong e Shantou eram cidades atrativas que ofereciam possibilidades de maior renda. Os pais dela comentavam que em Qingyuan havia muita pobreza e que alguns familiares vieram a óbito por causa da fome. Questionei sobre a mudança da família em Qingyuan para Guangzhou e a depoente disse:

Não sei bem ao certo. Tenho até boa memória... Minha mãe contava essa história que as vezes tinha medo. Eu tenho medo. Eles andaram bastante e se escondiam para que os policiais não os pegassem e soubessem que eles não eram dos lugares de onde estavam seriam presos⁸⁰ Dinheiro era pouco, ainda continua sendo [sic]. Eles andaram muito, não tinha carro. Era carroça ou a pé (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos).

Após esse comentário observei que Ana ficou emocionada, os olhos estavam marejados. Ela ficou em silêncio e voltamos a beber mais chá-verde. Ao longo do tempo percebi que a depoente ficava emocionada com a história de vida dos seus pais e de outros chineses que emigraram da China. Ela relatou que a sua mãe ficou grávida dela e que nasceu em Guangzhou. Logo, estranhei o comentário dela, em nossos primeiros diálogos que foi relatado que era natural de Curitiba. Ela explicou que nasceu na China e veio morar no Brasil quando tinha doze anos, por meio da ajuda de amigos do pai que imigraram para o País e estabeleceram no bairro da Liberdade em São Paulo, por ser conhecido como bairro oriental/asiático devido à concentração de imigrantes e descendentes de coreanos, chineses e principalmente japoneses. Esse amigo assegurou que eles teriam dinheiro para voltarem e viverem melhor em Guangzhou. A família teve dois empregos, durante o dia trabalhavam como camelôs no Brás vendendo cópias de roupas e calçados. No horário da noite vendiam salgados e refrigerantes próximos aos pontos de ônibus com maior circulação de pessoas que voltavam para casa após o trabalho.

Ao longo da década de 1990, a maior parte dos chineses no Brasil se estabeleceu no estado de São Paulo exercendo atividades no comércio e no bairro da liberdade, outros estão em vários pontos do território brasileiro com destaque para Rio de Janeiro, Paraná e em zonas francas Cunha e Mello (2005). Durante quatro anos, a família não estava conseguindo juntar dinheiro para voltarem à China. Através das conversas com chineses que moravam em Assunção e Ciudad del Este no Paraguai e iam para São Paulo levar mercadorias, souberam que Curitiba poderia ser um bom lugar para se estabelecerem, pois, não queriam sair do Brasil

⁸⁰ A depoente faz referência ao *hukou* como registro domiciliar que não permitia viver naquele lugar.

e ter a vantagem de estar próximos de chineses já estabelecidos. Juntaram a quantia necessária e foram para Curitiba. Por meio das redes sociais conseguiram emprego em uma lanchonete, ao longo do tempo conseguiram ter uma lanchonete.

Ana comentou que adora Curitiba, só que não pretende voltar a viver por lá devido aos problemas familiares⁸¹. *Curitiba foi o lugar onde me tornei brasileira, mas pretendo ficar por aqui – por enquanto. Gosto de ir para onde tenho oportunidades* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos). Ela foi casada com um brasileiro e teve duas filhas que moram com ela em São Gonçalo. Em Curitiba, Ana junto de seu companheiro tiveram por oito anos uma loja de produtos provenientes da China que eram comprados em Ciudad del Este para serem revendidos em sua loja. Devido aos contatos estabelecidos com chineses e taiwaneses nas redes de comerciais de produtos, Ana e seu companheiro compravam os produtos diretamente dos importadores estabelecidos no Paraguai sem a necessidade de intermediários de paraguaios, brasileiros e argentinos que encareciam a compra dos produtos. Eles viajavam nos finais de semana de carro até Ciudad del Este para comprar produtos mais baratos.

Não era difícil comprar as nossas coisas, sabíamos onde comprar. Havia taiwaneses e chineses com quem comprávamos a preço mais baixo. Já chegava a Ciudad del Este e comprávamos. Nós evitávamos comprar por meio dos brasileiros, paraguaios e argentinos por deixarem as mercadorias mais caras. Gastava um pouco a mais e ficava mais caro. [...] Eu sei que os brasileiros e paraguaios intermediava a venda para os bolivianos. [...] Para voltar precisávamos entrar no Brasil passando por Foz do Iguaçu. Já deixava um dinheiro sobre minha perna para que o policial [agente da Polícia Federal] visse. Era um sinal para que ele nos deixasse passar sem cobrar os impostos das mercadorias. [...] Sabe... Eu comprava direto com os chineses que já conhecíamos devido as nossas amizades. Na volta pagávamos um pouco para o policial. Se eu comprasse com os intermediários ficaria mais caro, sabe. Aí, minha mercadoria ficava mais cara para ser vendida na loja. [...] Nossos produtos [dos chineses] são mais baratos do que dos brasileiros. É tudo da China! Só que conhecemos as pessoas para comprar e não temos intermediários como os brasileiros precisam para vender as mercadorias aqui, né? Nós [chineses] vendemos as mercadorias não caras por conhecermos nossos chineses que um ajuda o outro, né? [...] Sem os taiwaneses e chineses no Paraguai, acabaria com nossos comércios aqui em São Gonçalo e lá no Rio. [...] Sem os chineses e taiwaneses não poderiam ter lojinhas em lugares mais longes daqui – São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Argentina. Só eles que ajudam para que nossos comércios funcionem vendendo barato. [...] Os brasileiros e argentinos não conseguem por não serem chineses. (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos).

⁸¹ Nesse momento observo que ela fica levemente irritada.

Segundo a depoente, as relações entre os chineses estão baseadas nas regras do *guanxi* como ferramenta para obter êxito no comércio. Estar inserido nas redes de relacionamento dos chineses é necessário para ter confiança e ajuda mútua entre os membros. O *guanxi* “se refere à rede de relacionamentos essencial para o sucesso de quase tudo na China. [...] é um patrimônio intangível de uma pessoa e, quanto mais poderoso e abrangente ele for, maior será o seu grau de influência” (TREVISAN, 2014, p. 47). Pinheiro-Machado (2009), ao investigar as redes de mercadorias de produtos chineses em cadeia mundial entre China, Paraguai e Brasil, também apontou a importância dos chineses no Paraguai para a disseminação dos produtos “made in china” na América do Sul.

Algumas dessas mercadorias serão consumidas pelos próprios chineses, cujo mercado consumidor aumentou consideravelmente nos últimos anos. A outra parte será exportada e consumida mundo afora. **Os chineses no Paraguai serão os responsáveis por grande parte da presença desses bens no extremo sul das Américas.** Os sacoleiros, através de seu “trabalho formiga”, encarregam-se pela conclusão dessa ceia comercial. É conveniente realçar que boa parte desse processo ocorre, da China ao Brasil, dentro da economia informal, ou seja, trata-se de atividades não –regulamentadas, não-protegidas por sistemas legais ou que não geram rendimentos oficiais. São os mecanismos informais que conseguem gerar mercadorias tão baratas e, muitas vezes, fazer transitar produtos combatidos pela economia hegemônica (como a chamada “pirataria”) em escala planetária (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 19-20, grifo nosso).

O casamento de Ana com brasileiro não foi do agrado dos pais dela por acreditarem que um brasileiro seria prejudicial para família.

Meus pais e muitos chineses gostamos dos brasileiros, mas para casamento temos certo receio. Lembro que minha mãe chorou quando eu quis casar com Martin. Deixei de falar com meu pai, mas depois voltamos a conversar. Não fui obediente ao meu pai. Meus pais viam a maior parte dos brasileiros como malandros. Eu acredito que isso seja verdade. Os brasileiros são apenas preguiçosos. Na China se trabalha com vontade e olhe como tá! Olhe como tá aqui! (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos).

Na opinião de Ana, ela foi vista pela família como ingrata por não obedecer aos pais não se casando com um chinês e sim com um brasileiro. A aquisição da cidadania brasileira resultou automaticamente na perda da cidadania chinesa que corroborou como “traição” à China, como é entendido pelos pais e outros chineses. Desde a década de 1980 a China não permite que seus cidadãos tenham outra cidadania além da chinesa. Caso um cidadão chinês

se naturalize em outro país perde definitivamente a cidadania chinesa⁸². Após a naturalização brasileira, ela passou a ser rejeitada pelos chineses em Curitiba que achava que ela era traidora da China.

Ana relata que a obediência aos pais é importante, caso isso não ocorra é considerado como desrespeito. A obediência aos pais possui influência direta ao pensamento de Confúcio, caracterizada pelo respeito e obediência como modo de submissão às regras sociais (TREVISAN, 2014). *Um brasileiro na família não seria bom, eles tinham medo de não conseguirem juntar dinheiro [para voltar para China] e ficarem por aqui* (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos). Ela conta que os pais dela tinham interesse em voltar para China caso fosse possível sendo que ao longo dos anos resolveram ficar no Brasil e ambos faleceram no ano de 2012 e foram enterrados nos municípios de Cachoeiras de Macacu. Ana não teve como custear os traslados dos corpos para China. Nesse momento, percebo que Ana ficou emocionada e paramos de conversar. Como pesquisador tive interesse em saber mais sobre a experiência migratória, todavia, percebi que ela ficava emocionada e, por respeito, não prossegui com as perguntas. Achei melhor encerrar nossas conversas naquele dia e retornar em outro momento.

Na semana seguinte, voltei à loja para conversar novamente com Ana. Ao chegar à loja fui cumprimentado por ela que conversava com chineses pelo WeChat e me ofereceu chá para que nós tomássemos juntos. Percebi que Ana estava calada e cumprimentei para saber como estava. Ela com sua expressão séria no rosto disse que estava bem. Levantei da cadeira e disse que precisava comprar uma lembrança de aniversário para uma criança antes de ir embora e gostaria de pedir ajuda dela para escolher o presente⁸³.

Observei que os produtos daquela loja eram provenientes da China por estarem escrito nas embalagens “Made in China”⁸⁴. Devido às minhas experiências etnográficas sobre a imigração chinesa, percebi as redes migratórias estão atreladas às redes comerciais. Assim, aproveitei aquela deixa do presente que havia mencionado, perguntei como ela adquiria aqueles produtos para serem vendidos na loja. Percebi que Ana ficou com receio da minha

⁸² Para mais informações, acesse:

REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU. **Lei da Nacionalidade da República Popular da China**. 1999. Disponível em: <http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/01/leinac403.asp>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

⁸³ Eu menti como tática para que Ana não ficasse mal-humorada naquele momento. Minhas experiências com chineses e também nesta pesquisa foram possíveis observar que eu era mais bem-recebido quando desembolsava algum dinheiro.

⁸⁴ “Fabricado na China”, tradução do autor.

pergunta devido a expressão do rosto, mas respondeu que comprou as mercadorias em Ciudad del Este e atualmente compra em São Paulo.

Comprei por muito tempo em Ciudad del Este, agora não posso. Ficou difícil de uns anos atrás. Os policiais querem mais dinheiro para não pagar dinheiro dos impostos. Também muitos que não deixam nós passar. [...] Compro de São Paulo! [...] Passei comprar de chineses em São Paulo com amigos que ajuda quando precisa. Sempre falo para outro chinês que chega onde deve comprar. Um chinês ajuda outro chinês quando precisa [...] (Ana, chinesa, brasileira naturalizada, 41 anos).

Língua chinesa: As aulas de mandarim

Meu interesse pela China e os chineses vem desde a infância quando ganhava brinquedos no Dia das Crianças, aniversário e Natal. Aquelas escritas que achava estranhas e que eram impossíveis de serem compreendidas deixavam-me inquieto e desejoso de entender o que estava escrito. Alguns brinquedos tinham a tradução em inglês e conseguia compreender o que estava escrito, porém não tinham em português. Logo no início do mestrado percebi que não seria possível inserir-me em um grupo sem compreender ou, no mínimo, ter noções básicas da língua. Minhas buscas por aprofundar meus conhecimentos sobre a cultura do grupo étnico chinês me estimularam a retornar às aulas de mandarim que iniciei quando cursava a graduação. Além disso, baseado na experiência de William Foote Whyte (2005) ao pesquisar a comunidade de imigrantes italianos nos Estados Unidos no qual aprendeu a falar italiano para não dar margem para que as pessoas questionassem seu trabalho, optei em estudar mandarim.

Meu esforço em aprender a língua provavelmente foi mais útil para demonstrar a sinceridade de meu interesse do que qualquer coisa que eu pudesse ter dito às pessoas a meu respeito e de meu trabalho. Como poderia um pesquisador planejar “criticar nosso povo” quando se deu ao trabalho de aprender a língua? Com a língua vem compreensão, e, com certeza, é mais fácil criticar as pessoas se você não as comunidades (WHYTE, 2005, p. 298).

Desse modo, iniciei as aulas no primeiro semestre de 2016 e estudei no curso de mandarim até o mês de setembro de 2016 na Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, e com apoio de aulas *online*, como mais um recurso necessário para realização dessa pesquisa etnográfica. As aulas de mandarim contribuíram para minha imersão na cultura chinesa, o que me “qualificou” na inserção no trabalho de campo etnográfico da minha

pesquisa. A importância de aprender a língua proporciona maior inserção do etnógrafo no grupo em pesquisa. De acordo com Malinowski (1978):

Na pesquisa de campo, [...] o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as leis e regularidades que regem a vida [...], tudo que é permanente e fixo; apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social. Mas estes elementos, apesar de cristalizados e permanentes, não se encontram *formulados* em lugar nenhum. Não há códigos de lei, escritos ou expressos explicitamente. Toda a tradição tribal e sua estrutura social inteira estão incorporadas ao mais elusivo dos materiais: **o próprio ser humano** (MALINOWSKI, 1978, p. 24, grifo nosso).

Durante as aulas de mandarim conheci um rapaz de 25 anos chamado Roberto que morava no bairro do Centro em São Gonçalo. Ele é nascido no município do Rio de Janeiro, filho de pais chineses naturais da província de Guangdong. Ele não conhecia a China e é o filho mais novo de três irmãos e cursa Comunicação Social em uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro⁸⁵. Ele aprendeu a conversar em mandarim, mas com algumas dificuldades e não sabia escrever a língua. O intuito dele no curso era se aperfeiçoar na língua e aprender a escrever. Nas aulas sentávamos próximos e por isso criamos afinidade. Ele ficou interessado no meu objetivo de estudar a imigração chinesa no leste metropolitano fluminense e foi constituída uma amizade⁸⁶.

Devido à nossa aproximação, ao longo do primeiro semestre de 2016, tive a possibilidade de realizar perguntas sobre a sua vida. Vale mencionar que além de Roberto havia mais quatro alunos de ascendência chinesa na turma que não haviam até aquele momento estado na China, e buscavam aperfeiçoar seus conhecimentos na língua de suas famílias – alguns tinham pretensões de trabalhar na China. Nas dinâmicas das aulas de mandarim foram relatados por eles em vários momentos que por terem domínio da língua portuguesa e dos códigos sociais, facilitavam as burocracias documentais e atividades cotidianas como ir à consultas médicas, realizar compras no mercado etc. dos familiares que não falavam português. Entretanto, devido à dificuldade em compreender a escrita da língua chinesa, não alcançavam a plena inserção no grupo étnico ao qual pertenciam.

⁸⁵ O depoente pediu para quando essa pesquisa fosse publicada não estivesse o nome da instituição em que estuda por que são poucos chineses que moram no Leste Metropolitano que estudam na mesma universidade que ele.

⁸⁶ Ao longo do tempo, percebi que o interesse de Roberto ia além de amizade.

Após o término das aulas de mandarim no campus da UFF em Gragoatá, voltávamos caminhando juntos até ao Terminal Rodoviário Presidente João Goulart⁸⁷ localizado no Centro de Niterói. As nossas conversas, na maioria das vezes, eram relacionadas à cultura chinesa. Durante a caminhada de 20 minutos, duas vezes na semana durante um semestre, consegui compreender as experiências de um descendente de chineses em São Gonçalo.

Roberto, ao longo do tempo relatou que seus pais e irmã mais velha, naturais do interior da província de Guangdong, imigraram para o Rio de Janeiro em 1988 por convite da tia (irmã da mãe dele) que morava no bairro da Tijuca, especificamente na área conhecida como Usina⁸⁸. O motivo da imigração da família de Roberto é ocasionado pelas dificuldades financeiras e a forte relação entre a mãe dele com a tia. Em 1991 ele nasceu e passou os primeiros anos da infância morando na Tijuca. Seus pais tinham duas bancas de produtos importados da China na SAARA, brinquedos, roupas, acessórios e utensílios para casa. “Em outras palavras, os produtos da pequena e média indústria da China contemporânea” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 19). Quando Roberto completou oito anos, migrou junto de seus pais e seus dois irmãos (um nascido na China e o outro no Brasil) para São Gonçalo, por terem amigos já estabelecidos no município⁸⁹ cujo crescimento nas vendas da sua loja encorajara seus pais. A loja da família estava localizada na Avenida Dezoito do Forte, Mutuá, muito próxima do Centro de São Gonçalo, onde há comércio heterogêneo e vários chineses proprietários de lanchonetes.

Roberto comentou que desde criança os irmãos e ele ajudavam nas vendas da loja e durante os anos passou a ser responsável por ser o interlocutor entre os funcionários brasileiros e seus pais chineses que falam pouco português. Mesmo trabalhando na administração da loja da família, ele não deixava de estudar. Seus pais eram rígidos com os três filhos e por isso os matricularam em um conceituado colégio em São Gonçalo. Roberto relatou que os irmãos e ele tinham como obrigação de manterem as notas escolares acima da média. Ele relatava que se sentia no dever de manter excelente rendimento escolar devido aos esforços dos pais para proporcionar melhor qualidade de vida aos três filhos. *Às vezes me sinto como um sortudo por nascer e viver aqui no Brasil. Fico imaginando como seria minha vida na China caso tivesse nascido lá. Meus pais falam que era difícil na época deles* (Roberto, filho de chineses, 25 anos). Em nossas conversas, Roberto relatou que sente medo

⁸⁷ Terminal de ônibus intermunicipal com destino para vários municípios: Araruama, Cachoeiras de Macacu, Duque de Caxias, Itaboraí, Magé, Maricá, Nova Iguaçu, Niterói, Rio Bonito, Rio de Janeiro, São Gonçalo, Saquarema, Tanguá etc.

⁸⁸ Anos depois a tia dele foi viver no bairro de Botafogo.

⁸⁹ Atualmente moram em Duque de Caxias.

de desapontar os pais caso no futuro não possa ampará-los financeiramente devido aos investimentos na educação dele. Na sociedade chinesa é costume dos filhos cuidarem dos pais na velhice através do sustento financeiro por não haver previdência social.

A situação [...] tanto do campo quanto da cidade, é agravada pela ausência de uma rede proteção social. A maioria da população não tem aposentadoria nem assistência médica gratuita. Para completar, até o ensino fundamental obrigatório é pago. Em 2006, o governo iniciou um projeto que isenta as famílias rurais mais pobres da anuidade de seus filhos e cerca de 150 milhões de crianças começaram a estudar de graça.

Sem amparo do Estado, a maioria dos chineses tem que guardar dinheiro para conseguir enfrentar esses gastos. O nível de poupança na China é um dos mais altos do mundo [...]. As principais preocupações das famílias são pagar despesas de saúde, custear os estudos dos filhos e comprar um imóvel. Quanto à aposentadoria, a expectativa é a de que os filhos cuidem de seus pais na velhice (TREVISAN, 2014, pp. 89-90)

Ao longo das aulas de mandarim pude observar, nas conversas dos demais alunos de ascendência chinesa, a importância do tripé na vida deles: família (respeito e obediência pelos pais), estudos e trabalho. Na etnografia pude observar com atenção o papel da família, dos estudos e do trabalho como elementos norteadores dos conflitos internos e decisivos na vida dos chineses que estão ligados ao confucionismo. Essa filosofia postula manter a vida em harmonia e as hierarquias⁹⁰. De acordo com Cláudia Trevisan (2014):

O ideal confuciano de cavalheiro era um homem virtuoso, que se dedicava ao estudo e, acima de tudo, sabia a maneira apropriada de se comportar dentro da família da sociedade. As ações desse homem superior são um modelo para os demais e inspiram a obediência aos princípios morais. [...] Entre as virtudes exaltadas por Confúcio, duas reforçavam a hierarquia social e familiar: lealdade ao superior, que tem a responsabilidade de agir moralmente, e respeito filial. Confúcio propunha ainda a reciprocidade no relacionamento humano que se traduz no respeito ao próximo e aprofunda o caráter humanista de sua filosofia. A ideia aparece em várias passagens dos clássicos confucianos, entre os quais Os analectos⁹¹. (TREVISAN, 2014, p. 158).

No decorrer do curso de língua chinesa, estive mais próximo de Roberto devido a voltarmos juntos para casa. Nas aulas participávamos das dinâmicas de interação, como modo de estimular os alunos a praticar a fala em mandarim.

⁹⁰ “Apesar de existir a discussão sobre se o confucionismo é uma religião ou uma filosofia, seu pensamento se aproxima mais de uma ética política, social e familiar. A reverência ao Céu, que tem um aspecto transcendente, está presente na obra de Confúcio, mas seu foco é comportamento moral do homem”. (TREVISAN, 2014, p. 159).

⁹¹ “Tzu Kung perguntou: ‘Existe um único princípio que possa guiar nossas ações ao longo de toda a vida?’ O mestre respondeu: “Que tal ‘shu’ – nunca faça aos outros o que você não gostaria que fizesse a você mesmo?” (CONFUCIUS, 1975, pp. 153 *apud* TREVISAN, 2014, p. 158).

Notei que o professor, que havia feito intercâmbio na China, buscou apresentar a cultura chinesa e discutir temas históricos e contemporâneos, cidades, zodíaco, gastronomia, religião (budismo), Jogos Olímpicos Beijing 2008, economia, política do filho único etc., eram temas de fundo nas aulas que estimulavam os alunos em falar mandarim, em alguns momentos os debates eram empolgantes e os alunos passavam a falar em português.

Observei que os alunos de ascendência chinesa na classe relatavam que o respeito aos pais e aos mais velhos é importante nas relações familiares, há uma hierarquia no interior das famílias e devido a isso, muitas vezes, os planos que os pais têm para os filhos não podem ser questionados e resultam em confrontos geracionais. Esses alunos comentaram suas experiências e conflitos identitários por pertencerem a duas culturais distintas. Os estudos e trabalhos são apostas que os pais fazem sobre os filhos para que eles possam alcançar a ascensão social. Ao longo desses anos notei que ascensão social é geracional e é baseada nos estudos e no trabalho.

Em uma aula na qual o tema da economia e família na China foi abordado, uma aluna brasileira descendente de chineses disse: *Nosso crescimento precisa ser maior que do que nossos pais e avós. Assim, quando crescemos para dentro de nossa família, crescemos de toda China para o mundo* (Daniela, filha de chineses, aproximadamente 23 anos). Durante o semestre tentei me aproximar dos quatro alunos de ascendência chinesa que residiam em Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, entretanto, não tive êxito.

Ao longo das aulas de mandarim percebia o interesse do Roberto pela minha pesquisa e por mim, mas observava a relação de distanciamento dele com os quatro alunos filhos de imigrantes chineses na classe. Em nossas conversas ele relatou que é homossexual e não tinha coragem de assumir sua sexualidade diante da família e da comunidade chinesa de São Gonçalo. Temia possíveis discriminações e que sua família fosse criticada pelos demais. Ele relatou que sua família não tinha interesse em voltar para a China e buscava viver em São Gonçalo. Durante a década de 1990 outros de seus familiares migraram para municípios região metropolitana fluminense, tais como, Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí. O motivo de viver no Brasil estava relacionado ao fato que os pais não queriam deixar o comércio que tinham em São Gonçalo e voltar a viver na China. Temiam o custo de vida no país e tinham familiares já vivendo na metrópole fluminense.

Roberto relatou que entre os anos de 2010 e 2012 chineses migraram de São Gonçalo e também do Rio de Janeiro para Itaboraí para que abrirem lojas e lanchonetes. Esses chineses objetivavam constituir comércio no município de Itaboraí devido à concorrência com outros

nacionais em São Gonçalo e no Rio de Janeiro que prejudicava juntar dinheiro. A escolha por Itaboraí se devia pelo crescimento do município devido à construção das instalações do COMPERJ que atraiu muitas pessoas do Leste Metropolitano.

Certa vez, questionei sobre o que ele sabia sobre o *hukou*, ele de imediato disse que não sabia. Ao longo dos meses, quando questionava sobre o *hukou* e contava que sobre os relatos que obtive em minhas experiências com chineses, ele comentava que muitos chineses imigram em famílias para região metropolitana do Rio de Janeiro com objetivo de trabalharem para que possam pagar a mudança do *hukou* na China e via o suborno de funcionários do governo do Partido Comunista. Ainda foi relatado que chineses imigram com objetivo não apenas para mudança da permissão de residência do *hukou*, imigram com intuito de abrirem comércio e buscarem mudar a condição socioeconômica.

Eu não gosto de ficar falando sobre hukou. Não é algo que eu não tenho por ser brasileiro. Os chineses buscam mudar o hukou por não quererem viver nas piores partes da China. Eu sei que morar nos melhores lugares da China é preciso ter autorização e só poucos tem. É mais fácil vim para cá, trabalhar juntar dinheiro e voltar para China para trocar o hukou através da compra. [...] Quando chega alguém que não tem visto certo para viver no Brasil, há ajuda de outros chineses. Geralmente os chineses que vivem aqui por muito tempo ou os filhos de chineses nascidos aqui no Brasil – que são brasileiros (como eu) apenas alugam as lojas para facilitar que os novos tenham como começar a trabalhar. [...] Eles [chineses e seus descendentes que vivem por muito tempo no Brasil] apenas alugam porque os chineses que chegam não têm visto certo ou podem ser descobertos por não estarem regularizados. (Roberto, filho de chineses, 25 anos).

Esse relato de Roberto foi dado devido à confiança que ele tinha em mim. Dessa maneira foi possível compreender como os chineses recém-chegados em São Gonçalo conseguem abrir estabelecimentos comerciais sem falar português e com pouco conhecimento do lugar para onde estão (i)migrando, conseguem se estabelecer devido às redes migratórias.

El concepto de red se há revelado un instrumento valiosísimo para estudiar La acción social: La red de relaciones del individuo há sido vista o bien em términos del condicionamiento que ejerce sobre su comportamiento, o bien en los términos del uso instrumental que cada actor realiza de dichas relaciones para conseguir sus propios fines. De esta manera, han quedado expresados explícitamente los límites – y las implicaciones que de ellos derivan em varios niveles – de una concepción *atomizada* del actor: que obra y decide en una suerte de vacío social, como si sus relaciones no existieran no tuviesen, por tanto, alguna influencia sobre él (RAMELA, 1995, pp. 14-15).

Desde o início ele sabia do meu interesse em estudar a imigração chinesa através das redes migratórias no Leste Metropolitano Fluminense e o meu motivo de participar das aulas de mandarim para que eu pudesse me comunicar com os chineses. Além disso, aperfeiçoar meu conhecimento da língua chinesa estava proporcionando minha maior inserção entre os chineses.

Ao longo das conversas manifestei meu interesse em querer conhecer os pais dele com objetivo de investigar a imigração chinesa em São Gonçalo. Meu envolvimento com Roberto possibilitou que tivesse mais acesso aos chineses em São Gonçalo, entretanto, ele tinha muito medo que alguém da comunidade chinesa descobrisse nosso envolvimento que culminaria na revelação da homossexualidade dele.

Eu pedi para Roberto que deixasse conhecer os pais dele para eu pudesse investigar a imigração chinesa. Antes da minha ida, Roberto conversou com os pais sobre meu interesse em pesquisar a imigração chinesa. Devido ao apoio dele em minha inserção no campo, facilitou que eu fosse aceito pelos pais dele. Além disso, Roberto explicou aos pais que meu objetivo era apenas compreender as razões dos chineses em querer viver em São Gonçalo e que não denunciaria ninguém caso esteja com a permissão de estar no Brasil expirada ou mesmo sem documentação.

No dia 31 de março de 2017 fui à loja da família Roberto para conversar os pais dele. Quando entrei na loja percebi que havia produtos chineses nas prateleiras – eletrônicos, acessórios femininos, brinquedos, decorativos para casa. Na parede do fundo da loja havia as bandeiras da China. Notei que no balcão do caixa da loja haviam jornais de chineses que residiam em Vancouver. Eu fiquei curioso sobre aqueles jornais e fiquei olhando para tentar entender o que estava escrito. Gentilmente, perguntei se poderia ficar com aqueles jornais e disseram que sim de modo ríspido. Notei que eram dois jornais da comunidade chinesa de Vancouver no qual realizava anúncios de serviços, tinham reportagens de pessoas importantes da comunidade e conscientização da violência contra a mulher e abuso sexual de crianças. Fui atendido.

Fui atendido por Jin, 59 anos e por Li, 58 anos – os pais de Roberto. Fiz minha apresentação sobre quem seria eu e qual era meu objetivo, após eu ter falado, eles ficaram calados e conversaram entre si em cantonês. Logo em seguida o pai dele pediu para que eu ficasse sentado em uma cadeira que estava próximo ao balcão. Naquele dia estava muito quente e na loja não havia ar-condicionado, fiquei sentado por uma hora até que Jin veio conversar comigo. Observei que ele estava impaciente e disse que não poderia ficar por muito

tempo, pois estava ocupado e não poderia perder tempo comigo⁹². Achei melhor perguntar quais eram os interesses dos chineses em viver em São Gonçalo. Segundo Jin, o motivo de imigrar para São Gonçalo está relacionado com a facilidade de abrir algum comércio com mais facilidade devido aos aluguéis comerciais que são baratos em comparação ao Rio de Janeiro e Niterói. *Em São Gonçalo não fica caro [aluguel comercial] como é lá [Rio de Janeiro e Niterói]* (Jin, chinês, aproximadamente 55 anos). Após a resposta, ele disse que já estava ocupado e por isso precisava voltar ao trabalho. Insisti para tentar a conversa, mas ele pediu para que eu sáísse da loja de modo grosseiro. *Já respondi o que queria saber, agora pode ir. Vai comprar? Preciso voltar a trabalhar!* (Jin, chinês, aproximadamente 55 anos).

Na semana seguinte, após minha ida à loja da família, estive com Roberto nas aulas de mandarim. Ele pediu desculpas devido ao tempo que fiquei esperando para conversar com os pais dele e pela maneira grosseira que fui tratado pelo pai dele. Disse para que ele não se preocupasse, pois devido à minha experiência com chineses, já supunha que o pai dele poderia ter aquela reação. Roberto disse que o pai dele demorou para me atender com a ideia que desistisse e fosse embora. *Meu pai achou que você fosse lá... Quando ele viu você lá, ficou irritado. Foi para parte de trás da loja, achou que você desistiria por ficar muito tempo sentado naquele calor. Ele ficou irritado quando voltou e viu que você estava lá e fez perguntas* (Roberto, filho de chineses, 25 anos).

[...]

As aulas de mandarim foram realizadas no Instituto de Letras da UFF em uma turma que contemplaram dezesseis alunos: onze eram brasileiros, contando comigo, e cinco – que incluiu o depoente Roberto – eram nascidos no Brasil e filhos de imigrantes chineses. Os alunos brasileiros eram estudantes dos cursos de graduação da Universidade, que abrangia: Economia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Jornalismo, Letras, Relações Internacionais e Sistemas de Informação⁹³. O interesse deles pelas aulas de língua chinesa era para aprender uma nova língua que, de acordo com as palavras deles, era “exótica”, “diferente” e “nova”. Eles comentavam que em décadas futuras a China poderia ser a maior economia no mundo e aprender mandarim seria diferencial nas disputas de emprego.

⁹² Dias após a minha ida à loja, Roberto disse que o Jin ficou irritado por eu ter ido querer saber sobre os chineses.

⁹³ Os cursos de línguas estrangeiras são oferecidos para alunos da UFF e para comunidade. Nessa turma a maioria dos alunos foi da Universidade.

Já os alunos descendentes filhos de imigrantes chineses também eram alunos de graduação na UFF e na UFRJ nos cursos de Letras, Engenharia Química e Química. Eles tinham interesse pelos cursos por ser próximo de suas residências, por ser mais barato e por causa do ambiente universitário⁹⁴. Esses alunos tinham domínio em conversar em mandarim por terem aprendido desde a infância junto com familiares e o interesse deles era em aprender a escrita da língua chinesa para poderem no futuro viajarem para China. Eles relataram nas aulas que visitaram familiares que moram em cidades da província de Guangdong e não moraram no país.

Durante as aulas e nos intervalos tentei me aproximar de alguma maneira dos alunos de ascendência chinesa por meio de conversas sobre as aulas, dúvidas sobre o conteúdo. Desde o início das aulas expus que eu era estudante de mestrado que pesquisava imigração chinesa no estado do Rio de Janeiro que resultaram em meu interesse em aprender mandarim. Percebi que eles tinham receio sobre mim e não queriam conversar comigo devido à minha pesquisa e sentavam em carteiras distantes da minha que ficavam na sala de aula. Nas conversas que tive com Roberto, comentei que os alunos descendentes de chineses não queriam conversar comigo e não conseguia entender as circunstâncias. Ele sorriu e disse:

Você é muito insistente, consegue conversar com eles [chineses que vivem em São Gonçalo]. Eles acham estranho um brasileiro saber muito sobre nós e fazer muitas perguntas. Já devem saber quem é você não porque se apresentou nas aulas. Sabe por que aqueles [chineses] que você já conversou devem ter falado de você. [...] Aqueles que vivem aqui em Niterói devem saber quem é você porque tem contato com os que vivem em São Gonçalo. [...] Todos do nosso grupo se conhecem e por isso sabe o que acontece com outro. Todos sabem um pouco da vida dos outros (Roberto, filho de chineses, 25 anos).

No comentário de Roberto pude perceber que as notícias circulam entre os membros da comunidade chinesa no Leste Metropolitano Fluminense. No decorrer da pesquisa, notei que os chineses tinham conhecimento de quem seria eu e quais seriam meus interesses em querer estabelecer contato. De acordo com o depoente Roberto, eles deveriam saber sobre quem eu era devido às minhas inserções no campo etnográfico. Segundo o depoente, eles eram moradores de Niterói e São Gonçalo.

Pastelarias chinesas

⁹⁴ Eles não expressaram em alguns momentos nas aulas que não tinham interesse em estudar mandarim em instituições chinesas que em alguns casos são vinculadas ao Consulado Geral da China. De acordo com eles, era preciso aprender mandarim, mas não estando em ambiente majoritariamente chinês. *Estudar com brasileiros é melhor por ser mais divertido.*

Nos municípios do Leste Metropolitano Fluminense é notória a presença de chineses trabalhando em pastelarias e restaurantes étnicos nas ruas dos centros das cidades. Ao longo dos dois anos de trabalho de campo da pesquisa do mestrado e das minhas experiências anteriores com chineses em São Gonçalo, pude contabilizar 78 lanchonetes e 55 lojas, restaurantes e pastelarias distribuídas predominantemente nos bairros do Centro e Alcântara. A preferência dos chineses em trabalhar no comércio alimentício é devido a não falarem a língua portuguesa, por terem a quantia em dinheiro necessária para investir no comércio e não ser preciso de muitos conhecimentos para elaboração dos alimentos.

Antes da chegada a São Gonçalo, os chineses, por meio das redes migratórias conseguem se inserir no mercado alimentício no qual outros membros da comunidade sínica já estariam estabelecidos no município. De acordo com Franco Ramela (1995) ao estudar as redes migratórias afirma:

“[...] los emigrantes a actores racionales que persiguen objetivos y movilizan para teles fines lós recursos que tienen a su disposición. Estos han sido considerados, a mednudo, como recursos relacionales, es decir aquellas relaciones personales que sirven para conseguir información, elegir el destino, insertarse em el mercado de trabajo de la sociedad receptora, etc (RAMELA, 1995, p. 09).

Em minhas pesquisas sobre a imigração chinesa em São Gonçalo entre os anos de 2012 a 2013 conheci chineses proprietários de lanchonetes no município. Já no mestrado quando voltei ao campo, via novos contatos com chineses e seus descendentes, tive o interesse em estar com os interlocutores anteriores que ainda mantinha contato no intuito de ampliar minha relação com o universo étnico local. As lanchonetes ainda existiam com a venda de salgados, caldo de cana e outros produtos, porém os donos não eram os mesmos. Na busca para conseguir estabelecer contato com novos proprietários utilizei das estratégias que havia praticado, passar como consumidor.

Na busca por retomar os contatos com os chineses que já conhecia fui no dia 05 dezembro de 2016 ao bairro da Trindade, próximo do Alcântara, onde estariam os chineses já conhecidos. Quando cheguei ao estabelecimento observei que o ambiente não teve modificações, ainda permaneciam os azulejos brancos e corais que iam do chão ao teto, os desenhos de gatos conhecidos como *Manekei Neko*, que significa prosperidade financeira, no interior da lanchonete haviam quadros que remontavam a paisagem de montanhas e lagos da China. Era notório o pôster aproximadamente de um metro e meio com a fotografia de Mao

Zedong. Eu observei que havia três crianças chinesas brincando entre os bancos e as mesas na lanchonete.

A lanchonete não estava cheia e por isso conseguir sentar em uma cadeira que ficava muito próximo do balcão, e fui atendido por um homem de aproximadamente trinta anos que era brasileiro, natural do estado da Paraíba. Como estava com pouco dinheiro, pedi um suco de caju e uma coxinha de frango – a mais barata que tinha. Nesse momento, quis registrar minhas experiências em campo através da observação direta do comportamento, todavia, optei por não abrir meu diário de campo para que não houvesse estranheza por parte dele. Fui até ao caixa e paguei minha consumação para um rapaz etnicamente chinês. Voltei para o local onde estava meu pedido em um prato e comi, observando aquele lugar. Tentei iniciar a conversa com aquele homem nordestino que me atendeu com comentário do jogo de futebol que passou na televisão no dia anterior. Logo de imediato, ele ficou entusiasmado e falava da derrota do time dele, como eu não entendo de futebol, apenas concordava e estimulava-o a falar ainda mais. Enquanto isso comia devagar para que eu pudesse ter mais tempo para ficar na lanchonete, pois o dinheiro era pouco e talvez não pudesse comprar outro lanche. Quando acabei de comer, perguntei sobre o que achava sobre a imagem de Mao Zedong e quem seria. Ele disse achava que fosse um familiar dos chineses que eram donos daquele estabelecimento que veio a falecer antes de vir morar em São Gonçalo. Questionei quem lhe dera aquela informação. Ele respondeu naturalmente:

Olha, eu acho que esse “maluco” aí é da “parentada” deles aí. Deve ser avô desses caras. Eles são tudo igual. Mas eles têm muito respeito por ele. Chamam e Mal [Mao]. Acho estranho ele ter nome Mao [Ma] ao invés de “bem”. Acho estranho... Ele quase do meu tamanho [fotografia] e parece que me olha com esse sorriso feio. (Depoente não identificado, brasileiro, aproximadamente 30 anos).

Olhei para ele, ri como uma forma de concordar com a sua fala. Fui novamente ao caixa para pagar a garrafa de água com apenas as duas moedas de um real que restavam em meu bolso. Perguntei ao adolescente que estava no caixa da lanchonete em português, na tentativa de iniciar uma conversa: “Você é amigo da Xiaoli e do Lien?”. Percebi que ficou assustado, falava em cantonês e pouco em português. Não acreditei que ele não falasse português, perguntei em mandarim se ele era amigo ou familiar da Xiaoli e Lien e disse algumas palavras em cantonês que poderiam ser empregadas naquele contexto. Ele ficou sem reação por eu ser brasileiro e ter conhecimento das duas línguas faladas na China. Olhei para

ele, disse em português: *Meu nome é Edivan e conheço Lien e Xiaoli. Eles são meus amigos e gostaria de conversar com os dois. Sabe como posso encontrá-los?* Ele disse que o casal estava morando em Foz do Iguaçu desde o início do ano de 2016. Fiquei bastante frustrado com a informação e expliquei que conheci o casal devido à minha pesquisa sobre imigração chinesa em São Gonçalo realizada em 2012. Naquele momento estava no mestrado dando continuidade à minha pesquisa sobre imigração sínica no município. Disse que eles me conheciam e até compareci na comemoração do Ano Novo Chinês. Observei que ele ficou incomodado, mas não falou nada. Perguntei se poderíamos conversar sobre a China e os chineses que vivem em São Gonçalo e municípios adjacentes. Por alguns instantes ele ficou calado e disse poderíamos conversar. Perguntei o nome dele, contudo, não quis responder. Achei melhor não insistir em saber o nome dele, por receio de que pudesse desistir daquela entrevista. Confesso que fiquei espantado por ele ter aceitado meu pedido para que pudéssemos conversar sobre a imigração chinesa para São Gonçalo.

Ele não quis se identificar, mas relatou que nasceu no interior da província de Guangdong e imigrou com seus dois irmãos para o Brasil em 2009 a convite de outra família chinesa para fossem trabalhar em uma lanchonete na Tijuca que prometeram salários e a garantia da possibilidade ao longo do tempo de juntar dinheiro para trazerem os pais. Eles trabalharam por nove meses e não recebiam os salários como tinha sido acordado e não houve nenhum contrato de trabalho entre eles e os patrões chineses. Ele relatou que trabalhavam todos os dias no horário em que a lanchonete era aberta às 09 h:00 e fechada às 19h:30. Eles dormiam na cozinha e alimentação era descontada do salário junto com o custo das passagens da viagem para trabalharem no Brasil. Eles não eram privados de saírem, todavia, por trabalharem ao longo do dia recebiam descontos dos salários e por isso não saíam da lanchonete. No final do mês os descontos com alimentação superavam o salário que deveria ser recebido e por isso a dívida com os patrões aumentava. Quando ele e seus irmãos chegaram, os passaportes foram tomados pelos patrões com justificativa de proteção por ser um documento importante. Além disso, por terem pouco conhecimento na língua portuguesa, dificultava a comunicação com brasileiros. Ainda tinham contato com poucos chineses.

Seus irmãos e ele estavam inconformados por estarem com salários atrasados e por isso exigiram dos patrões os nove meses de salários que não tinham recebidos. Os patrões deram apenas dois meses de salário para os três e devolveram os passaportes. Eles não puderam dormir nos fundos da lanchonete como fizeram nos últimos meses. Através da sugestão de chineses que conheceram após a saída da lanchonete optaram em trabalhar como

camelôs nas proximidades da Central do Brasil, que fica no Centro do Rio de Janeiro, e dormiam em um conjugado que ficava perto. Nesse período, ele relatou que tiveram brigas com brasileiros que roubaram as mercadorias. [Os] *brasileiros brigam muito e pegava o que é nosso* [sic] (Depoente não identificado, chinês, aproximadamente 18 anos). Após dois anos trabalhando como camelôs conseguirem dinheiro para abrirem uma lanchonete na Tijuca ou no Centro do Rio de Janeiro. Eles tinham medo de sofrerem represálias dos ex-patrões, não poderiam voltar para a China por terem baixos salários e não poderiam ajudar os pais que viviam no interior do país. Para mais, as inspeções da Vigilância Sanitária são constantes e poderiam ser obrigados a fechar a lanchonete⁹⁵.

Devido aos contatos estabelecidos com chineses nos últimos dois anos, preferiram migrar para São Gonçalo por terem aluguéis comerciais e residenciais mais baratos em comparação ao Rio de Janeiro. Ao chegarem a São Gonçalo contratam chineses e seus descendentes para ajudarem a alugar algum estabelecimento comercial que pudesse ser uma lanchonete. Segundo o depoente, quando os chineses migram para São Gonçalo ou outros municípios vêm com a quantia necessária em dinheiro para abrirem algum comércio de interesse. Na maioria das vezes eles não têm conhecimentos da língua portuguesa para lerem contratos de aluguéis e solucionar burocracias. Logo, contratam filhos de imigrantes chineses para ajudá-lo a ler os contratos burocráticos⁹⁶. Além disso, ele foi para o Brasil com Visto de Visita que possibilitava ficar em território nacional por noventa dias. Após o término do visto ficaram passaram a ser estrangeiros irregulares no país. Assim, por não terem Visto de Residência dificultaria alugar imóveis comerciais para abrirem uma lanchonete. Eles decidiram contratar descendentes de chineses que alugariam o imóvel no nome dele para que o depoente e seus irmãos pudessem trabalhar. Questionei por qual motivo quiseram abrir lanchonete ao invés de uma loja com produtos chineses.

Ter loja é mais difícil. Precisa comprar coisas da China. Comprar coisas da China precisa conhecer quem vende e às vezes os chineses não ajudam. É difícil participar da compra de produtos chineses. Eu preciso ter mais papéis [documentos] e ficam mais caro [impostos]. Prefiro vender comida, né? Vocês gostam de comer e precisa falar pouco português [risos] (Depoente não identificado, chinês, aproximadamente 18 anos)

⁹⁵ Ao longo da minha pesquisa realizada nos anos de 2012 e 2013 (COSTA, 2014) tiveram relatos de chineses que decidiram por terem lanchonetes em São Gonçalo e Itaboraí devido às poucas fiscalizações da Vigilância Sanitária.

⁹⁶ De acordo depoente ele pagou R\$1.000,00 (mil reais) para que uma chinesa ajudasse abrir uma lanchonete.

De acordo com depoente, ele conseguiu obter visto de residência por causa do irmão. O irmão dele casou com uma brasileira filha de imigrantes chineses que possibilitou regularizar a situação no Brasil com visto de residência. Após a regularização do irmão, pode regularizar a situação do depoente.

Chineses no comércio popular de São Gonçalo

O bairro do Alcântara localizado geograficamente no centro do município de São Gonçalo é conhecido pelos moradores do Leste Metropolitano devido ao comércio popular e pela oferta de linhas de ônibus pelos municípios da região metropolitana. Ao longo dos anos, quando passei a frequentar o bairro do Alcântara, fiquei atento à presença chinesa no município. Caminhar pelas ruas do bairro precisa ser “habilidoso”, devido às estreitas ruas com muitas barracas de camelôs que disputam espaço com lojistas, restaurantes, ônibus, motos, carros e pedestres que circulam pelo bairro. Para andar pelas ruas do Alcântara é necessário ficar atento para não esbarrar em alguma banca de camelôs ou nas pessoas. O comércio de produtos falsificados e similares de brinquedos, roupas, calçados, relógios, celulares, óculos e cigarros etc., em sua maioria provenientes da China, atraem pessoas de vários municípios do Leste Fluminense. Pinheiro-Machado (2009), ao investigar a produção e circulação de mercadorias piratas no circuito, China, Paraguai e Brasil afirma:

Existem duas acepções para “pirataria”. Uma está relacionada ao comércio marítimo de extorsão de bens que existe desde o século XI até hoje; a outra ao mercado contemporâneo de cópias de produtos detentores de propriedade intelectual. São fenômenos sociais que, embora possuam algumas semelhanças, movimentam diferentes sistemas econômicos e logísticos. O primeiro envolve o negócio de transporte e distribuição de mercadorias, em vez de sua produção (Kleinen e Osseweijerm, 2005). Trata-se de uma atividade ilegal que, grosso modo, é o “roubo do mar”. O segundo, também ilegal, passou a ser chamado assim por ser uma apropriação, não diretamente de bens, mas de símbolos intangíveis, que são as marcas registradas protegidas, desde 1994, pelo acordo TRIPs / OMC. O mercado de falsificações enquanto um sistema de informações e interconexões em nível global e uma manifestação da contemporaneidade e de suas tecnologias (ainda que o comércio de cópias sempre tenha existido) e, ao contrário da pirataria marítima, está diretamente relacionado a produção de mercadorias (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p.59).

Ao longo dos anos que estive no Alcântara passei a dedicar minhas investigações sobre os movimentos migratórios de chineses e, devido à convivência com chineses, pude perceber que ao passar pelas ruas e esquinas do bairro escutava sons da fonética em mandarim

e cantonês. Eram chineses que andavam pelas ruas, nas lanchonetes, em lojas e bancas de camelô. As bancas dos camelôs chineses chamavam minha atenção por estarem mais distantes dos brasileiros. Observei que se encontravam próximo aos pontos de ônibus. Seus produtos piratas fabricados na China e vendidos no Alcântara eram os mais variados: eletrônicos, brinquedos, acessórios femininos, perfumes, calçados e roupas. Percebi que as bancas dos camelôs chineses estavam com clientes que compravam os produtos. A princípio desconfiei que os produtos pudessem ter tecnologia mais avançada em comparação aos que eram vendidos pelos brasileiros e bolivianos⁹⁷. Fui naquelas bancas como cliente para ver aqueles produtos vendidos pelos chineses e tentar estabelecer contato com eles. Descobri que os produtos vendidos eram os mesmos que os brasileiros vendiam, contudo, os preços eram mais baixos. Dessa vez, optei em observá-los e compreender as dinâmicas de compra e venda. Optei entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018 sentar nos bancos de uma igreja que ficava em frente às bancas dos chineses e observei as rotinas. Os chineses chegavam por volta das 8h em carros velhos e montavam as estruturas e os produtos para serem vendidos, após às 13h chegava outra pessoa que trocava de lugar com o chinês que chegou anteriormente para dar continuidade na venda dos produtos. Diferente dos camelôs brasileiros que chamavam os fregueses que passavam na rua com anúncio de preços baixos⁹⁸, os chineses ficavam em silêncio, sentados em cadeiras de praia e aguardava os fregueses passarem e terem interesse pelos produtos. Percebi que os chineses se distraíam com seus celulares e, quando algum freguês chegava, rapidamente era atendido.

Após duas semanas observando os camelôs chineses iniciei minhas tentativas de estabelecer contato com eles. Cheguei como potencial freguês que olhava os brinquedos, relógios e as cuecas, perguntava os preços e comprava algum produto que fosse barato, pois o dinheiro era pouco e precisaria fazer várias pequenas compras em outras bancas. Eu já sabia que, baseado nas experiências que tive com outros, precisaria comprar seus produtos como tentativa de estabelecer contato. Minhas tentativas de iniciar alguma conversa foram frustradas pelo silêncio deles. O conteúdo da conversa era igual, não avança e eu acabava me sentindo mal por não avançar no diálogo. Isso me deixava irritado por não conseguir conversar, pois o silêncio era a resposta. Minhas inquietações e frustrações eram similares às

⁹⁷ Ao longo da pesquisa observei que havia imigrantes bolivianos que trabalhavam como camelôs e vendiam produtos artesanais em São Gonçalo. A presença boliviana é notória nos bairros do Alcântara, Centro, Paraíso e Santa Catarina.

⁹⁸ Presenciei brigas entre camelôs brasileiros devido as disputas de localização de barracas na rua. Os camelôs tinham licença da Prefeitura de São Gonçalo para terem suas barracas, eram considerados microempresários, mas as regras de demarcação de barracas pelos órgãos municipais não eram respeitadas por eles.

de Rosana Pinheiro-Machado (2009). Nas palavras de Pinheiro-Machado “[...] entre os outros informantes havia sempre uma sensação de que todas as conversas eram vazias, de que nada acontecera na observação. Eu voltava para casa geralmente frustrada” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 33).

Percebi que não conseguiria estabelecer contato com eles e por isso analisei onde estariam outros chineses que trabalhavam como camelôs no Alcântara. Na tentativa de iniciar uma conversa com algum chinês que trabalhasse como camelô, caminhei pelas ruas do Alcântara para localizar algum possível depoente para compreender os movimentos migratórios. Minhas tentativas foram novamente fracassadas em estabelecer contato com eles, pude notar que tinham domínio da língua portuguesa, mas o silêncio que me deixava inquieto. O silêncio como resposta dos chineses poderia dizer muito e eu queria entender qual era o motivo mesmo por me deixar frustrado. Eu resolvi arriscar e ir às outras bancas de chineses como freguês que compraria alguns produtos, mas dessa vez quis cumprimentá-los em mandarim.

Eu me aproximei de uma banca e logo percebi que havia um chinês que estava encostado nas grades, concentrado e digitava rápido em seu celular. Ao chegar perto e encostar-se nas peças de roupas falsificadas de marcas australianas, ele toma um susto, chega perto e fica me olhando. Eu apenas cumprimentei em Mandarim e percebi que ele ficou surpreso e em total silêncio. Eu estava nervoso e tentei dar continuidade ao diálogo em mandarim mesmo que em alguns momentos meu vocabulário era limitado. Ele começou a me responder e eu não reconheci algumas palavras por falar rápido. Pedi para que falasse em português por que não compreendia o que dizia. Ele disse que as bermudas estavam na promoção e que poderia levar seis pelo preço de cinco. Comprei as bermudas e ele ficou me olhando sério e depois riu. Naquele momento me senti confiante e me apresentei e disse que estava pesquisando a imigração chinesa para o Brasil e estava aprendendo mandarim. Perguntei se poderíamos conversar e notei o estranhamento dele. Sentamos e ficamos encostados nas grades.

O nome dele Gang, 39 anos, nascido no interior da província de Guangdong. Ele chegou ao Brasil em 2006 a convite dos seus tios para trabalhar e voltar para China e foi morar com seus tios no bairro do Grajaú, Rio de Janeiro. Ele recebeu convite de seus tios para trabalharem em um restaurante no Centro do Rio de Janeiro⁹⁹. *Vim morar no Brasil por causa*

⁹⁹ Eu percebi que meu depoente ficou confuso ao longo da conversa sobre as pessoas que realizaram o convite para trabalhar no Brasil fossem seus familiares consanguíneos. Em alguns momentos ele referiu como familiares

do convite dos meus tios. Minha mãe me pediu para ir por ser melhor, também poderia voltar para China e morar em outro lugar (Gang, chinês, 29 anos).

Além de trabalhar como cozinheiro, Gang trabalhava nos finais de semana como segurança e limpava a loja dos seus familiares na SAARA que vendia materiais de papelarias, utensílios para casa e fantasias de carnaval. Ele relatou que trabalhava todos os dias em jornadas de nove horas e foram poucos os dias que tinha de folga. Não houve contrato de trabalho e o salário era pago na data combinada, mas era descontada uma porcentagem do salário para alimentação. Ele disse que gostava de trabalhar com os tios e podia ajudar sua mãe que vivia na China. Ele comentou que morar no Brasil poderia melhorar a condição de vida no futuro e tinha vontade de viver em alguma cidade mais próspera da China. Questionei como era a vida dela na China, percebi que ele ficou incomodado com minha pergunta e respondia misturando a língua portuguesa e o mandarim¹⁰⁰.

Através de nossas conversas soube que ele trabalhava na construção em cidades na província de Guangdong, Macau e Hong Kong. Ele relatou que seu *hukou* era proveniente da cidade de Renhua e conseguiu autorização para trabalhar nos grandes centros urbanos da província, devido a autorização do Partido Comunista que possibilitou a autorização da sua migração. Ele relatou que sofria pressão através dos supervisores para que construíssem rápido os prédios. A remuneração possibilitava enviar dinheiro para sua família. Ele contou que sofreu dois acidentes no trabalho e não estava satisfeito. Recebeu convite dos seus tios que já estavam estabelecidos no município do Rio de Janeiro. Ele comentou que no Brasil trabalhava menos do que na China, mas gostava e o salário não era suficiente para enviar para família. Desse modo, passou a exercer outros trabalhos como modo de complementar a renda e enviar para a China. Eu tive dificuldades de aprofundar nossa conversa devido aos fregueses que chegavam e ele parava de conversar e atendia. Além disso, percebi que ele não queria

de vínculos sanguíneos, outras vezes como amigos e até vizinhos. Em minhas experiências etnográficas anteriores com chineses percebi que as relações dos chineses com familiares e amigos em muitas situações são consideradas como iguais devido às noções de família são diferentes no Brasil. Segundo Mello e Callegari (2015), ao investigarem os movimentos migratórios de chineses no município do Rio de Janeiro, apontaram para a mesma dificuldade que tive no campo.

“Pergunto se são tios consanguíneos, parentes de verdade segundo nossos padrões ou apenas parentes por afinidade e ela parece não compreender muito bem a pergunta. Em princípio diz que não, eram apenas vizinhos de seus pais que haviam se mudado para o Brasil há mais tempo. Depois, em outro momento da entrevista, afirma que eram irmãos de seu pai e mãe. Na verdade, conforme a missionária G., a noção de família dos chineses é distinta da nossa sendo que família para eles se estende a um vasto número de pessoas com vínculos entre comunitários (vizinhança) e consanguíneos” (MELLO; CALLEGARI, 2015, p. 06).

¹⁰⁰ Ao longo da pesquisa, notei que os chineses, quando não querem conversar ou não tem interesse em querer responder determinada temática, trocam e misturam as línguas ou dizem que não compreendem o que foi dito.

conversar sobre essa temática e por isso optei por parar por precaução para que não perdesse contato com ele.

Devido aos fregueses que chegavam para comprar os produtos na barraca, Guang interrompia nossa conversa e por isso não soube dizer por quanto tempo morou no município do Rio de Janeiro. No período que ele trabalhou no SAARA percebeu que ser proprietário de algum comércio poderia aumentar sua renda e juntar dinheiro para voltar para China e trocar a permissão de residência do *hukou*. Ele juntava uma parte do salário que recebia para abrir sua loja de produtos fabricados na China.

Eu gostava de trabalhar com meus tios, mas não queria trabalhar para eles [familiares e amigos]. Eu queria ter meu dinheiro e ter meus funcionários. Eu poderia melhorar minha condição no Brasil e voltar para China. Na época só queria ficar por aqui para trabalhar e depois voltar. Agora ficarei aqui, posso ir para outro lugar daqui. Outro dia volto para China [sic]. China agora é visitar minha família (Gang, chinês, 39 anos).

De acordo com depoente, ele queria aumentar seus rendimentos e não queria viver com seus conhecidos. A decisão de sair, de deixar os empregos que tinha, foi compreendida pelos seus familiares que o convidaram para morar no Brasil como ingrátido. Guang optou por morar em São Gonçalo porque havia conhecido pessoas, através de comemorações da comunidade chinesa no município do Rio de Janeiro, que já viviam no município.

Segundo Guang, morar em São Gonçalo possibilitaria facilidade em abrir lanchonetes por ser menos burocrático em comparação ao Rio de Janeiro e também pela presença chinesa que já existia por lá. Ele relatou que optou morar no Alcântara por ser próximo ao comércio, pelo número de chineses e pelas linhas de ônibus que facilitam a mobilidade pela região metropolitana fluminense. *Aqui é bom! Eu posso ir ao Rio [de Janeiro] e para Nova Iguaçu. É fácil vender e temos os outros [chineses] por aqui (Gang, chinês, 39 anos).* Observei que ele disse com entusiasmo sobre chineses que vivem no Rio de Janeiro e questionei sobre suas relações com chineses que vivem em outros municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ele relatou:

Eu conheço em outros lugares – Minas Gerais, Nova Iguaçu, Itaboraí, São Paulo e Duque de Caxias. Eu vou para Caxias por que os pais e irmãos da minha esposa moram lá. Lá posso ganhar dinheiro. Lá posso ter mais dinheiro. Saiu daqui e vamos para lá. Eu vou para aonde tiver chance. [...] Fico aqui, mas quando for melhor em outro lugar em vou. [...] Tem pessoas [chineses] em outros lugares que conheço. Eu conheço pessoas [chineses] que estavam na Tijuca, Caxias e [Nova] Iguaçu que estão em São Paulo.

Tem aqueles que estão em Caxias para vender nas lojas. Eu e outros mudamos de lugar para onde tiver pessoas [chineses] e algum trabalho. [...] Um diz para os outros e vamos (Gang, chinês, 39 anos).

O relato de Guang nos permite observar que a constituição das redes migratórias como cadeia atreladas às experiências dos membros. Segundo o geógrafo Bechúr Pinós da Costa (1971), os movimentos migratórios e o espaço geográfico estão alusivos em qualificações de lugares, áreas geográficas, territórios e regiões, pois são força de atrações e retraimentos diferenciadas de imigrantes. As redes migratórias são instrumentos de atração para que os imigrantes chineses possam trabalhar pela região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao analisar os movimentos migratórios, Rua (2004) aponta para mobilidade atrelada às redes sociais, pois ocorrem por cunho da identidade social, vínculos familiares, vizinhança etc. Segundo Guang, para trabalhar no comércio de produtos piratas é necessário estabelecer redes de contatos com outros chineses que possibilitam a compra dos produtos por preços mais baixos.

As mercadorias são compradas como são no Rio. São compradas junto com outros chineses daqui do Alcântara. Por serem muitas, precisamos comprar juntos de uma pessoa na China. [...] Preciso estar com outros chineses para comprar as mercadorias. Só posso comprar barato as mercadorias juntos dos chineses que ajudam na compra para todos (Gang, chinês, 39 anos).

Fiquei interessado nesses relatos por serem parecidos com os de outros depoentes que apresentam os movimentos migratórios atrelados ao comércio. Tentei saber mais sobre a participação de chineses na compra de mercadorias fabricadas na China para serem vendidas em seus comércios. Todavia, observei que ele não queria comentar. Eu pude perceber através da minha insistência que ele não falava e só me olhava. Optei por não insistir no assunto para que ele não desistisse de continuar conversando comigo.

O trabalho de campo foi exaustivo e em alguns momentos desanimador, contudo consegui depoimentos de diversos imigrantes chineses e seus descendentes, formando um arco bastante grande de informantes: Trabalhadores nas lanchonetes, em lojas de utilidades domésticas e brinquedos, no trabalho informal, donos de lojas, chineses e seus descendentes que estão estudando no Brasil. O que uniu os depoimentos de todos foi a reafirmação da importância das redes para a vinda e manutenção deles no Brasil, contudo é importante registrar que a rede propicia apoio, mas também controle e os mais jovens muitas vezes se rebelam a isso.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou compreender e analisar os movimentos migratórios em redes de imigração chinesa no município de São Gonçalo. Parti da premissa inicial de redes atreladas às migrações, acreditando que os deslocamentos migratórios, mesmo os de sujeitos aparentemente isolados, constituem uma imensa rede em que circulam pessoas, informações e dinheiro, de modo formal ou informal.

Ao longo do texto foi demonstrado que um dos principais motivos para os chineses migrarem para São Gonçalo na Região Metropolitana Fluminense é a constituição de redes com chineses já estabelecidos nos municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro e São Gonçalo.

No decorrer da pesquisa, foi observado que a imigração chinesa em São Gonçalo está baseada nas redes migratórias e comerciais espalhadas pela região metropolitana do Rio de Janeiro. Para pensar a imigração chinesa em São Gonçalo é preciso analisar as diversas escalas e perceber como esses imigrantes estão interligados em redes migratórias e comerciais.

Através da etnografia foi possível descobrir que os chineses recém-chegados possuem vínculos comerciais e de familiaridade com aqueles já estabelecidos há mais tempo no município de Nova Iguaçu e esse vínculo funcionou como incentivo para que eles fossem recepcionados, acolhidos e ajudados no momento de chegada ao Brasil.

Os imigrantes chineses observados e/ou entrevistados durante a pesquisa declaram que seu objetivo ao imigrar para o Brasil é trabalhar para juntar dinheiro, buscando uma condição de vida melhor na China.

No decorrer da pesquisa, foi observado que a maior parte dos imigrantes chineses estabelecidos no município de São Gonçalo são oriundos de cidades do interior das províncias de Guangdong e Fujian e migram para grandes centros urbanos com objetivo de trabalharem em serviços de baixa qualificação e enviar dinheiro para os familiares que vivem no interior. De acordo com eles, viver nos centros urbanos não garante direitos trabalhistas e constantemente são alvos de batidas policiais por não terem autorização residencial do *hukou* para viver nos centros urbanos. Conseguir autorização pelo Partido Comunista para troca do *hukou* rural para urbano é difícil devido às poucas autorizações concedidas pelo Partido. A maneira encontrada pelos chineses para conseguir alterar seus registros de residência é através

de altas quantias de suborno aos funcionários do governo. A dificuldade de reunir dinheiro trabalhando em empregos com baixa remuneração em fábricas impulsionam chineses a imigrarem para outros países através das redes migratórias já estabelecidas.

A imigração chinesa para o Brasil é impulsionada pela facilidade de ingressar em território nacional apenas com Visto de Visita, diferente de outros países – Estados Unidos, Austrália, Reino Unido e Espanha, por exemplo, que possuem restrições e maiores controles. Além disso, os chineses podem permanecer em território nacional após a expiração do visto de turista, posteriormente regularizando a situação no País através do nascimento de filhos em solo brasileiro ou casando com descendentes de imigrantes chineses. Através da etnografia foi percebido o interesse em querer ter filhos nascido no Brasil como garantia de direitos aos pais.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro, os chineses imigraram primeiramente para Nova Iguaçu, Duque de Caxias ou Rio de Janeiro por terem familiares e amigos que os convidam para trabalharem e em seus comércios com a promessa que poderão reunir a quantia necessária para voltar à China e trocar o *hukou*. Em alguns casos, os acordos de trabalhos acabam não sendo cumpridos, o que muitas vezes resulta na mudança para outros municípios. Além disso, a atuação da Polícia federal é mais assídua nesses municípios e o receio de sofrerem possíveis deportações, por estarem com vistos de estadia no Brasil já vencidos e realizando atividades não condizentes com autorização de permanência como estrangeiro no país, contribuem para sua migração para São Gonçalo.

Os chineses migram para São Gonçalo por já terem familiares e amigos estabelecidos que podem ajudá-los em questões burocráticas como abrirem lojas e lanchonetes. O município de São Gonçalo acaba sendo atrativo para que possam se estabelecer devido à fraca atuação da Polícia Federal e também pelo forte comércio que contempla municípios do Leste Metropolitano.

Em minha pesquisa anterior foi observado que os chineses se concentravam em lanchonetes e lojas nos principais bairros de São Gonçalo, Centro e Alcântara. Nesta pesquisa foi observado que eles passaram a se estabelecer em outros bairros adjacentes ao Centro e Alcântara devido aos baixos valores dos aluguéis. Os critérios para se estabelecerem nos bairros adjacentes ao Alcântara e Centro são o fácil acesso devido aos ônibus o Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Duque de Caxias.

Por fim, é importante destacar que o estudo da imigração chinesa para o Brasil ainda é um tema pouco estudado, que o material aqui reunido é apenas a ponta de um iceberg e uma

primeira pesquisa prospectiva, que fornecerá material para vários desdobramentos e aprofundamentos do trabalho inicial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marcelo Silva. “Chineses no Rio de Janeiro: O século XX e a migração em massa”. In: **Revista Encontros**. Rio de Janeiro, volume 13, número 25, 2015, pp. 68-82. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/660>. Acesso em: 02 de outubro de 2017.

ARAÚJO, Marcelo Silva. “Chineses no Rio de Janeiro: Notas sobre nação, território e identidade através da prática comercial e religiosa”. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó, volume 23, número 32, 2010, pp. 221-240. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/674>. Acesso em 04 de novembro de 2017.

BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: **O guru e o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BOURDIEU, Pierre. “O campo econômico”. In: **Revista Política & Sociedade**. Florianópolis. volume 04, número 06, 2005, pp. 15-57. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL, **Lei nº 13.445, de maio de 2017. Estatuto do Estrangeiro**. Brasília, DF, 2017 maio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.html. Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

BRASIL, **Lei de Migração, instituída pela Lei no 13.445**, de 24 de maio de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm). Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

CARULA, Karoline. “Nicolau Joaquim Moreira e as questões raciais da imigração”. In: **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH – Brasil**. Natal, 2013, pp. 1-17. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364576007_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf. Acesso em: 06 de março de 2017.

CASTELLS, Manuel. **O fim do milênio – A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Volume III**. São Paulo: Paz e Terra, 1999c.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

CHANG-SHENG, Shu. “RJ recebeu os primeiros imigrantes chineses”. In: **O estrangeiro: Brasil país de imigração**. S/L, 12 de abril de 2012. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2012/04/12/chineses-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2017.

CHEN, Miao Shen. **Cultura educação dos imigrantes chineses na cidade de Cascavel: Dois mundos, um mesmo objetivo**. Monografia (Especialização em História da Educação

Brasileira), Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel. 2010. Disponível em: <https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2012/05/chineses-cascavel.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

COSTA, Benhúr Pinós da. “As relações entre conceito de território, identidade e cultura no espaço urbano: Por uma abordagem microgeográfica”. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e religião: Uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, pp. 79-113.

COSTA. Edivan de Azevedo Silva da. **Da China ao Brasil: Uma análise da imigração chinesa no município de São Gonçalo (RJ)**. Monografia (Graduação em Geografia), São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Pedro Paulo Thiago de. **Saara: Reinventando etnicidades e ambiências urbanas num mercado popular carioca**. 2010. Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com.br/2005/08/saara-reinventando-etnicidades-e.html>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

CZEPULA, Kamila Rosa. “‘Os indesejáveis chins’: A imigração chinesa nas páginas do Jornal Gazeta de notícias (1879)”. In: **Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH – São Paulo**. São Paulo: ANPUH – São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

DAMATA, Roberto. “O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues”. In: NUNES, Edson O. (org.). **A aventura sociológica: Objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 23-35.

FERREIRA, Elidiane Silva. “Economia urbana e migração chinesa no território cearense”. In: **Anais XI – Encontro Nacional da ANPEGE**. Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, pp. 4922-4934. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/16/463.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

FERRO, Lígia. **Da rua para o mundo. Etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; SUDANO, Suliane; GALVÃO, Edna. “Os chineses no Rio: A escravidão urbana”. In: **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**. Volume. 02, número 02 (Nov 2013). ISSN 2245-4373. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/index.php/bras/article/view/9759>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**, 1913, p. 588. Disponível em: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2017.

FIGUEIREDO, Marianne Novaes Falleiro Chaves de. **Modernidade na China: Identidade, Nacionalismo e Globalização**. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp063779.pdf>. Acesso em: 25 de dezembro de 2017.

FOOTE-WHITE, William. **Sociedade de Esquina: Estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREITAS, Sônia de. “Brasil. Desde Hong Kong a São Paulo”. In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. **Cuando Oriente llegó a América: Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos**. New York: IDB Bookstore, 2004, pp. 99-113. Disponível em: <https://publications.iadb.org/handle/11319/219>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

FREIRE, Carlos. **Das calçadas às galerias: Mercados populares do centro de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-31032015-105012/pt-br.php>. Acesso 31 de dezembro de 2017.

FREYRE, Gilberto. **China tropical**. Brasília: Editora da UnB: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. “O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a ‘Questão Chinesa’ nos primeiros anos da República”. Revista de Informação Legislativa. Ano 51, número 202, Abril/Junho, 2014. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/503045>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

GARAUDY, Roger. **O problema chinês**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

GASPAR, Carlos. “A China e a questão de Macau”. In: **Relações Internacionais**. Lisboa, número 43, setembro, 2014, pp. 109-114. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?%20script=sci_arttext&pid=S164591992014000300010. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

GEIGER, Pedro Pinchas. “O povo judeu”. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano 03, número 05, Julho/Dezembro. 1998. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/05_6_geiger.pdf. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÓES, Alisson Gomes dos Santos. **Processos identitários e a produção da presença chinesa em Aracajú**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6260>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

GÓES, Alisson Gomes dos Santos. “Migrações internacionais e a diáspora chinesa no Brasil”. In: **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**. Aracajú, volume 02, número 03, pp. 33-45. Jun. de 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/1454/862>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

G1 – O GLOBO. “Chineses em condições análogas à escravidão são resgatados no Rio”. In: www.g1.globo.com. **G1 – O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 2016. Disponível em:

<http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2016/02/mais-chineses-em-condicao-analoga-escravidao-sao-resgatados-no-rio.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

G1 – O GLOBO. “Dois chineses estariam em situação de escravidão no Rio, diz Ministério”. In: www.g1.globo.com. **G1 – O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2016/01/dois-chineses-estariam-em-condicao-de-escravidao-no-rio-diz-ministerio.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

HAESBAERT, Rogério. **China: Entre o Oriente e o Ocidente**. São Paulo: Ática, 1994.

HAESBAERT, Rogério. “Migração e desterritorialização.” In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). **Cruzando fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. 1 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 35-46.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JORNAL O GLOBO. “Chinês que trabalhava como escravo em pastelaria de Mangaratiba vai voltar para casa”. In: www.oglobo.globo.com. **Jornal o Globo**, Rio de Janeiro, 31 de julho de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/chines-quetrabalhava-como-escravo-em-pastelaria-de-mangaratiba-vai-voltar-para-casa-17026896>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LI, Yiyun. **Os excluídos: Um romance sobre juventude e morte na China revolucionária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

LIMA, Silvio César de Souza. **Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde), Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6126/2/52.pdf>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia** / Bronislaw Malinowski; Prefácio de Sir James George Frazer; Traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; Revisão de Eunice Durhan. – 2 ed, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MELLO, Marcelo Pereira; CALLEGARI, José Antonio. “Chineses no Rio de Janeiro: Dinâmica do fluxo atual da imigração”. In: **XXX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia**. San José, 2015. Disponível em: <http://sociologia-alias.org/congreso-xxx/ponencias/>. Acesso em 22 de janeiro de 2018.

MORTÁGUA, Maria João Vieira de Almeida. **Simbiose dos povos: Os imigrantes chineses no sul da Europa na viragem do século XIX para o século XX**. Tese (Doutorado em História Contemporânea), Salamanca: Universidad de Salamanca, 2011. Disponível em: https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/115626/1/DHMMC_Joao_Mortagua_Maria_Sim_bioseDosPovosOsImigrantes.pdf. Acesso em: 06 de abril de 2017.

MORTON, William Scott. **China: História e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1980.

MOURA, Cristina Patriota de. “O ‘velho’ hukou na ‘nova’ China urbana: Reflexões sobre uma dualidade contemporânea” In: **Anuário Antropológico**, Brasília, volume 38, número 02, pp. 225-245. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/307770891/Artigo-Cristina-Patriotade-Moura-O-Velho-Hukou-Na-Nova-China-Urbana>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

NIETO, Gladys. “La inmigración China em España deficiones y actuaciones sobre integración social”. **Revista CIDOB d’Afers Internacionals**, Número. 63, 2003, pp 167-189,

PEN, Ly. “Patologías prevalentes em pacientes de etnia china”. In: **MEDIFAM**. Madrid, volume 11, número 07 – Julio 2001. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/medif/v11n7/hablemosde.pdf>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

PEREIRA, Gabriel Terra. **A diplomacia da americanização de Salvador de Mendonça (1889-1898)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/%7B965045B0-9C51-4957-8ECE-69C57C52A6F9%7D_Diplomacia_da_americanizacao-NOVA%20P4.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2016.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre Histórias, fotografias e objetos: Imigração italiana e memórias de mulheres**. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_PEREIRA_Syrléa_Marques-S.pdf. Acesso em: 18 de agosto de 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “(Re) pensando a diáspora chinesa: Fluxos globais e dinâmicas locais da imigração contemporânea”. In: **30º Encontro Anual da ANPOCS, GT 12 – Migrações Internacionais**. Caxambu, v. 1, 2006. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/30-encontro-anual-da-anpocs/gt-26/gt12-%2020/3335-rmachado-repensando/file>. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “Uma ou duas Chinas? A ‘questão de Taiwan’ sob o ponto de vista de uma comunidade chinesa ultramar (Ciudad del Este, Paraguai)”. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, v. 10, n. 03, set.–dez. 2010, pp. 468–489. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/6655>. Acesso em: 28 de dezembro de 2017.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16895>. Acesso em: 15 de março de 2016.

PIZA, Douglas de Toledo. **Um pouco de mundialização contata a partir da região da Rua 25 de Março: Migrantes chineses e comércio “informal”**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-08012013-123615/pt-br.php>.

Acesso em: 31 de dezembro de 2016.

PIZA, Douglas de Toledo. “Os circuitos do comércio chinês em São Paulo”. In: PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva (orgs.). **Ilegalismo na globalização: Migrações, trabalho e mercados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

PIZA, Douglas de Toledo. “Um palpite sobre a imigração nas Ciências Sociais de São Paulo: Três décadas, duas perspectivas e uma cisão”. In: **PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**. São Paulo, volume. 19, número 01, 2012, pp. 33-47. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/issue/view/5750>. Acesso em: 23 de dezembro de 2017.

PÓVOA NETO, Héllion. “A criminalização das migrações na nova ordem mundial”. In: POVOA NETO, Helion e PACELLI, Ademir (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan: 2005.

RAMELLA, Franco. “Por un uso fuerte de concepto de red em los estúdios migratórios”. In: BJERG, M. OTERO, H (org.) **Emigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA – IHS, 1995.

REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU. **Lei da Nacionalidade da República Popular da China**. 1999. Disponível em: <http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/01/leinac403.asp>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **Lei da Nacionalidade da República Popular da China, 1980**. Disponível em: <http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/01/leinac403.asp>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

RODRIGUES, Marcelo dos Reis Neto. **Aspectos geográficos da imigração chinesa contemporânea na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

RODRIGUES, Marcelo dos Reis Neto. **A migração chinesa no Rio de Janeiro: Da Revolução maoista ao início do século XXI**. Exame de Qualificação (Mestrado em Geografia), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

RUA, João. “Paus-de-arara e pardais: O Brasil migrante em começos do século XXI”. In: **GeoInova**, Lisboa, volume 08, pp. 179-206, 2004. Disponível em: <http://fcsh.unl.pt/geoinova/revistas/files/n8-8.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito ao fruto: Festa da uva e identidades entre os descendentes de imigrantes italianos**. Rio de Janeiro, Léo Christiano Editorial, 2015.

SANTOS, Ricardo Ventura; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: Contextos, temas e debates”. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio**

Goeldi. Ciências Humanas. Belém, volume 07, número 03, 2012, pp. 745-760. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EdUSP, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. “Construindo a nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1996.

SEYFERTH, Giralda. “A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos”. In. **Anuário Antropológico / 93.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, pp. 175-203. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/255465861/A-invencao-da-raca-e-o-poderdiscriminatorio-dos-Esteriotipos>. Acesso em: 14 de julho de 2017.

SIMMEL, Georg. **Sociologia** / Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SILVA, Marcos de Araújo. **Guanxi nos trópicos: Um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco.** Tese (Doutorado em Antropologia Social), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/445>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

SIU, Lok. Panamá. “El ferrocarril. La tienda y el barrio”. In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. **Cuando Oriente llegó a América: Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos.** New York: IDB Bookstore, 2004, pp 79-98. Disponível em: <https://publications.iadb.org/handle/11319/219>. Acesso em: 11 de setembro de 2016.

SORRENTINO, Gabriel Portugal. **A comunidade chinesa em Curitiba.** Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2013/09/Monografia-GabrielSorrentino.pdf>. Acesso em: 01 de janeiro de 2018.

TREVISAN, Claudia. **Os chineses.** São Paulo: Contexto, 2014.

TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”. In: **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP.** São Paulo, volume 20, número 01, 2008. pp. 199-218. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson O. (org.). **A aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 36-46.

VÉRAS, Daniel Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil: A comunidade sino-brasileira em São Paulo.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais), São Paulo: Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3954>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

WOLF, Eric. R. “Etnicidade e nacionalidade”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). **Antropologia e Poder. Brasília** / Campinas: Editora da UnB / Editora da UNICAMP, 2003.

YANG, Alexandre Chung Yuan. “O comércio dos ‘coolie’ (1819-1210)”. In: **Revista de História da USP**. São Paulo n. 112, 1977, pp. 419-428. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62243>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

YIN, Bi Meng. **Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado – Interlíngua e marcadores discursivos**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23042014-092320/pt-br.php>. Acesso em: 05 de novembro de 2016.

ANEXOS



February 2017
2017年二月



真真生民
真真生民

加國託兒費



在加國托兒，不論你是單親家庭或雙薪家庭，托兒中心費用是每個家庭沉重的負擔。根據加拿大政策研究中心(Canadian Centre for Policy Alternatives, CCPA)發表的報告《日益關注：2016年加拿大主要城市托兒費用比較》(A Growing Concern: 2016 Child-Care Fees in Canada's Big Cities)，本國家庭的平均托兒費用在過去兩年增長8%，加國平均托兒費用高達2.6%三倍多，遠勝在多倫多市托兒服務，托兒費一名1歲兒童每月平均費用高達1,649元，被稱為「比加國還要貴」(見表一)。加拿大托兒費用平均必須是政府補助之一，費用之高排名全球國家前列。

多倫多托兒費最貴

在多倫多托兒最貴的托兒服務，是位於多倫多市中心的托兒中心。根據加拿大政策研究中心(CCPA)發表的報告《日益關注：2016年加拿大主要城市托兒費用比較》(A Growing Concern: 2016 Child-Care Fees in Canada's Big Cities)，多倫多市的托兒費用在過去兩年增長了8%，遠勝在多倫多市托兒服務，托兒費一名1歲兒童每月平均費用高達1,649元，被稱為「比加國還要貴」(見表一)。加拿大托兒費用平均必須是政府補助之一，費用之高排名全球國家前列。

加拿大各大城市日託費用比較

城市	單位	嬰兒	幼童	幼童(週)
溫哥華	每小時	\$1,321	\$1,325	\$190
溫尼辟	每小時	\$1,200	\$1,210	\$875
卡加利	每小時	\$1,200	\$1,200	\$850
愛民頓	每小時	\$1,102	\$1,050	\$1,010
渥太華	每小時	\$835	\$835	\$825
滿地可	每小時	\$785	\$820	\$570
魁北克	每小時	\$651	\$451	\$451
哈利法斯	每小時	\$1,320	\$1,140	\$1,031
多倫多	每小時	\$1,330	\$1,211	\$986
溫哥華	每小時	\$1,649	\$1,375	\$1,150
溫尼辟	每小時	\$1,454	\$1,137	\$986
卡加利	每小時	\$940	\$1,074	\$980
愛民頓	每小時	\$164	\$164	\$164
渥太華	每小時	\$854	\$738	\$681
滿地可	每小時	\$802	\$820	\$803
魁北克	每小時	\$735	\$808	\$556
哈利法斯	每小時	\$1,085	\$885	\$890

托兒費有利社會

根據CCPA的報告指出，托兒費用對家庭經濟造成重大影響。許多父母在支付托兒費用後，為了支付托兒費用而留在家中，對其工作產生了負面影響。此外，托兒費用對社會經濟來說，也不是好事。托兒費用越高，也沒有更多的就業機會。

各國托兒費比較

國家	佔收入比例
英國	33.1%
法國	28.1%
加拿大	22.1%
澳洲	15.7%
日本	15.1%
丹麥	10.7%
德國	9.7%
韓國	9.7%
希臘	3.7%
美國	1%

為何只有託兒服務不撥款?

為何只有託兒服務不撥款? 這是一篇關於托兒服務的文章。文章指出，托兒服務是每個家庭沉重的負擔，但政府卻沒有撥款支持。文章呼籲政府增加對托兒服務的撥款，以減輕家庭的負擔。

對於托兒服務的私人機構，每小時都不收費。因為托兒服務不收費，對於一些父母來說，這是不公平的。文章指出，托兒服務是每個家庭沉重的負擔，但政府卻沒有撥款支持。文章呼籲政府增加對托兒服務的撥款，以減輕家庭的負擔。



Jornal que circula na comunidade chinesa de São Gonçalo

HERALD MONTHLY
魏角
月報
加東版
March 2017
2017年3月

每月第一個星期三出版
加拿大雙角網頁
www.heraldmonthly.ca



王晏晏：
花農帶下地的祝福 P.12

行走風浪上 劉玉輝 P.10

葛琳卡博士心靈醫治
從憂鬱到喜樂 P.11



正在管理的多倫多神經外科醫生 Mohammed Shamji 最憂慮，恰好證明了去年十月在發表的加拿大公共衛生報告《聚焦加拿大家庭暴力》(A Focus on Family Violence in Canada)——家庭暴力問題驚人，不論貧富、種族以及教育水平，而婦女在家庭，特別是受配偶虐待的情形，更是焦點中的焦點。

加東及國文、譯文等
「家庭暴力」是英文，常用在統計上女性數字遠勝男性，所以本文以「她」代表受害者人。

報告指出，強姦、毆打、綁架、騷擾、搶劫、刀傷、槍擊、藥物成癮等行為，其目的，是為了對受害者進行控制、恐嚇或強迫性的行為。對於受害者，精神治療對許多受害者，包括：恐懼、焦慮、抑鬱、失眠、食慾不振、以及對工作、學校、家庭、朋友、以及對未來的信心。

報告指出，強姦、毆打、綁架、騷擾、搶劫、刀傷、槍擊、藥物成癮等行為，其目的，是為了對受害者進行控制、恐嚇或強迫性的行為。對於受害者，精神治療對許多受害者，包括：恐懼、焦慮、抑鬱、失眠、食慾不振、以及對工作、學校、家庭、朋友、以及對未來的信心。

全國各省及地區家庭暴力事件

各省及地區	受害人數	發生率
安大略省	100,000	1.5%
魁北克省	80,000	1.2%
艾伯塔省	60,000	1.0%
曼尼托巴省	40,000	0.8%
紐芬蘭省	20,000	0.4%
大西洋省份	30,000	0.6%
育空、西北、努納武特	10,000	0.2%
全國總計	240,000	0.4%

七位受害者就說忍受

報告指出，加拿大每年有超過 200 萬名受害者，包括：婦女、兒童、老人、以及同性戀者。在 2014 年，報告指出，有 131 萬人受到家庭暴力，其中 100 萬人受到配偶暴力，31 萬人受到其他形式的暴力。

報告指出，家庭暴力對受害者的影響是深遠的，包括：身體受傷、心理創傷、經濟困難、以及對未來的恐懼。報告指出，家庭暴力是導致婦女失業、貧困、以及對未來的恐懼的主要原因。

婦女會配伍服務

報告指出，家庭暴力對受害者的影響是深遠的，包括：身體受傷、心理創傷、經濟困難、以及對未來的恐懼。報告指出，家庭暴力是導致婦女失業、貧困、以及對未來的恐懼的主要原因。

數字以外的真相

家庭暴力的統計資料，其實只是一個參考數字，因為背後還有一大堆隱藏個案。

《聚焦加拿大家庭暴力》的數據來源，主要是來自警方報案統計、人口調查及加拿大公共衛生局的資料。然而，報告指出，數字僅能統計出最嚴重的部分，許多受害者根本不想報案或尋求幫助。

- 他們害怕自己和孩子的安全。
- 他們需要照顧受暴者的需要。
- 他們對被報案感到恐懼。
- 他們認為沒有人會相信。
- 他們認為報案是私事，沒有必要向人說出來。
- 他們認為報案是浪费时间。

家暴不分貧與富

報告指出，家庭暴力對受害者的影響是深遠的，包括：身體受傷、心理創傷、經濟困難、以及對未來的恐懼。報告指出，家庭暴力是導致婦女失業、貧困、以及對未來的恐懼的主要原因。

報告指出，家庭暴力對受害者的影響是深遠的，包括：身體受傷、心理創傷、經濟困難、以及對未來的恐懼。報告指出，家庭暴力是導致婦女失業、貧困、以及對未來的恐懼的主要原因。

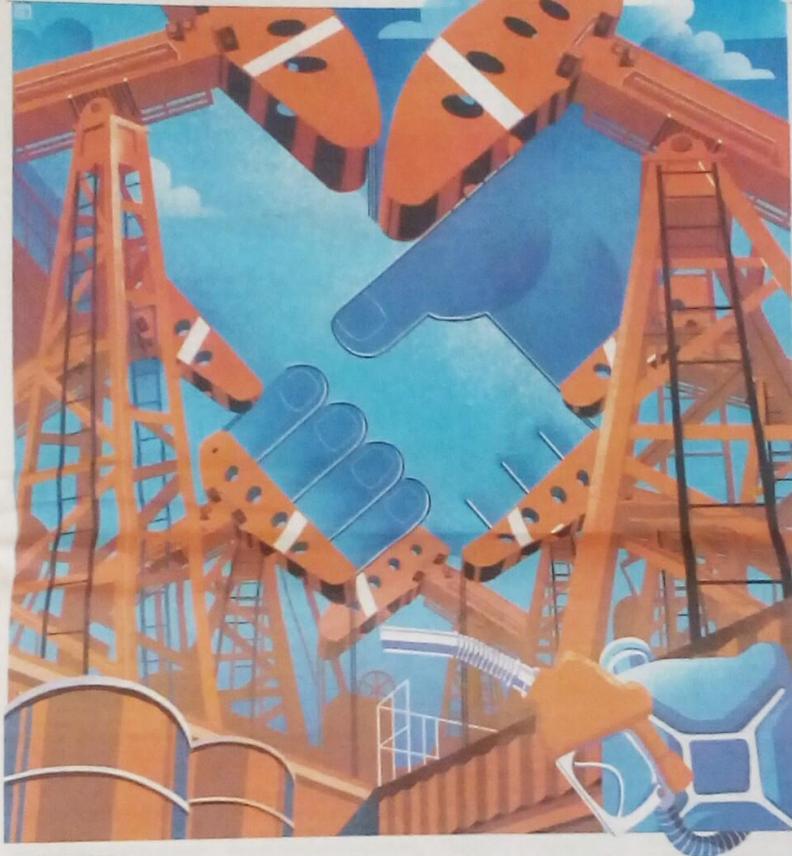
報告指出，家庭暴力對受害者的影響是深遠的，包括：身體受傷、心理創傷、經濟困難、以及對未來的恐懼。報告指出，家庭暴力是導致婦女失業、貧困、以及對未來的恐懼的主要原因。

Jornal que circula na comunidade chinesa de São Gonçalo

October 6-12, 2017 | europe.chinadaily.com.cn

CHINADAILY

中国日报 EUROPEAN WEEKLY



SONG CHEN / CHINA DAILY

LIQUID GOLD

Africa is new frontier for oil and gas exploration, presenting China with new opportunities, challenges

"Chinese investors are welcome to participate in all the investment opportunities that exist in Uganda's oil and gas sector."

ERNEST RUBONDO
executive director of the Petroleum Authority of Uganda

By **EDITHI MUTETHYA**
editthimutethya@chinadaily.com.cn

With the prospect of more oil being discovered in Africa – and riding on the thriving relationship between China and Africa – Chinese companies are looking to enhance their investment in the continent's oil and gas sector.

See **ENERGY** page 6

INSIDE

Beans cuisine p18
Companies cater to young generations p30

Hold the final chapter

By **YANG YANG**
yangyang@chinadaily.com.cn

The streets around Chunxi Road in downtown Chengdu help make up one of the wealthiest and swankiest areas you will find in Southwest China.

In the hustle and bustle of the sprawling low-rise Sino-Ocean Taikoo Li shopping center, exquisitely dressed young women pose for photos that, with the glassy Gucci store or the pastel blue walls of a Tiffany store as their glamorous backdrop, will no doubt shortly adorn the pages of social media or websites. It is quite likely that the car that roars by now and again will be a Ferrari or a Porsche.

In short, everything here seems to be designed to charm the eye – but you can almost be guaranteed that it will also tax your pocket.

Just across from the Gucci shop, on the basement floor of the Sino-Ocean Taikoo Li shopping complex, the cup of fruit juice that set you back 40 yuan (86; 5 euros; £4.50) will cost as little as 10 yuan on the other side of Shamao Street. So here, at least, Chengdu lives up to its reputation for its comfortable weather, delicious food and affordability.

At 10 pm, when the commercial areas of most of China's biggest cities empty out as people make their way home, it seems that Chengdu's citizens simply begin another shift of

See **READING** page 10



Yundi is one of the branches of Librerie Ascent-Garde in Nanjing, Jiangsu province.

PHOTO BY CHINA DAILY

Jornal que circula na comunidade chinesa de São Gonçalo